

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA**



**VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO AFETIVO EM
JOVENS ADULTOS**

RAUL ALBERTO CARRILHO CORDEIRO

DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DA SAÚDE

2012

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA**



**VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO AFETIVO EM
JOVENS ADULTOS**

RAUL ALBERTO CARRILHO CORDEIRO

**Tese orientada pela Professora Doutora Maria da Purificação da Cunha
Horta**

Coorientada pelo Professor Doutor Emílio Eduardo Guerra Salgueiro

**DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DA SAÚDE
ESPECIALIDADE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E SOCIAL**

**Todas as afirmações efetuadas no presente documento são da exclusiva
responsabilidade do seu autor, não cabendo qualquer responsabilidade à Faculdade de
Medicina de Lisboa pelos conteúdos nele apresentados.**

A impressão desta dissertação foi aprovada pela Comissão Coordenadora do Conselho Científico da Faculdade de Medicina de Lisboa em Reunião de 28 de Fevereiro de 2012.

COM O APOIO



INSTITUTO POLITÉCNICO de PORTALEGRE

PROGRAMA DE APOIO À FORMAÇÃO AVANÇADA DE DOCENTES

*Nunca tive nenhum interesse especial
Em ser especial
Apartes da vida num tom espacial
Interesseiro mas justo
Quero o espaço vital
E a imortalidade despida
De gestos da vida material
Interessam-me os olhos pensantes
Os lábios sorridentes
Interessam-me as mãos
E os sonhos, os sonhos
E o desejo, e o beijo
Interessa-me a ideia de uma lua maluca
Difusa, confusa
Interessa-me o meu e o alheio
O resto odeio
A história e o episódio
A raiva e o ódio
Interessa-me que me interessem
O nome que chamo
Interessa-me quase tudo
O resto eu amo*

Raul Cordeiro (www.avidadaspalavras.net, 2010)

AGRADECIMENTOS

As sociedades transformam-se a cada olhar que lhe deitamos. Somos afetivos, temperamentais, temos amigos e família, amamos, temos os nossos “problemas”, as nossas dúvidas, somos mais ou menos felizes, sentimo-nos sós, incapazes, outras vezes grandes e empreendedores.

Este empreendimento não teria sido possível sem o contributo, o ensino e a ajuda inestimável de uns (muitos) e a compreensão de outros que agora realço:

- A Professora Doutora Maria da Purificação Horta por ter aceitado ser minha orientadora e mentora neste percurso.
- O Professor Doutor Emílio Guerra Salgueiro, depois de ser meu orientador no Mestrado em Saúde Escolar e de ter prefaciado o meu livro “Adolescência... O corpo, a amizade e a intimidade”, ter continuado comigo esta caminhada foi uma honra para mim.
- A Professora Doutora Maria Luísa Figueira, pela confiança que depositou no projeto, por ter sempre acreditado em mim e pelas oportunidades que me deu de aprender e crescer mais um pouco.
- O João Claudino e o Miguel Arriaga, meus amigos e companheiros de sucessos e angústias de todos os dias pela força e tranquilidade que me emprestaram ao longo deste percurso.
- A Professora Ruth Sharabany (Universidade de Haifa, Israel), a Professora Paula Mena Matos (Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação da Universidade do Porto), o Professor Danilo Silva, o Professor Adriano Vaz Serra, o Professor Diogo Lara (Brasil), o Professor Hagop Akiskal (USA), a Professora e amiga Sónia Galinha (Escola Superior de Educação de Santarém) e a Dra. Lara Caeiro (Hospital de Santa Maria-Lisboa) pela ajuda sempre pronta na revisão de conteúdos e pela cedência de escalas e dados.
- Os meus colegas da Escola Superior de Saúde de Portalegre por partilharem comigo um ideal.
- O Instituto Politécnico de Portalegre, pelo apoio inestimável.

- Os Diretores das Escolas Superiores de Saúde de Beja (Professor Rogério Ferrinho) e de Castelo Branco (Professor Carlos Maia) e o Diretor da Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus da Universidade de Évora (Professor Manuel Lopes) pela facilidade na autorização da recolha de dados.
- Todos os estudantes que aceitaram que os seus dados valorizassem o meu estudo.
- A minha família e os meus amigos que sempre acreditaram em mim.
- Os que conheço da minha vida.

A todos o meu mais sincero e profundo agradecimento.

LISTA DE ABREVIATURAS

AAI	- Adult Attachment Interview
ASD	- Ansiedade de separação e dependência
ASQ	- Attachment Style Questionnaire
BAS	- Behavior Activation System
BIS	- Behavior Inhibition System
BN	- Busca de novidades
DRE	- Dependência de reforço emocional e persistência
ED	- Evitamento de dano
EOMEIS	- Objective Measure of Ego Identity Status
IEI	- Inibição da exploração e individualidade
IPPA	- Inventory of Parent and Peer Attachment
JTCI	- Temperament and Character Inventory (junior version)
MCDQ	- Mood Clinic Data Questionnaire
OCDE	- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
PBI	- Parental Bonding Instrument
QLE	- Qualidade do laço emocional
QVA	- Questionário de Vinculação Amorosa
QVPM	- Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe
TCI	- Temperament and Character Inventory
TEMPS-A	- Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego, Auto-questionnaire
TEMPS-I	- Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego, Italian Version
SPSS®	Statistical Package for Social Sciences

RESUMO

Este estudo teve como objetivo estudar a relação entre os padrões de vinculação (parental e amorosa) e o temperamento afetivo (depressivo, ciclotímico, hipertímico, irritável e ansioso) conceptualizado em temperamentos estáveis (depressivo e hipertímico) e instáveis (ciclotímico, irritável e ansioso) reunindo dados que nos permitiram perceber se padrões de vinculação seguros se correlacionam positivamente com temperamentos estáveis.

A amostra foi constituída por 760 estudantes do curso de licenciatura em enfermagem provenientes de quatro escolas do sistema de ensino superior politécnico português. Os dados foram recolhidos por questionário de autopreenchimento, formado por várias medidas: variáveis sócio-demográficas, a Escala de Temperamento de Memphis, Pisa, Paris e San Diego (TEMPS-A), validação para a população portuguesa (Akiskal & Akiskal, 2005a; Figueira et al., 2008), o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM, Versão IV (Matos & Costa, 2001a), o Questionário de Vinculação Amorosa – QVA, Versão III (Matos & Costa, 2001b).

Os participantes são maioritariamente do género feminino (83,3%) com uma média de idades de 21,3 anos, vivem maioritariamente num agregado familiar com pai e mãe, 81,7% têm irmãos e 60,3% mantêm uma relação de namoro.

A partir dos dados dos fatores de vinculação parental (pai e mãe) e de vinculação amorosa foram construídos padrões de vinculação (seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado).

De entre os cinco temperamentos afetivos (depressivo, hipertímico, ciclotímico, irritável e ansioso), o temperamento afetivo dominante para a totalidade da população estudada foi o temperamento depressivo. Apenas o temperamento irritável mostrou não estar associado ao género. Não se encontraram associações entre os temperamentos afetivos e os progenitores com quem os inquiridos coabitam ou com a existência de irmãos, revelando apenas o temperamento ciclotímico uma associação com a existência de uma relação de namoro.

Os resultados evidenciam associações significativas entre os temperamentos instáveis (ciclotímico, irritável e ansioso) e o padrão de vinculação *desinvestido* da vinculação parental (pai e mãe).

Na vinculação na relação com a mãe, o temperamento depressivo (estável) e os temperamentos instáveis (ciclotímico, irritável e ansioso) revelaram-se dominantes entre o padrão *desinvestido* e o hipertímico (estável) entre os *preocupados*.

Na vinculação na relação com o pai, o temperamento depressivo (estável) e os temperamentos instáveis (ciclotímico, irritável e ansioso) revelaram-se dominantes entre o padrão *desinvestido* e o hipertímico (estável) entre os *seguros*.

No que se refere à vinculação amorosa os resultados evidenciaram associações significativas quer entre temperamentos estáveis ou instáveis e o padrão *preocupado* sugerindo uma associação pouco clara entre temperamentos (do ponto de vista da sua estabilidade) e os indivíduos com este padrão de vinculação.

ABSTRACT

This study aimed to study the relationship between attachment patterns (parental and loving attachment) and affective temperament (depressive, cyclothymic, hyperthymic irritable and anxious) conceptualized as stable (depressive and hyperthymic) and unstable (cyclothymic, irritable and anxious) collecting data that allowed us to see if secure attachment patterns are positively correlated with stable temperaments.

The sample consisted of 760 nursing students from four schools from the Portuguese polytechnic system of higher education. Data was collected by a self-report questionnaire, formed by several measures: socio-demographic data, the Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego (TEMPS-A), validated into the Portuguese population (Akiskal & Akiskal, 2005a, Figueira et al., 2008), the Father/Mother Attachment Questionnaire - QVPM, Version IV (Matos & Costa, 2001a) and the Love Attachment Questionnaire - QVA, Version III (Matos & Costa, 2001b).

The participants were mostly female (83.3%) with an average age of 21,3 years, mostly living with both parents, 81.7% had siblings and 60.3% had a dating relationship.

The attachment patterns (secure, preoccupied, dismissing and fearful) were built from parental and love attachment data.

From the five temperaments (depressive, hypertimic, cyclothymic, irritable and anxious, the dominant temperament for the entire study population is the depressive temperament. Only the irritable temperament showed not to be associated with gender. No associations were found between affective temperaments and parents with whom the respondents or cohabiting, brothers revealing the existence of only a cyclothymic temperament associated with the existence of a dating relationship.

The results show significant associations between unstable temperaments and *dismissing* pattern of parental attachment (father and mother).

In the relationship with the mother, depressive temperament (stable) and unstable temperaments (cyclothymic, irritable and anxious) proved to be dominant between the *dismissing* and hyperthymic (stable) among the *preoccupied*.

In the relationship with the father, the depressive temperament (stable) and unstable temperaments (cyclothymic, irritable and anxious) proved to be dominant between the *dismissing* and hyperthymic (stable) between *secure*.

Regarding to love attachment the results showed significant associations between both stable or unstable temperament and the *preoccupied* pattern suggesting an unclear association between temperament (from the point of view of its stability) and individuals with *preoccupied* pattern.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	v
LISTA DE ABREVIATURAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	x
ÍNDICE GERAL	xii
ÍNDICE DE FIGURAS	xiv
ÍNDICE DE QUADROS	xv
ÍNDICE DE GRÁFICOS	xvii
INTRODUÇÃO	1
PARTE I	
VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO AFETIVO EM JOVENS ADULTOS	3
1. OS MODELOS TEÓRICOS DA VINCULAÇÃO	4
1.1. O modelo representacional de vinculação de Mary Main	22
1.2. A vinculação romântica de Hazan e Shaver	23
1.3. O modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew	25
2. OS MODELOS TEÓRICOS DO TEMPERAMENTO AFETIVO	40
3. RELAÇÕES ENTRE VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO	53
PARTE II	
ESTUDO EMPÍRICO	56
1. OBJETO DE ESTUDO	57
2. OBJETIVOS E HIPÓTESES DE ESTUDO	58
3. MATERIAL E MÉTODOS	59
3.1. Desenho da investigação	59
3.2. Amostragem	60
3.3. Medidas	62
3.4. Procedimentos de recolha de dados	67
3.5. Procedimentos de análise e tratamento de dados	67
3.6. Procedimentos éticos	69

PARTE III	
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	71
1. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	72
1.1. Variáveis sócio-demográficas	72
1.2. Vinculação	75
1.2.1. Vinculação na relação com a mãe	75
1.2.2. Vinculação na relação com o pai	78
1.2.3. Vinculação ao par amoroso	84
1.3. Temperamento afetivo	90
1.4. Relações entre variáveis	99
1.4.1. Fatores de vinculação na relação com a mãe e temperamento afetivo	99
1.4.2. Fatores de vinculação na relação com o pai e temperamento afetivo	101
1.4.3. Fatores de vinculação amorosa e temperamento afetivo	103
2. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	107
CONCLUSÕES	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
ANEXOS	135
ANEXO I- Instrumento de colheita de dados	136
ANEXO II- Parecer da Comissão Coordenadora do Conselho Científico da FML	148
ANEXO III- Autorizações de utilização de escalas de medida	150
ANEXO IV- Pedidos de autorização de recolha de dados	152
ANEXO V- Quadros de resultados	157
ANEXO VI- Publicações	162

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1- Modelo da vinculação no adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991)	26
Figura 2- Modelo bidimensional e protótipos de vinculação adulta de Kim Bartholomew (Adaptado de Griffin & Bartholomew, 1994ab)	26
Figura 3- Caracterização dos temperamentos afetivos (Adaptado de Lara, 2006)	47

INDÍCE DE QUADROS

Quadro 1 -Variáveis sócio-demográficas	73
Quadro 2 -Médias e desvios-padrão dos fatores de vinculação na relação com a mãe	75
Quadro 3 -Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de <i>clusters</i> de padrões de vinculação na relação com a mãe	77
Quadro 4 -Médias e desvios-padrão dos fatores de vinculação na relação com o pai	78
Quadro 5 -Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de <i>clusters</i> de padrões de vinculação na relação com o pai	80
Quadro 6 -Médias e desvios-padrão dos fatores de vinculação ao par amoroso	85
Quadro 7 -Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de <i>clusters</i> na vinculação ao par amoroso	87
Quadro 8 -Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos e percentagem de valores padronizados (Z-score)	90
Quadro 9 -Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos por género e percentagem de valores padronizados (Z-score)	92
Quadro 10 -Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos segundo o(s) progenitor(es) com quem coabita e percentagem de valores padronizados (Z-score)	94
Quadro 11 -Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos segundo a fratria e percentagem de valores padronizados (Z-score)	95
Quadro 12 -Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos segundo a existência de uma relação de namoro e percentagem de valores padronizados (Z-score)	97
Quadro 13 -Valores de correlação entre fatores de vinculação na relação com a mãe e temperamento afetivo	100
Quadro 14 -Relação entre padrões de vinculação na relação com a mãe e temperamentos estáveis e instáveis	100
Quadro 15 -Valores de correlação entre fatores de vinculação na relação com o pai e temperamento afetivo	102

Quadro 16 -Relação entre padrões de vinculação na relação com o pai e temperamentos estáveis e instáveis	102
Quadro 17 -Valores de correlação entre fatores de vinculação ao par amoroso e temperamento afetivo	104
Quadro 18 -Relação entre padrões de vinculação amorosa e temperamentos estáveis e instáveis	104

INDÍCE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Variabilidade dimensional da vinculação na relação com a mãe	75
Gráfico 2 -Padrões de vinculação na relação com a mãe	77
Gráfico 3 -Variabilidade dimensional da vinculação na relação com o pai	78
Gráfico 4 -Padrões de vinculação na relação com o pai	80
Gráfico 5 -Variabilidade dimensional da vinculação ao par amoroso	83
Gráfico 6 -Padrões de vinculação ao par amoroso	85
Gráfico 7 -Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z)	88
Gráfico 8 -Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z) por género	90
Gráfico 9 -Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z) por progenitor(es) com quem coabita	92
Gráfico 10 -Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z) por existência de fratria	94
Gráfico 11 -Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z) por existência de relação de namoro	95

INTRODUÇÃO

A construção desta tese emerge da nossa prática e dos nossos investimentos pessoais e profissionais na área da investigação dos fenómenos da adolescência.

A problemática que se constitui como o ponto central da nossa investigação é a análise das relações entre os padrões e fatores de vinculação parental e amorosa e o temperamento afetivo, na perspectiva de melhor entender os fenómenos de moderação mútua entre estes conceitos numa população jovem adulta.

Estamos convencidos que esta elucidação trará benefícios ao conhecimento científico na área do desenvolvimento social e humano tentando explicações que, do ponto de vista científico, não foram tentadas em estudos anteriores, nesta fase do ciclo de vida, conferindo a este estudo um carácter relevante e original.

Este é um trabalho que se centra nas formulações teóricas sobre os temperamentos afetivos apontadas por Hagop Akiskal e seus colaboradores e seguidores (Akiskal, 1985 e 1994; Akiskal & Akiskal, 2005abc; Akiskal, Savino & Akiskal, 2005; Akiskal, Akiskal, Haykal, Manning & Connor, 2005a; Akiskal et al., 1998 e 2005b) e ainda nas formulações teóricas da vinculação (Bowlby, 1978ab, 1979, 1980, 1984ab).

Akiskal & Akiskal (2005c) baseiam o modelo que propõem no conceito de predisposição de humor, na continuidade dos estudos protagonizados por Kraepelin (1913/19, 1921) e da sua observação dos padrões de humor na prática clínica, emergindo, das suas formulações, primariamente, três tipologias de temperamentos: o hipertímico, o ciclotímico e o depressivo; e, mais tarde, o temperamento ansioso e irritável.

No âmbito da vinculação optámos por escolher duas vertentes de estudo: a vinculação parental (pai e mãe) e a vinculação amorosa. Tal escolha justifica-se, em nosso entendimento por corresponderem a fases relevantes de

desenvolvimento identificadas no contínuo do desenvolvimento humano e das relações sociais.

No que diz respeito à vinculação, a teoria de Bowlby e Ainsworth (Ainsworth & Bowlby, 1991) tem-se constituído como uma base segura para a exploração das dinâmicas desenvolvimentais específicas do ser humano numa perspetiva de ciclo de vida e com recurso a uma diversidade metodológica. Os contributos da teoria e da investigação têm sido de tal forma relevantes que, na actualidade, a teoria da vinculação assume-se como um quadro concetual extremamente robusto e por isso inquestionável para o estudo da vinculação em jovens adultos.

Este trabalho encontra-se organizado em três partes. Em primeiro lugar apresentamos uma revisão bibliográfica sobre as questões particulares da vinculação a pais e pares amorosos e temperamento afetivo em jovens adultos.

Na segunda parte, apresentamos os aspetos metodológicos que nortearam o estudo. Para além de levantar hipóteses quisemos contribuir para uma tentativa de explicação das relações entre conceitos.

O estudo realizado envolveu 760 jovens adultos, estudantes do ensino superior em quatro escolas superiores de saúde e enfermagem de Portugal continental.

Na terceira parte fazemos uma apresentação e discussão dos resultados obtidos, fazendo uma síntese dos mais relevantes.

PARTE I

VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO AFETIVO EM JOVENS ADULTOS

1. OS MODELOS TEÓRICOS DA VINCULAÇÃO

Neste capítulo abordaremos os contributos teóricos da vinculação para a compreensão do desenvolvimento humano com ênfase nos comportamentos de vinculação em adolescentes e jovens adultos. Começaremos por conhecer os autores que contribuíram para a sua conceptualização, apresentando em seguida os conceitos base, tentando assim explicar as razões subjacentes à escolha desta teoria para dar significado ao nosso estudo.

Na fundação da teoria da vinculação é inevitável destacar dois nomes: John Bowlby (considerado o autor da teoria da vinculação) e Mary Ainsworth (pelos contributos que forneceu para o desenvolvimento desta mesma teoria).

A teoria da vinculação conceptualiza a propensão universal do ser humano para formar laços afetivos com outros significativos (Bowlby, 1978ab). Analisaremos brevemente as biografias destes autores de modo a perceber de que forma as ideias da teoria da vinculação se foram estruturando.

Bowlby inspirou-se em múltiplas e diversas fontes científicas desde a etologia à psicanálise para construir o seu modelo teórico de vinculação, tendo sido largamente influenciado por vários trabalhos e experiências de autores como Lorenz e Harlow, entre outros (Rajecki et al., 1976).

Para Bretherton (1991 e 1992), Bowlby começou a trabalhar na sua teoria durante a sua formação inicial, onde recebeu formação especializada em psicologia do desenvolvimento, mas foi a sua experiência de trabalho voluntário num internato para crianças desadaptadas, em conjunto com investigações acerca dos cuidados institucionais e hospitalares em bebés e crianças, que marcou a sua vida profissional.

As observações que Bowlby realizou com crianças institucionalizadas conduziram-no à conclusão de que grandes disfunções na relação mãe - criança são precursoras de psicopatologia, sendo esta relação não apenas importante para o desenvolvimento futuro da criança, mas também importantes no imediato (Cassidy, 1999). Ainsworth & Bowlby (1991) referem ser nesta fase

do desenvolvimento da teoria que surge a percepção da importância das experiências de vida para o desenvolvimento da criança.

É na Etologia, na Ciência Cognitiva (processamento da informação), na Cibernética (Teoria do Controlo dos Sistemas) e na Psicologia do Desenvolvimento que Bowlby se vai inspirar para chegar aos conceitos base da teoria da vinculação (Bretherton, 1992). Contudo, a formação psicanalítica não é totalmente abandonada por Bowlby. Apesar de a considerar insuficiente, Bowlby partilha das seguintes ideias: as experiências precoces têm um forte impacto na personalidade, nas relações, pensamentos e comportamentos dos indivíduos; e a motivação humana possui uma natureza em grande parte inconsciente.

No que diz respeito à Etologia, foram especialmente importantes para Bowlby formular a sua teoria, os trabalhos de Konrad Lorenz sobre o "*imprinting*" em patos. Lorenz demonstrou que as aves seguiam de modo persistente o primeiro OBJETO que viam a movimentar-se depois de nascerem. O "*imprinting*" é esta forma específica de aprendizagem de cada espécie que ocorre num período de tempo circunscrito (o "período crítico") e que resiste a modificação posterior. Bowlby considera então que, tal como as aves, os humanos estão predispostos biologicamente para a formação de laços significativos com indivíduos específicos. Dos contributos da etologia, Bowlby retira o papel do comportamento instintivo nos humanos e a importância de se realizarem observações dos indivíduos no seu ambiente natural.

No que diz respeito aos conhecimentos da Psicologia Cognitiva, os dados referentes ao facto das pessoas desenvolverem modelos mentais internos de fenómenos internos e externos influenciam Bowlby na sua teoria da vinculação. Com efeito, na teoria da vinculação, estes modelos mentais, designados como "modelos representacionais" ou "modelos internos dinâmicos" referem-se às representações que os indivíduos têm deles próprios, das suas figuras de vinculação e das relações estabelecidas (Bowlby, 1978ab).

Da Teoria do Controlo dos Sistemas, Bowlby retira a ideia de que os comportamentos não se podem separar do seu contexto, dando ênfase às relações entre os vários componentes do meio ambiente, assim como as interações mútuas existentes entre os vários subsistemas (Berman & Sperling, 1994). De facto, tal como Coleman & Watson (2000) referem, a observação de

partes de comportamentos isolados é qualitativamente diferente ao comportamento associado à análise das partes como um todo.

Como vimos, a teoria da vinculação integra conhecimentos de diversos domínios científicos.

Em 1948, Bowlby pede a James Robertson para o ajudar na observação de crianças hospitalizadas ou institucionalizadas que tinham sido separadas dos seus pais. Passados dois anos de observações com Bowlby, Robertson realiza um filme que, apesar de controverso, dá esperança às crianças hospitalizadas (Bretherton, 1991, 1992) ajudando a identificar e descrever as três fases do processo de separação (Bowlby, 1978ab):

- O protesto: fase relacionada com a ansiedade de separação, a qual pode iniciar-se logo após a separação ou mais tarde e manifestar-se durante horas ou dias;
- O desespero: fase relacionada com a dor e o luto, apresentando uma postura passiva apesar de manifestar preocupação pela mãe;
- A negação ou desvinculação: fase em que a criança começa a aceitar determinadas figuras que se aproximam dela e se a mãe volta parece não reconhecê-la e mesmo evitá-la (isto pode estar relacionado com os mecanismos de defesa, nomeadamente a repressão).

Estas observações, em conjunto com as observações de Harlow (1953) acerca da privação materna em macacos *rhesus*, levam Bowlby a conceber que os bebés e as crianças experimentam ansiedade de separação em situações ativadoras de comportamentos de fuga ou de vinculação, quando a figura de vinculação não se encontra presente.

Para Bowlby, o vínculo da criança com a mãe resulta de mecanismos comportamentais condicionados pela proximidade. São mecanismos condicionados pelo instinto apesar de diferenças genéticas, influências culturais ou ambientais e experiências individuais. Cassidy (1999) revela, apoiando Bowlby que existem processos básicos de funcionamento que são universais na natureza humana.

Na linha de estudos sobre a vinculação mãe-bebé, surge Ainsworth (1982) procurando compreender as diferenças individuais nas relações de vinculação precoce: conhecer os tipos ou padrões de vinculação, a sua origem e as suas consequências no desenvolvimento psicológico.

Mary Ainsworth estudou Psicologia na Universidade de Toronto, onde teve contacto com a Teoria da Segurança de William Blatz. Dos contributos da teoria de Blatz para a teoria da vinculação salientam-se: a noção da figura de vinculação como *base segura*, a partir da qual a criança pode explorar o mundo, a *metodologia de observação naturalista* (Berman & Sperling, 1994) e o conceito de *sensibilidade materna* aos sinais da criança e o seu papel no desenvolvimento dos padrões de vinculação mãe-criança (Bretherton, 1991, 1996).

Ainsworth participou na investigação de Bowlby acerca dos efeitos da separação precoce mãe-criança no desenvolvimento da personalidade.

Ainsworth desenvolveu vários estudos de observação em África e na América tendo desenvolvido o conceito de *Situação Estranha*.

Segundo Cassidy (1999), a Situação Estranha é o primeiro estudo científico da vinculação sendo responsável pelo lugar ocupado pela teoria da vinculação na Teoria do Desenvolvimento.

Mas não foi só a nível metodológico que Ainsworth contribuiu para a teoria da vinculação. Os seus contributos foram também de ordem teórica ao conceptualizar o equilíbrio entre a vinculação e a exploração e a base segura e a resposta da figura de vinculação ao nível da prestação de cuidados.

A teoria da vinculação afirma a necessidade humana universal do desenvolvimento de ligações afetivas de proximidade, que forneçam segurança e possibilitem a exploração confiante do *self*, dos outros e do mundo (Ainsworth, 1967; Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1978ab, 1979, 1980, 1984ab e 1988). Segundo a teoria da vinculação, o funcionamento psicológico é determinado pela capacidade de estabelecimento de laços emocionais. Deste modo, a rutura de laços afetivos de modo indesejado permite o entendimento das perturbações psicológicas.

O conceito de *vinculação* é definido por Bowlby e Ainsworth como um laço afetivo que uma pessoa forma com outrem, como um laço que os une e perdura no tempo (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1979), caracterizando-se como uma tendência para a procura e manutenção da proximidade a essa figura, específica em situações ameaçadoras ou geradoras de *stress* (Ainsworth, 1969, 1982, 1989, 1991 e 1994; Bowlby, 1978ab, 1979, 1980, 1984ab e 1988). A vinculação é conceptualizada como o laço emocional com outra pessoa que

é vista como uma fonte de segurança e que fornece uma base segura a partir da qual o indivíduo explora o mundo. No entanto, ligação afetiva não é coincidente com vinculação.

Assim, segundo Ainsworth (1994), a vinculação é um tipo específico de ligação emocional onde é requerida a obtenção de segurança, enquanto numa ligação afetiva pode não ocorrer a condição de segurança. Deste modo, toda a vinculação é uma ligação emocional, mas nem todas as ligações emocionais são vinculações (Ainsworth, 1994).

Bowlby faz ainda distinção entre vinculação e comportamentos de vinculação.

Os *comportamentos de vinculação* são o tipo de comportamentos que se destinam à promoção da proximidade ou contacto com a figura de vinculação, enquanto a vinculação é o laço emocional diferenciando-se desses comportamentos (Ainsworth, 1991).

Incluem-se, neste tipo de comportamentos, o chupar, o chorar, o seguir, agarrar e sorrir, comportamentos esses que contribuem e ilustram a vinculação, mas que não constituem por si só a vinculação (Ainsworth, Blehar, Walters, & Wall, 1978; Bowlby, 1978ab, 1979, 1980, 1984ab e 1988).

Ainsworth (1989, 1991) descreve a vinculação como o laço emocional que uma pessoa tem por outra que é percebida como mais forte e/ou mais sábia e que lhe proporciona segurança, conforto ou ajuda, sendo possível uma pessoa estar vinculada a outra que não está vinculada a si.

Segundo Rice (1990, p.513), no seu modelo, Bowlby faz uma diferenciação entre vinculação e comportamento de vinculação referindo que

“Dizer que uma criança está vinculada, ou tem uma vinculação a alguém. Significa que ela está fortemente disposta a procurar a proximidade ou o contacto com uma figura específica e a fazê-lo em certas situações, fundamentalmente, quando está fragilizada, com medo, cansada ou doente. O comportamento de vinculação, em posição, refere-se a qualquer das formas de comportamento que a criança frequentemente adopta para ter ou manter uma proximidade desejada.”

A vinculação, uma vez estabelecida, torna-se uma ligação duradoura e não sujeita a fatores contingentes como as situações ou os ambientes, persistindo no tempo e no espaço. Por outro lado o comportamento de

vinculação é o meio que permite a proximidade e tende a ser reforçado ou enfraquecido conforme as situações ou os fatores ambientais.

Refira-se ainda que alguns autores (Parkes & Stevenson-Hinde, 1982; (Paterson, Field & Prior, 1994) consideram que a vinculação se suporta numa estrutura bidimensional: 1) uma dimensão cognitiva/afetiva, estável e relacionada com a qualidade do afeto; 2) uma dimensão comportamental, mutável e relacionada com a utilização das figuras de vinculação em momentos de necessidade.

A vinculação diz respeito a uma relação discriminada com uma ou mais pessoas específicas designadas por *figuras de vinculação*.

O protesto da separação e a procura de proximidade são indicadores da qualidade de vinculação desde que organizados num determinado contexto e relacionados com outros comportamentos (Sroufe & Waters, 1977).

Não basta a presença continuada da figura de vinculação para garantir a qualidade da mesma. A sua presença apenas indica o estabelecimento da ligação afetiva. A qualidade é determinada pela natureza das interações que se estabelecem. Para o seu desenvolvimento com qualidade, é necessária a *sensibilidade* da figura de vinculação para responder às necessidades de proximidade e de segurança da criança e a *disponibilidade*, quer em termos físicos quer em termos emocionais, para responder quando a criança a procura.

Quando as figuras de vinculação agem de modo adequado sendo sensíveis e compreensivas, estarão criadas as condições para o desenvolvimento de uma vinculação segura, fundamental para o desenvolvimento da criança.

Por outro lado, quando não existe sensibilidade e compreensão ativa por parte da figura de vinculação, estão criadas as condições para o desenvolvimento de uma vinculação insegura, com consequências para o desenvolvimento (dificuldades emocionais e de regulação dos afetos e de integração interpessoal) (Ainsworth et al., 1978).

Segundo Bowlby (1978ab, 1979, 1980, 1984ab e 1988), a vinculação desenvolve-se com o tempo, com a *consistência* das respostas e com o sentimento de que a figura de vinculação está disponível.

Esta consistência de atitudes e comportamentos facilita o desenvolvimento de uma atitude de confiança por parte da criança (Ainsworth et al., 1978).

Isto significa que, as crianças, cujo ambiente familiar se pauta pela estabilidade e previsibilidade têm maior probabilidade de desenvolver relações de vinculação seguras, em oposição àquelas cujo contexto familiar se caracteriza como instável e imprevisível.

O conceito de *base segura* é um conceito central na definição de vinculação (Sroufe & Waters, 1977).

Deve-se a Ainsworth (Ainsworth et al., 1978) a primeira descrição da utilização de uma figura de vinculação como uma base segura a partir da qual a criança pode explorar o mundo, fazendo a ligação entre os sistemas de vinculação (manutenção de proximidade) e o de exploração (obtenção de segurança promotora da exploração). O equilíbrio dinâmico entre estes dois sistemas comportamentais garante a sobrevivência e traz vantagens ao nível do desenvolvimento.

Esta dinâmica é conseguida através da utilização da figura de vinculação como *base segura* e como *porto seguro*. Estes conceitos, apesar de próximos, possuem significados distintos. Ainsworth et al. (1978) referem que a criança procura a mãe como um porto seguro quando se sente ameaçada enquanto quando a utiliza como base segura não sente medo ou ameaça

A criança procura a segurança na sua figura de vinculação. Ora essa segurança não é apenas a procura de proximidade, mas também consiste na capacidade da criança a utilizar como base a partir da qual sente segurança para explorar o meio que a rodeia. Na ausência de ameaças, a criança pode explorar o meio circundante passando pouco tempo próxima fisicamente da sua base segura. No entanto, quando alarmada, principalmente pela separação, a criança procura o contacto com a figura de vinculação para obter conforto (porto seguro).

Foi postulado por Bowlby (Bowlby, 1978ab), um sistema comportamental que regularia a predisposição inata para o estabelecimento de laços emocionais, em especial o laço emocional entre o bebé e a mãe (ou figura cuidadora).

O sistema comportamental é específico da espécie e consiste num conjunto de comportamentos com uma mesma finalidade, em que pelo menos um contribui para o ajustamento reprodutivo, assegurando a sobrevivência da espécie.

No caso do sistema comportamental da vinculação, os indivíduos, possuem uma predisposição biológica para o estabelecimento de laços de vinculação cuja função é zelar pela sobrevivência, através da procura de proteção e segurança face a situações ameaçadoras (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1980; Main, Kaplan & Cassidy, 1985; Bretherton, 1991; Lopez & Brennan, 2000).

Este sistema resulta num conjunto de comportamentos que possibilitam a proximidade com a figura de vinculação, permitindo a exploração segura do meio.

Bowlby (1977), sofrendo influência da teoria dos sistemas de controlo, postula a existência de um sistema de controlo, localizado no sistema nervoso central que regula a ativação e desativação de um nível adequado de proximidade da figura de vinculação. A ativação deste sistema é influenciada quer pelas condições físicas e psicológicas da criança quer pelas condições ambientais.

Segundo Ainsworth et al. (1978), a ativação/desativação deste sistema é resultante da avaliação que o sujeito faz das condições do meio interno e externo e do nível de segurança percebido. Esta regulação é realizada em articulação com outros sistemas comportamentais, nomeadamente o de exploração (Ainsworth, 1982). Assim sendo, a ativação do comportamento de vinculação acontece durante toda a vida de um indivíduo sempre que se verifiquem situações ameaçadoras.

Bowlby (Bowlby, 1978ab) descreve o desenvolvimento do comportamento de vinculação em quatro fases. O desenvolvimento do comportamento de vinculação ocorre desde o nascimento até aos três anos de vida e consiste na aquisição de padrões de comportamento com maior estrutura e complexidade: Fase 1 – Orientação e sinais com discriminação limitada da figura – ocorre nas primeiras oito/doze semanas de vida, em que o bebé, apesar de não discriminar as figuras, tende a aumentar a proximidade com as pessoas, orientando-se para elas; Fase 2 – Orientação e sinais

dirigidos a uma (ou mais) figuras discriminadas – das oito/doze semanas aos seis meses de idade – o bebê diferencia as figuras com quem estabelece uma maior interação social; Fase 3 - Manutenção da proximidade a uma figura discriminada por meio da locomoção bem como de sinais - dos seis/ sete meses até aos dois/três anos -quando a figura de vinculação se afasta, a criança segue-a e fica contente com o seu regresso após a sua ausência; Fase 4 - Formação de uma parceria orientada por objetivos -início aos quatro anos - a criança possui representações acerca da figura de vinculação, de si e do mundo, representações que vão influenciar as suas aproximações à figura de vinculação. Nesta fase, a criança já consegue prever as ações da figura de vinculação independentemente das suas necessidades (estabilidade espaço-temporal das representações). Deste modo, como toma em conta a perspectiva do outro, procura negociar a realização de objetivos em parceria.

De acordo com Bowlby (Bowlby, 1984ab e 1988), existem processos orientadores da seleção de uma figura de vinculação. São eles: a) a predisposição inata para a orientação sensorial da criança para determinados estímulos humanos (a voz, estímulo auditivo; a face, estímulo visual; as mãos e o corpo, estímulos táteis) prestando especial atenção às figuras que lhe dão atenção e cuidados; b) a aprendizagem por exposição, sendo que a criança é capaz de distinguir a pessoa que cuida dela de outras apreendendo as suas características; c) uma predisposição inata da criança para se aproximar do que lhe é familiar (pessoas e ambiente); d) o reforço do seu comportamento de acordo com o *feedback* de resultados, para o qual contribuem a sensibilidade da figura de vinculação ao choro da criança e a qualidade da interação estabelecida.

Neste processo de seleção da figura de vinculação, importa realçar que mais do que a mera prestação de cuidados à criança, o que de facto contribui para a escolha é a sensibilidade da figura e a qualidade da interação estabelecida.

O conceito de modelos internos dinâmicos (*working models*) ou modelos representacionais das figuras de vinculação e do *self* é fundamental na teoria da vinculação, permitindo a compreensão das relações de vinculação ao longo do ciclo vital e das diferenças individuais na segurança.

Bowlby inspira-se nos trabalhos de Craik em 1943 e aprofunda este conceito no seu volume *Separation: anxiety and anger* (Bowlby, 1978b). Craik utiliza o conceito de *working model* para significar as estruturas internas mentais que mantêm as sequências temporais e causais dos acontecimentos do mundo (Bretherton, 1992 e 1996).

De acordo com Bretherton (1996), Bowlby utiliza a palavra *working* para ilustrar a natureza dinâmica da vinculação e a palavra *model* para ilustrar que as representações da realidade podem predizer situações futuras.

Assim, Bowlby (Bowlby, 1984ab e 1988) designa de modelos internos dinâmicos ou modelos representacionais o conjunto de expectativas acerca do *self*, dos outros e do mundo que a criança desenvolve a partir da qualidade das interações entre ela e as figuras de vinculação nos primeiros anos de vida.

Deste modo, um modelo interno dinâmico tem sido definido por diversos autores (Bowlby, 1978b; Kobak & Sceery, 1988; Collins & Read, 1990; Bretherton, 1991, 1992 e 1996; Mikulincer, 1995; Collin, 1996; Marrone, 1998) como uma representação mental ou uma estrutura interna do *self*, da figura da vinculação e do mundo relacional.

Os modelos internos dinâmicos são, segundo Berman & Sperling (1994) esquemas mentais cognitivos, afetivos e motivacionais, construídos a partir das experiências relacionais do indivíduo.

Estes modelos internos dinâmicos resultam, como já foi dito, da qualidade das interações entre a criança e as figuras de vinculação e incluem sentimentos, crenças, expectativas, estratégias de comportamento, regras de conduta, atenção, interpretação da informação e organização da memória (Main et al., 1985; Collin, 1996). Incluem duas dimensões importantes: a perceção de si próprio como possuindo valor e sujeito merecedor (ou não) de amor e de atenção, desencadeando na figura de vinculação a sensibilidade e disponibilidade para responder às suas necessidades (modelo do *self*) e a perceção dos outros como acessíveis e responsivos (ou não) no fornecimento de apoio e de proteção (modelo do outro) (Bowlby, 1978b; Lopez & Brennan, 2000). Vão ter, portanto, um efeito modelador das cognições, dos afetos e dos comportamentos em relações interpessoais futuras.

O facto de estes modelos internos serem dinâmicos tem inerente a sua capacidade de se transformarem e adaptarem face a novos contextos e

períodos de desenvolvimento bem como face a experiências relacionais cuja qualidade os contraria, acomodando-se às novas situações (em vez do processo de assimilação que ocorre na maioria dos casos).

Assim sendo, um modelo interno dinâmico que não se constitui como adequado às experiências que o indivíduo está a viver e pode ser ativado, modificado e reformulado de modo a se adequar às novas situações (West & Sheldon-Keller, 1994). Quando não acontece esta modificação, o sujeito poderá estar a utilizar uma grelha de leitura que lhe fornece uma visão distorcida da realidade (Marrone, 1998). A dominância do processo de assimilação ao processo de acomodação justifica-se pelo modo inconsciente e involuntário e automático de operar dos modelos de representação.

Bowlby (1978b) salienta a relevância das experiências precoces, propondo que os modelos mentais de representação das figuras de vinculação são constituídos durante a primeira infância moldando a construção de relações interpessoais futuras.

De acordo com Berman & Sperling *os estilos de vinculação referem-se a um modelo interno dinâmico em particular que determina as respostas comportamentais a uma separação ou reunião real ou imaginária da sua figura de vinculação* (1994, p.11).

Ainsworth e colaboradores (1978) identificaram três padrões de interação correspondentes a diferentes organizações comportamentais da vinculação resultantes dos estudos conduzidos no Uganda e em Baltimore (EUA): o seguro, o inseguro-ambivalente/resistente e o inseguro-evitante.

Resultante ainda destes estudos é o procedimento laboratorial estandardizado de avaliação da vinculação designado de *Situação Estranha*.

Este procedimento é constituído por uma sequência de oito episódios com a duração aproximada de três minutos cada, pretendendo a criação de condições para a cativação do comportamento de vinculação e da exploração de bebés com aproximadamente um ano de vida.

As crianças classificadas como seguras, cerca de 60% dos casos, reagem emocionalmente à separação da figura de vinculação, envolvendo-se em seguida em comportamentos de exploração do meio, manifestando contentamento perante o seu regresso. As figuras de vinculação das crianças

seguras são sensíveis às necessidades da criança de modo consistente existindo reciprocidade nos seus comportamentos.

As crianças inseguras-ambivalentes/resistentes, cerca de 15% dos casos, demonstram elevados níveis de ansiedade quando a figura de vinculação se ausenta, sendo difícil acalmarem-se, não explorando o meio, e face ao regresso da figura de vinculação exibem comportamentos ambivalentes (choro e desejo de proximidade e revolta demonstrando agressividade e tentando o afastamento).

A vinculação insegura-ambivalente/resistente surge quando existe uma preocupação acentuada relativamente à acessibilidade e não *responsividade* das figuras de vinculação.

O terceiro padrão de interação, o grupo das crianças inseguras/evitantes, correspondente a 25% dos casos, aparentemente não se incomodam com a separação da figura de vinculação, prestando atenção aos brinquedos da sala (mas sem o contentamento das crianças seguras) e quando a figura regressa não procuram ativamente o contacto, podendo exibir comportamentos de evitamento tais como ignorar, tentar afastar-se ou olhar para o lado. As figuras de vinculação deste grupo de crianças não são sensíveis às suas necessidades, evitam manifestações de afeto e de contacto físico e exprimem poucas emoções, podendo verificar-se negligência e hostilidade.

São muitos os estudos na vinculação adulta que adotam estes três padrões de Ainsworth, avaliados através da Entrevista da Vinculação no Adulto (*Adult Attachment Interview; AAI*) de Main e colaboradores (1985).

Sperling & Berman (1994) referem quatro estilos de vinculação definidos através da dimensão segurança-insegurança e que se caracterizam por diferentes níveis de segurança: o dependente, o evitante, o resistente ou ambivalente e o hostil.

Por seu lado, Bartholomew & Horowitz (1991) distinguem quatro estilos de vinculação resultantes da imagem que o indivíduo tem de si (positiva ou negativa) e dos outros (positiva ou negativa): o seguro (modelo positivo de si e modelo positivo dos outros), o desinvestido (modelo positivo de si e modelo negativo dos outros), o preocupado (modelo negativo de si e modelo positivo

dos outros) e o amedrontado (modelo negativo de si e modelo negativo dos outros).

Outros autores mais recentes como Fonagy & Target (1996) afirmam que “a marca da capacidade de mentalizar, isto é, de assumir a existência de pensamentos e sentimentos nos outros e em si mesmo, como também de reconhecer que isso está ligado à realidade externa”, é inexistente nos primeiros tempos de vida. No início a criança tem a experiência da sua mente como se tivesse uma correspondência exata dos seus estados internos com a realidade externa. Fonagy chama esse processo de “equivalência psíquica”, e para ele, os pensamentos e sentimentos da criança são “distorcidos pela fantasia” (Fonagy & Target, 1996).

Na verdade, mesmo o indivíduo adulto, na sua relação de amor é conformada à relação entre o objeto real e o objeto fantasiado – uma barreira imposta pelo Eu na sua tentativa de permitir apenas um prazer limitado às pulsões. A visão mais aproximada é a de que a relação mãe-bebê se processa como um diálogo dinâmico corpo-mente.

Seria errado pensar a experiência de mamar do bebê como algo imposto vindo do exterior. O bebê é um participante cada vez mais ativo no seu esforço formulando representações da experiência com o outro.

Esta capacidade, ainda que ligada ao processo de maturidade do sistema nervoso, é expressa na carne, no corpo, e assim continua, transformada pela riqueza de experiências na vida adulta do indivíduo.

Embora não atribuindo um carácter de determinação linear a esta relação, a teoria da vinculação advoga que a noção de *self* e as representações internas das experiências relacionais vão sendo interiorizadas de forma complementar ao longo do tempo, desempenhando a história de vinculação do sujeito um papel essencial neste processo (Fonagy, Target, Gergely, Allen & Bateman, 2003; Soares, 2007; Monteiro, 2008).

Desde já, se salienta que a realização de estudos na vinculação na adolescência é relativamente recente, sendo ainda prevalentes na literatura os estudos da vinculação na infância.

O estudo da vinculação durante a adolescência e a idade adulta adquiriu destaque a partir dos anos 80 do Séc. XX, quando surgiram um conjunto de trabalhos relevantes nesta área. De acordo com a revisão de Canavarro, Dias e

Lima (2006), salientamos: (a) os estudos acerca da dimensão representacional da vinculação, dos quais derivou a construção da *Adult Attachment Interview* (George, Kaplan & Main, 1985 cit. in Canavarro et al., 2006); (b) os trabalhos de Hazan & Shaver (1987) sobre a aplicação da classificação da vinculação de Ainsworth (vinculação segura ou ansiosa – evitante ou ambivalente) à organização emocional e comportamental dos adolescentes e jovens adultos, explorando o amor romântico como forma de vinculação; (c) os trabalhos de um conjunto de investigadores que, separadamente, criaram instrumentos com o objetivo de avaliar diversos aspetos relacionados com a vinculação, nomeadamente a qualidade da relação com figuras de vinculação particulares, pais ou pares (e.g. *Inventory of Parent and Peer Attachment*, IPPA, Armsden & Greenberg, 1987).

Na adolescência os indivíduos confrontam-se com a tarefa da aquisição da autonomia que não passa pelo suporte parental mas sim pela construção de novos relacionamentos (Weiss, 1991; Colin, 1996; Allen & Land, 1999; Geuzaine, Debry & Liesens, 2000; Gnaulati & Heine, 2001).

Contudo, a aquisição da autonomia não se opõe à vinculação, mas antes a complementa (Lopez, 1995; Matos & Costa, 1996; Gnaulati & Heine, 2001).

A aquisição da autonomia acontece com base na proximidade emocional e segurança que a família transmite ao adolescente (Lopez, 1995; Matos & Costa, 1996; Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999).

Nesta fase de desenvolvimento, o sujeito apresenta ganhos ao nível cognitivo adquirindo capacidades representacionais e metacognitivas (Chalmers & Lawrence, 1993) que lhe possibilita uma visão mais complexa e diferenciada de si próprio e dos outros (Harter, 1990; Moretti & Higgins, 1990).

Deste modo, os adolescentes são já capazes de formar perceções abstratas acerca deles próprios e dos outros tendo em conta diversos aspetos. Com a aquisição de competências metacognitivas são agora capazes de comparar a avaliação que eles próprios fazem desses aspetos com a avaliação feita pelos outros (como os pais e pares). São também capazes de especular como seria se fossem uma outra pessoa, o que lhes fornece a oportunidade de imaginar alternativas de si próprios na relação com os outros e considerar as consequências de diferentes desempenhos de papéis.

A adolescência implica a modificação das relações familiares e sociais do sujeito criando-se condições para se formarem novas e diferentes relações mais complexas. A alteração da relação com os pais, que pode assumir-se como conflituosa, confusa e contraditória, não significa uma desvinculação (Ryan, Deci, & Grolnick, 1995), mas sim uma transformação na relação. Segundo a perspectiva da vinculação, trata-se de um período de transição (Allen & Land, 1999) e não de uma ruptura com as experiências de vinculação anteriores. Aliás, a vinculação segura e a conectividade emocional com os pais facilita o aumento da autonomia (Ryan & Lynch, 1989).

De acordo com Ainsworth (1989), as mudanças que acontecem no processo de vinculação durante a adolescência devem-se não apenas à experiência sócioemocional deste período do desenvolvimento, mas às mudanças que ocorrem ao nível cognitivo, hormonal e neurofisiológico.

Este período de grandes transformações possibilita que o sujeito, que na infância necessitava de receber os cuidados de outros significativos, possa agora constituir-se como uma figura significativa para outro. Processa-se também uma integração dos diferentes padrões de interação estabelecidos com as várias figuras de vinculação, integração esta que se constituirá como preditiva dos comportamentos em relações de vinculação futuras (Steele, Steele & Fonagy, 1996). Escusado será dizer que, esta capacidade de abstração e de generalização das diversas relações de vinculação, apenas se torna possível com os ganhos cognitivos desta fase de desenvolvimento que, até aí, se encontrava limitada à compreensão do concreto (Feeney & Noller, 1996).

Com este pensamento formal, o adolescente pode comparar as relações que estabelece com diferentes figuras de vinculação, vendo se as relações com as figuras de vinculação primária lhe satisfazem ou não todas as suas necessidades e procurando novas relações (Kobak & Duemmler, 1994).

As novas relações de vinculação formadas na adolescência caracterizam-se pela reciprocidade, o que não acontecia nas relações anteriores pais-filhos. Ou seja, as relações de vinculação que se estabelecem a partir da adolescência não são relações assimétricas onde apenas um elemento presta cuidados e serve de base segura ao outro (normalmente, a mãe relativamente à criança).

Agora, nas relações estabelecidas quer um quer o outro elemento podem fornecer cuidados e servir de base segura que promova a exploração noutros domínios, daí se caracterizarem pela reciprocidade. A partir desta fase, as relações de vinculação são diádicas, procurando-se ou mantendo-se a proximidade com o outro de modo a alcançar segurança (West & Sheldon-Keller, 1994). Tal como na infância, a segurança depende da acessibilidade e *responsividade* da figura de vinculação, não se tornando necessário, no entanto, o contacto físico (Bowlby, 1978b; Colin, 1996).

Segundo Ainsworth (1991), um adolescente está vinculado a outro quando, à semelhança do que acontece na infância, em situações de *stress* deseja a proximidade com essa figura, procurando a segurança e o conforto, protestando quando esta não está acessível e fazendo o luto quando a perde. Ainda segundo a autora, podem constituir-se como vinculações a maioria das relações de casamento, muitos relacionamentos de base sexual e as relações de amizade. O espectro distintivo entre uma relação de vinculação e uma relação de não vinculação, é que, no primeiro caso, a perda da figura implica a dor, luto e a separação envolve tristeza ou ansiedade (Colin, 1996) não acontecendo o mesmo no segundo caso.

Deste modo, podemos destacar duas transformações importantes ao nível das relações de vinculação no período da adolescência: por um lado, temos a natureza recíproca das relações em que cada elemento da díade se pode constituir como figura de vinculação ao outro, e, por outro lado, a principal figura de vinculação deixa de ser um dos progenitores passando a ser o companheiro amoroso.

A investigação tem procurado responder à questão da manutenção ou não dos processos de vinculação da infância na adolescência. Encontramos estudos que atestam a manutenção dos processos (Benoit & Parker, 1994; Mikulincer & Florian, 1999) e outros que não encontram relações significativas entre a vinculação da infância e da adolescência (Allen & Land, 1999).

A transmissão da vinculação em termos intergeracionais chamaram a nossa atenção, não só na procura de uma descrição do que pode ser a vinculação na adolescência, mas sobretudo, porque abrem um olhar acerca da continuidade da insegurança de vinculação. Este ponto serve para nós como introdução às questões da continuidade e mudança na vinculação.

A teoria da vinculação procura compreender as relações entre pais e filhos a partir de dois pontos de vista complementares: um ponto de vista individual, isto é, considerando a elaboração por parte de cada um dos elementos desta díade, em termos da história pessoal, de expectativas acerca dos outros e de si mesmo, mas, também do ponto de vista de construção interpessoal da relação, ou seja, tendo em conta que a interação pessoal sugere a cada elemento da díade quer a clareza de envio de uma mensagem, quer a interpretação adequada e sensitiva da mesma (Kobak & Esposito, 2002).

Porém, a teoria tem vindo também a expandir a possibilidade de que há um outro nível de análise. Um modo de compreender o porquê quer da maior observação da estabilidade preditiva de vinculação ao nível da segurança, quer das revisões e da atualização dos modelos internos de funcionamento, o nível metacognitivo na terminologia de Main (Main et al., 1985; Hesse, 1999), o funcionamento reflexivo na terminologia de Fonagy (1997, 1999abcd; Fonagy, et al., 1991), ou de outro modo, a capacidade de pensar de modo global acerca de si e dos outros.

O que estas perspetivas apontam é justamente que um progenitor pode ter tido experiências na infância que lhe permitiram construir, a um nível interpessoal, relações de vinculação inseguras com um ou os dois pais, no entanto, a capacidade maior ou menor que estes (agora pais) têm de analisar as suas experiências, influencia decisivamente o funcionamento seguro da *prole*. As experiências são analisadas ao nível da interpretação pessoal. De outro modo, esta capacidade não é mais do que a aptidão para a compreensão de si e dos outros enquanto psicologicamente diferentes. Assim, não é suficiente para a segurança de vinculação deter um ambiente constante, mas progenitores capazes de refletir acerca dos seus modelos internos de funcionamento e dos dos filhos, filhos cuja experiência é no sentido da reflexão acerca de si e dos pais separadamente, mas como é também evidente, deter em paralelo o correlato comportamental dessa segurança.

Ou seja, analogamente os pais terão que consistentemente demonstrar-se sensíveis mas também responsivos às necessidades filiais de modo que, potencialmente, apenas seja *possível* a segurança.

Assim, e por reprodução, a transmissão desta competência de reflexão e a sensibilidade demonstrada através da mesma às necessidades dos outros, garante que os filhos sejam capazes de também eles pensar acerca dos pensamentos, afetos e sentimentos dos outros, tornando-se mais sensíveis às necessidades dos outros significativos, e por isso mesmo, às necessidades dos seus próprios filhos.

No contexto português, Soares (1996) encontrou continuidade e descontinuidade dos padrões de vinculação intergeracionais com uma amostra de 60 adolescentes e respetivas mães. A autora confirma de modo parcial a hipótese da continuidade intergeracional da vinculação.

Antes, Weiss (1982) terá sido dos primeiros a interessar-se com alguma especificidade pela vinculação dos adultos, sustentando que a vinculação em adultos resulta de um processo de desenvolvimento da vinculação na infância, diferindo desta em três aspetos fundamentais: as características da relação com os pares, o facto da vinculação nos adultos não se sobrepor a outros sistemas comportamentais e ainda o facto da vinculação nos adultos ser habitualmente dirigida a uma figura com quem se tem uma relação de natureza sexual.

Outros autores como Sperling e Berman (1994, p.8) referem a vinculação adulta como *a tendência individual estável para manter a proximidade e o contacto como uma figura ou figuras específicas, percebidas como fontes de segurança física ou psicológica.*

Outros ainda (Bartholomew & Thompson, 1995) referem que, a vinculação adulta é mais frequentemente dirigida a pares românticos embora se mantenha a importância das figuras parentais em especial quando a relação romântica não é estável e/ou duradoura.

De facto, no decurso do ciclo de vida, a vinculação institui-se como um processo de desenvolvimento contínuo (Bowlby, 1978ab, 1979, 1980, 1984ab e 1988), donde advém as suas inúmeras potencialidades de investigação, compreensão e interpretação do desenvolvimento humano normal.

Embora a classificação da vinculação no adulto se processe a partir do binómio segurança/insegurança, a conceptualização de diferentes tipos de vinculação suportou outros tantos modelos e originou diferentes instrumentos de medida da vinculação.

Nesta secção, procuraremos percorrer os diferentes modelos de avaliação da vinculação no jovem e no adulto, colmatando com a justificação da abordagem utilizada no estudo empírico.

Podem distinguir-se três grandes modelos de investigação neste domínio: o modelo representacional da vinculação de Mary Main, a vinculação romântica de Cindy Hazan e Philipp Shaver e o modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew.

1.1. O modelo representacional de vinculação de Mary Main

Mary Main e colaboradores (Main et al., 1985) concetualizam as diferenças observadas nos padrões de comportamento da vinculação, suportadas a nível empírico com os estudos laboratoriais da *Situação Estranha*, enquanto diferenças na representação mental da vinculação (modelos internos dinâmicos).

Para estes autores o modelo interno dinâmico consiste num *conjunto de regras conscientes e/ou inconscientes que organizam a informação relevante para a vinculação e que permitem ou limitam o acesso a essa mesma informação, ou seja, a informação que diz respeito a experiências, sentimentos e ideias relacionadas com a vinculação* (Main et al., 1985, p.66-67).

Deste modo, os modelos internos dinâmicos funcionam como mapas representacionais que direcionam o comportamento bem como a consequente avaliação cognitiva e/ou emocional do mesmo.

Assim, consideram as diferenças nos modelos internos dinâmicos que explicam as diferenças observadas nos diferentes indivíduos ao nível da organização comportamental da vinculação.

Num primeiro momento, Main et al. (1985) procuraram tornar evidente que a segurança na vinculação poderia ser avaliada não só através de registos comportamentais, mas também utilizando a linguagem discursiva. Para demonstrar isso mesmo, realizaram um estudo com 40 crianças e respetivos pais e avaliaram-nas aos 12 e aos 18 meses de idade com o procedimento laboratorial da Situação Estranha e aos 6 anos de idade (avaliada pela organização discursiva), obtendo correlações significativas entre a avaliação da

vinculação nesses dois períodos etários. Tentaram ainda perceber, realizando estudos sistemáticos, a relação entre os modelos de vinculação que os pais dessas crianças teriam com os seus pais e a segurança dos seus filhos (intergeracionalidade da vinculação).

Para isso, formularam a *Adult Attachment Interview* (AAI) (George, Kaplan & Main, 1985) que possibilitou a investigação da vinculação no jovem e no adulto bem como a condução de estudos acerca da transmissão intergeracional da vinculação. A AAI consiste numa entrevista semiestruturada cujo objetivo é a avaliação das memórias autobiográficas relacionadas com a vinculação através da coerência do discurso do sujeito. A AAI é o primeiro instrumento de avaliação da vinculação adulta formado por 15 questões que abordam as experiências precoces de vinculação e nas representações que o sujeito tem no momento acerca delas. A transcrição das entrevistas permite a identificação de três padrões de vinculação: o *seguro* (caracterizado por um discurso corrente, objetivo, dando valor às experiências de vinculação), o *desligado/evitante* (apresenta dificuldades em contar determinadas experiências de vinculação, desvalorizando-as) e o *ansioso/preocupado* (caracteriza-se pela existência de um discurso incoerente e revela confusão das experiências de vinculação) (Feeney & Noller, 1996). Posteriormente, foi encontrado o padrão *desorganizado*, referindo-se aos pais que apresentavam confusão relativamente a perdas/ traumas na vinculação.

Este método de avaliação da vinculação tem sido muito utilizado e validado em diversos estudos. As principais desvantagens deste método de avaliação prendem-se com a condução da entrevista, a sua transcrição e cotação que precisam ser realizadas por pessoas devidamente treinadas para esse efeito.

1.2. A vinculação romântica de Hazan e Shaver

Cindy Hazan e Philipp Shaver alargaram o estudo da vinculação das relações pais-filhos para o amor romântico, inspirando inúmeros estudos ao nível do jovem e do adulto construindo uma medida de avaliação da vinculação amorosa, denominada *The Love Experience Questionnaire* (Hazan & Shaver, 1987) destinada a avaliar a história da vinculação passada (relativa aos pais), o

estilo de vinculação atual e a experiência de amor (a partir do relato da experiência mais importante).

Estes autores partem de duas premissas para a construção da sua teoria: o adulto apresenta comportamentos de vinculação de promoção de proximidade e obtenção de segurança face ao seu companheiro amoroso, e a forma como experiencia a sua relação amorosa estaria relacionada com as experiências de vinculação precoces com os seus pais, dado os modelos internos dinâmicos na sua grande maioria apresentarem continuidade ao longo do ciclo vital.

Para a construção do seu modelo de vinculação no adulto inspiram-se nas quatro fases do processo de vinculação descritas por Bowlby e consideram que no âmbito das relações amorosas teríamos: a fase de pré-vinculação (caracterizada pela atração interpessoal, reflexo do interesse numa maior aproximação), a fase de início de construção de uma vinculação (onde é selecionado o companheiro amoroso), a fase de presença de uma vinculação (construção de uma relação de vinculação pautada pela reciprocidade) e parceria orientada por objetivos (a relação não se centra apenas no espectro amoroso, mas torna-se base segura para a exploração).

Mais tarde, Hazan & Shaver (1994) consideraram que as relações amorosas se mantêm ao longo do tempo ocorrendo o desenvolvimento da confiança no companheiro amoroso, caracterizando-se pela disponibilidade e sensibilidade ao outro, ao qual não são alheios os processos de *self-disclosure*, de intimidade, de comunicação franca e aberta e de resolução de problemas. Justificam a permanência no tempo de relações amorosas insatisfatórias pela ativação de comportamentos de vinculação provocados pela separação e conseqüente ansiedade de separação. Segundo os autores, o rompimento das relações amorosas seria conseqüência da relação não responder às necessidades de conforto, apoio emocional e de segurança.

Hazan & Shaver (1987, 1994) baseiam-se nos três padrões de vinculação de Ainsworth e constroem um pequeno questionário de autorrelato para a população adulta, composto por três parágrafos breves em que cada um ilustra um padrão de relacionamento (o seguro, o inseguro/evitante e o inseguro ansioso/ ambivalente). Aos sujeitos é pedido para pensarem nas suas

relações de vinculação significativas e escolherem o parágrafo que melhor corresponde à sua descrição.

Mais tarde, estes parágrafos descritivos dos padrões de vinculação são também usados em escalas de tipo *Likert* de 13 itens (Simpson, 1990) e de 18 itens na *Escala de Vinculação Adulta* (Collins & Read, 1990).

1.3. O modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew

Para a formulação do seu quadro conceptual, Bartholomew baseia-se no conceito de modelos internos dinâmicos de Bowlby.

Para Bowlby (1978ab) as experiências de vinculação da infância são internalizadas em modelos internos dinâmicos que reúnem expectativas de si próprio e dos outros. Bartholomew & Horowitz (1991) dicotomizou estas duas dimensões do *self* e do outro em positivo e negativo, formulando um modelo de quatro protótipos de vinculação.

Deste modo, os modelos internos do *self* podem ser positivos (o *self* como merecedor de amor e de apoio) ou negativos (o *self* como não merecedor de amor e de apoio), bem como os modelos internos dos outros podem ser positivos (os outros são responsivos e confiáveis) ou negativos (os outros são rejeitantes e indisponíveis).

Ao modelo do *self* está associado o grau de ansiedade e dependência nas relações próximas e ao modelo do outro associa-se o grau de responsividade e disponibilidade ou evitamento dos outros (Bartholomew & Shaver, 1998). Do cruzamento deste dois tipos de modelos obtêm quatro protótipos de vinculação: o *seguro*, o *preocupado*, o *amedrontado* e o *desinvestido* (Bartholomew & Horowitz, 1991). As Figuras 1 e 2 ilustram o modelo da vinculação no adulto de Bartholomew.

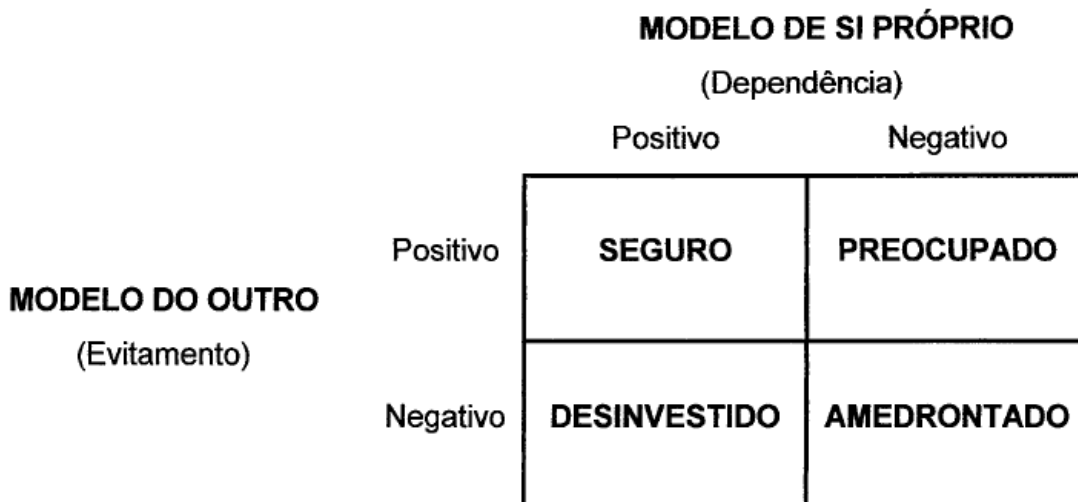


Figura 1 – Modelo da vinculação no adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991)

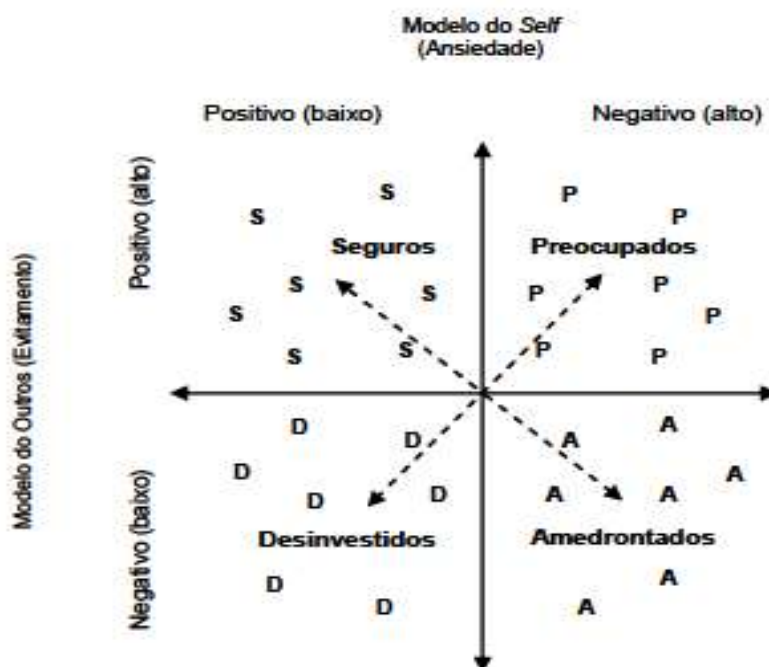


Figura 2 - Modelo bidimensional e protótipos de vinculação adulta de Kim Bartholomew (Adaptado de Griffin & Bartholomew, 1994ab)

Dada a utilização neste trabalho deste quadro conceptual como grelha de leitura e como guia de alguns dos procedimentos estatísticos que realizamos, efetuamos uma breve descrição de cada um dos *Protótipos de Vinculação* sugeridos pelo modelo de Bartholomew. Estas descrições têm por base quer o que se apresenta na *Peer Attachment Interview* (Bartholomew, 1996), quer em artigos (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991)

quer ainda nos documentos que são disponibilizados na página do laboratório dirigido pela própria Kim Bartholomew na *Simon Fraser University* (Bartholomew'sResearchLab;www.sfu.ca/psyc/faculty/bartholomew/research/).

Os sujeitos referenciados no quadrante **seguro** (*Secure*) definem-se por apresentarem níveis de coerência e autoconfiança moderados a elevados, uma abordagem positiva dos outros e ainda pelo exercício de graus elevados de intimidade nos seus relacionamentos. As representações que têm de si e dos outros são claramente positivas. As relações passadas são avaliadas de forma realista e crítica e integradas nas formas de relacionamento atual. Os sujeitos seguros tendem a utilizar estratégias de *coping* ativas que incluem o recurso aos outros como fonte de apoio em situações propiciadoras de ansiedade. São indivíduos com expressão emocional moderada, não dependendo apenas do seu/sua parceiro(a) relacional (quer se trate de um par, par amoroso ou elemento parental). As suas relações são caracterizadas pelas qualidades da mutualidade, intimidade e pelo envolvimento.

Os indivíduos caracterizados no modelo como **Preocupados** (*Preoccupied*) são *consumidos* pelos relacionamentos. Por norma pouco coerentes, tendem a *idolatrar* as suas relações; são habitualmente altamente dependentes dos outros na busca de autoestima e por isso mesmo orientados para as relações com os outros. Excessivamente expressivos, estes indivíduos apresentam-se com discursos muito elaborados porém incongruentes. As suas estratégias de resolução de problemas implicam o recurso aos outros. A sua autoconfiança é baixa e quando sujeitos a situações de separação, exibem graus elevados de ansiedade. Muito exigentes nos seus relacionamentos, procuram ativamente companhia e atenção, experimentando contudo sentimentos de falta de valorização pessoal por parte dos outros. As relações amorosas têm prioridade na vida pessoal dos *Preocupados*. Tentam um envolvimento total com contornos sufocantes, e parecem estar sempre apaixonados, como numa tentativa de nunca se encontrarem sós. Ciúme e possessividade caracterizam os relacionamentos destes sujeitos e é patente um modelo de si que impende para a negatividade e um modelo dos outros no extremo da positividade.

Os sujeitos **Desinvestidos** (*Dismissing*) são aqueles que apresentam uma representação de si próprios positiva e um modelo negativo dos outros.

Acreditam nas suas capacidades, desvalorizam ativamente o papel dos relacionamentos nas suas vidas. Apresentam-se emocionalmente frios, racionais e distantes, dando uma imagem de arrogância. As suas estratégias de resolução de problemas são na maioria das vezes a defesa e o evitamento relacional. A desvalorização ou a supressão dos sentimentos pessoais são visíveis no seu comportamento. De si próprios apresentam um sentido de autoconfiança que varia do moderado ao elevado e, quanto ao que os outros pensam deles, quase sempre afirmam não ser de importância apesar de considerarem que as opiniões que deles formam são na sua maioria negativas. Quase não se observa a componente de *Protesto de separação* nestes sujeitos e a *Procura de proximidade* é também baixa. Os relacionamentos pessoais tendem a ser muito pobres em termos de proximidade emocional, intimidade e expressividade pelo que a contenção é algo que lhes é particularmente característico.

Finalmente, no extremo das representações negativas quer de si quer do outro, agrupam-se os sujeitos **Amedrontados** (*Fearful*). O medo da rejeição parece ser a razão para o evitamento da intimidade, e a ambivalência entre querer e recear a intimidade com outros têm origem na falta de confiança pessoal. Vulnerabilidade, falta de confiança e insegurança definem estes sujeitos. As suas estratégias de *coping* são na maioria dos casos recorrentes e repetitivas, não procurando a proximidade e o conforto dos outros. Imaginam que a representação que deles fazem, é a de alguém ausente de qualidades, imagem acrescida com especificidades negativas e desvalorizantes. Caracteristicamente dependentes nas suas relações de intimidade, dificilmente as iniciam e só o fazem quando têm a certeza de que não serão rejeitados, o que raramente acontece.

Em Portugal, o estudo da vinculação segundo este modelo conceptual tem sido conduzido por Paula Mena Matos e colaboradores (Matos et al., 1999; Matos, Almeida & Costa, 1997 e 1998; Matos, Barbosa & Costa, 2001; Matos & Costa, 2006), tendo sido construído um instrumento de autorrelato, dirigido a adolescentes e jovens adultos, para a avaliação da vinculação aos pais - *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM; Matos & Costa, 2001a) - e um instrumento de avaliação da vinculação amorosa - *Questionário de Vinculação Amorosa* (QVA; Matos & Costa, 2001b).

O QVPM e o QVA foram as medidas escolhidas na presente investigação para a avaliação da vinculação aos pais e da vinculação amorosa, dado serem instrumentos construídos e validados para a população portuguesa e que apresentam boas qualidades psicométricas.

Em síntese, a teoria da vinculação a que se dedicou este capítulo constitui-se como uma importante grelha de leitura do desenvolvimento humano.

Os pontos que a seguir se apresentam tentam sistematizar as principais ideias desenvolvidas ao longo deste capítulo:

1) A teoria da vinculação afirma a necessidade humana universal do desenvolvimento de ligações afetivas de proximidade, que deem segurança e possibilitem a exploração confiante do *self*, dos outros e do mundo;

2) O conceito de *vinculação* é definido por Bowlby e Ainsworth como um laço afetivo que uma pessoa forma com outrem, laço que os une e perdura no tempo (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1978ab), caracterizando-se como uma tendência para a procura e manutenção da proximidade a essa figura específica em situações ameaçadoras ou geradoras de *stress*;

3) A vinculação é um conceito distinto do de comportamento de vinculação. Os *comportamentos de vinculação* são todo o tipo de comportamentos que se destinam à promoção da proximidade ou contacto com a figura de vinculação, enquanto a vinculação é o laço emocional que se estabelece (Ainsworth, 1991);

4) A qualidade da vinculação não depende da quantidade de tempo que a figura de vinculação está com a criança sendo determinada pela natureza das interações que se estabelecem. Para o seu desenvolvimento com qualidade, é necessária a *sensibilidade* da figura de vinculação para responder às necessidades de proximidade e de segurança da criança e a *disponibilidade*, quer em termos físicos quer em termos emocionais, para responder quando a criança a procura. Quando as figuras de vinculação agem de modo adequado sendo sensíveis e responsivas, estarão criadas as condições para o desenvolvimento de uma vinculação segura, fundamental para o desenvolvimento da criança;

- 5) A figura de vinculação pode ser utilizada como *base segura* e como *porto seguro*. Quando a criança procura a segurança na figura de vinculação está a utilizá-la como base segura. No entanto, quando alarmada, principalmente pela separação, a criança procura o contacto com a figura de vinculação para obter conforto utilizando-a como porto seguro;
- 6) O sistema comportamental da vinculação refere-se a uma predisposição biológica que os indivíduos têm para o estabelecimento de laços de vinculação cuja função é zelar pela sobrevivência, através da procura de proteção e segurança, face a situações ameaçadoras;
- 7) Bowlby (1979), sofrendo influência da teoria dos sistemas de controlo, postula a existência de um sistema de controlo, localizado no Sistema Nervoso Central que regula a cativação e desativação de um nível adequado de proximidade da figura de vinculação;
- 8) O desenvolvimento do comportamento de vinculação ocorre desde o nascimento até aos três anos de vida e consiste na aquisição de padrões comportamentais com maior estrutura e complexidade;
- 9) De acordo com Bowlby (1979), existem processos orientadores da seleção de uma figura de vinculação: a predisposição inata para a orientação sensorial da criança para determinados estímulos, a aprendizagem por exposição, uma predisposição inata da criança para se aproximar do que lhe é familiar e o reforço do seu comportamento de acordo com o *feedback* de resultados;
- 10) Bowlby (1978ab, 1979) designa de modelos internos dinâmicos ou modelos representacionais o conjunto de expectativas acerca do *self*, dos outros e do mundo que a criança desenvolve a partir da qualidade das interações entre ela e as figuras de vinculação nos primeiros anos de vida;
- 11) São identificados três padrões de interação correspondentes a diferentes organizações comportamentais da vinculação: o seguro, o inseguro-ambivalente/resistente e o inseguro-evitante;

12) Sperling & Berman (1991) referem quatro estilos de vinculação definidos através da dimensão segurança-insegurança e que se caracterizam por diferentes níveis de segurança: o dependente, o evitante, o resistente ou ambivalente e o hostil.

13) Bartholomew & Horowitz (1991) distinguem quatro estilos de vinculação resultantes da imagem que o indivíduo tem de si (positiva ou negativa) e dos outros (positiva ou negativa): o seguro (modelo positivo de si e modelo positivo dos outros), o desinvestido (modelo positivo de si e modelo negativo dos outros), o preocupado (modelo negativo de si e modelo positivo dos outros) e o amedrontado (modelo negativo de si e modelo negativo dos outros);

14) Destacam-se duas transformações importantes ao nível das relações de vinculação no período da adolescência: a reciprocidade das relações em que cada elemento da díade se pode constituir como figura de vinculação ao outro, e, por outro lado, a principal figura de vinculação deixa de ser um dos progenitores passando a ser o companheiro amoroso;

15) Podem distinguir-se três grandes modelos de investigação neste domínio: o modelo representacional da vinculação de Mary Main, a vinculação romântica de Cindy Hazan e Philipp Shaver e o modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto de Kim Bartholomew.

No âmbito dos estudos sobre vinculação parental e amorosa em jovens adultos é de notar que a esmagadora maioria dos estudos sobre vinculação parental têm sido realizados com populações de idades muito precoces não sendo muito comuns na literatura científica os estudos com populações jovens e jovens adultas contemplando estas duas variáveis.

Um dos pressupostos teóricos da teoria da vinculação assenta na importância das primeiras relações relativamente à capacidade relacional futura. Um processo que se edifica e desenvolve ao longo do ciclo vital integrando as experiências pessoais de relação e proximidade e a substituição de uns *atores* por outros (pais pelos amigos), tão essenciais na construção da individualidade e da diferença

Pipp, Shaver, Jennings, Lamborn & Fischer, 1985) constataram que em resultado do pedido a 100 universitários para esquematizarem as relações com o pai e a mãe ao longo do ciclo vital, os círculos que desenharam eram muito próximos (pai, mãe, filho) ao longo da infância, afastando-se progressivamente até ao máximo entre os 16-20 anos, voltando a aproximá-los o início da idade adulta, o que nos leva às questões da complementaridade e da reciprocidade, ou seja, o afastamento pode aparentemente fazer *desligar*, ou melhor, tornar menos salientes alguns dos componentes de vinculação aos pais (nomeadamente a *Procura de proximidade* e o *Porto seguro* que pelas exigências da construção da identidade podem funcionar, comparativamente a novas relações, por exemplo, com os pares, de forma menos proeminente, nunca deixando contudo de manter uma representação interna mais positiva ou mais negativa dos pais).

Soares (1996) utilizando a AAI numa amostra de adolescentes e de adultos, sugeriu justamente que os jovens tendem a descrever as figuras de vinculação iniciais como mais apoiantes na infância que na adultícia. Associando este resultado às representações prospetivas dos adultos por oposição a representações mais presentes por parte dos adolescentes, cremos que estes resultados refletem também a importância que na adolescência os pais têm enquanto contextos de vinculação.

Por seu turno, Furman (1999) sugeriu que o efeito de afastamento comportamental acontece precisamente porque o mutualismo e o altruísmo não têm muitas oportunidades de serem apreendidos nas relações com os pais, já que são desiguais ao nível do poder entre os intervenientes.

Talvez por isso mesmo, as relações amorosas e as relações com pares, detenham muitas características comuns ao nível da afiliação.

Integrando as questões do “*detachment*” nos estudos longitudinais sobre a continuidade ou mudança na segurança de vinculação, Buist, Dekovic, Meeus, & Van Aken (2004) ao analisarem 288 adolescentes com média de idade inicial de 13,5 anos, verificaram que os indicadores de vinculação a ambos os pais (resultados do IPPA - *Inventory of Parent and Peer Attachment*) eram significativamente mais elevados na relação com a mãe que com o pai.

Alguns investigadores (Buist et al., 2004; Smetana, Metzger & Campione-Barr; 2004) encontraram uma continuidade na proximidade

emocional dos jovens aos pais, sugerindo-se que a exploração no início da adolescência não induz a deterioração da qualidade relacional.

Ainda a propósito da exploração enquanto processo complementar da vinculação, Smetana, Metzger, Gettman & Campione-Barr (2006) ao estudarem a partilha de informação significativa e o secretismo na adolescência (com jovens a frequentarem o 9º e o 12º anos de escolaridade), verificaram que o secretismo dos jovens para com os pais era maior no que dizia respeito aos pares, nos assuntos pessoais ou relativamente a trabalhos escolares, e ainda, que os rapazes escondiam mais as questões pessoais das mães do que as raparigas. Ou seja, continua na adolescência a existir comunicação e confiança na relação com os pais, embora determinados assuntos sejam mais partilhados que outros.

Jiménez & Delgado (2002) encontraram resultados diferenciais ao estudarem a comunicação e o conflito na família ao longo da adolescência, na forma como cada jovem se relaciona com os pais. Existiu evidência de que as raparigas comunicam mais e têm menos conflitos com ambos os pais que os rapazes, porém, exibem também menores índices de autonomia relacional. Na mesma senda encontram-se os resultados de Oliva, Parra & Sánchez-Queija (2002ab) onde as raparigas, independentemente da idade (dos 13 aos 19 anos), percebem maior apoio parental e por parte dos pares que os rapazes adolescentes.

Estes estudos permitem de algum modo supor que no período da adolescência, embora a construção da identidade e a procura de autonomia sejam processos complementares e reivindicuem um distanciamento relativamente aos pais, tal não implica que haja um corte emocional entre pais e filhos. Antes pelo contrário, o que parece surgir em cada investigação é que o processo de individuação coexiste com a manutenção da qualidade da relação parental, parecendo ser este o modo mais adaptativo do sujeito psicológico se constituir enquanto entidade própria, *self* ou se quisermos, identidade.

Atualmente começa já a ser posta em prática a necessidade levantada por Bowlby de investigar diferencialmente o papel que cada progenitor tem no desenvolvimento de filhos e filhas, do qual fazem eco alguns dos resultados que acabámos de apresentar. Trata-se, na nossa perspetiva, de introduzir questões sociais e culturais, onde o papel da mulher se confunde com o de

mãe enquanto prestadora de cuidados e o do homem com o de pai como suporte das necessidades físicas mais elementares (provedor de suporte financeiro). O processo de desenvolvimento pessoal passa também, e inevitavelmente, pelo contexto cultural de proveniência das unidades familiares.

A civilização ocidental transporta consigo uma história cultural que, pese embora com diferenças claras ao nível da promoção da autonomia pessoal entre as culturas anglo-saxónicas e as do sul da Europa, mantém em comum a noção de que o papel do prestador de cuidados até à adultícia está inevitavelmente ligado à mãe. Por isso mesmo, é possível que estejamos a enviesar quer as avaliações de mães, quer as de pais, já que o seu papel não implica que as mesmas dimensões tenham um mesmo peso em se tratando de cada um deles; mais ainda, a avaliação é normalmente observada do ponto de vista materno, o que muitas vezes faz com que as conclusões retiradas dos estudos permitam uma certa imagem dos pais homens como mais *desinvestidos* da vida emocional dos seus filhos. Contudo, sendo um sistema de sobrevivência, a vinculação não pode deixar de integrar no seu *software funcional* as características sociais específicas de cada cultura, pelo que na realidade as *diferenças encontram-se*.

Ainda acerca da influência diferenciada de mães e pais na vida dos seus filhos e filhas, Bailey, Repinski, & Zook (2002) estudaram uma amostra de adolescentes que frequentavam uma escola americana rural no 7º e 10º anos de escolaridade. Constatou-se que os rapazes, por comparação às raparigas, relatavam uma maior proximidade subjetiva a ambos os pais.

Na validação do *Parental Bonding Instrument (PBI)*, Parker, Tupling & Brown (1979) estudaram uma amostra entre os 17 e os 40 anos, observando que as mães eram referenciadas como mais carinhosas e protetoras que os pais embora não se encontrassem diferenças de género relativamente aos filhos.

Matos e colaboradores (1999) estudaram a vinculação parental na adolescência (final) e o seu relacionamento com a identidade numa amostra de 361 adolescentes portugueses entre os 16 e os 22 anos de idade (12º ano de escolaridade). A metodologia utilizada recorreu a instrumentos de autorrelato: O *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)*; Matos & Costa, 2001a) com 3 fatores (inibição de exploração e individualidade, qualidade do laço

emocional e ansiedade de separação e dependência) e o *Objective Measure of Ego Identity Status (EOMEIS)* (Bennion & Adams, 1986).

A robustez superior do laço com as mães por parte das filhas em comparação com os filhos foi igualmente observado em diversos estudos (Berman & Spearling, 1991; Neves, Soares & Silva, 1999; Matos, 2002; van Wel, 2002) podendo fazer supor que os laços de vinculação das mães às suas filhas podem representar uma função protetora de acordo com estatuto feminino nas sociedades ocidentais.

Bastos & Costa (2005) verificaram em jovens universitários que a qualidade da relação com a mãe é a principal dimensão na proteção do adolescente ao aparecimento da solidão, sendo a qualidade da relação paterna o segundo protetor a ter em conta. Quanto a fatores protetores da solidão, encontrou-se evidência de que uma das condições era a *ansiedade de separação* na relação com a mãe contudo, não com o pai.

Tendo em conta a revisão efetuada, a questão do género parece ter muito a ver quer com especificidades das amostras mas também com os instrumentos utilizados na avaliação da vinculação, e, ainda, com características culturais que importa não descurar.

Se por um lado, encontramos um corpo de estudos que analisa a importância diferencial de cada elemento da parentalidade na vida dos seus filhos, por outro, investigações há que optam por cingir-se ao estudo da qualidade de vinculação a apenas um dos progenitores (ou a ambos em conjunto) e a sua associação à qualidade das relações com pares.

Quando falamos acerca de diferenças de género no que respeita aos modelos dinâmicos internos dos adolescentes nas interações com pares, Markovits, Benenson & Dolenszky (2001) apresentam resultados que apontam para desigualdades na comparação entre rapazes e raparigas.

O estudo recorreu a uma amostra mista (rapazes e raparigas) de 278 sujeitos da área geográfica de Montreal-Canadá (com idades médias compreendidas entre os 5 e os 16 anos de idade) a quem foram administradas 4 versões de um questionário de autorrelato por referência a uma figura típica, feminina ou masculina, de idade correspondente à dos respondentes; na prática cada sujeito responde a 2 questionários.

Os resultados indicaram que rapazes e raparigas têm representações diferenciadas das preferências de tamanho de grupo de pares; os relatos das representações dos rapazes indicam que estes preferem as interações de grupo às diádicas, antepondo as interações de jogo às de sentar e falar, e no geral são também percebidos pelos outros como preferindo as atividades de grupo. Por seu turno, as raparigas são percebidas como preferindo a atividade de sentar e falar à de jogo, embora não fosse clara a percepção acerca da preferência pela interação diádica ou de grupo. Acerca da dimensão “estruturação da amizade”, os resultados observaram que rapazes que são amigos de um rapaz alvo (logo a partir de uma idade média de 8 anos), são percebidos como tendo maior probabilidade de se tornarem amigos mútuos que raparigas em situação similar. Os rapazes tendem assim, a serem percebidos como preferindo uma estrutura relacional de amizades, e as raparigas, uma organização mais diádica.

Quanto ao conhecimento de informação acerca dos amigos, os resultados mostraram que no 6º ano de escolaridade os sujeitos afirmavam que as raparigas, mais que os rapazes, teriam maior probabilidade de saberem as datas dos aniversários dos amigos, nomes de parentes, notas escolares e amizades, embora as cotações referentes às preferências dos amigos sejam mais mistas. Na questão relativa ao desporto favorito dos amigos, os sujeitos cotaram como sendo mais provável que os rapazes saibam qual este é, em claro contraste com a cotação dada às raparigas. Os resultados poderão indiciar que se as representações acerca das interações com pares são diferenciadas por género, talvez os modelos dinâmicos internos na relação com pares o sejam também, e dentro desta categoria, que seja maior a probabilidade de que sejam as raparigas a deterem resultados mais salientes nas dimensões *Base segura* e *Procura de apoio*.

Berndt é um autor que tem estudado a amizade (Berndt, 1999, 2004). Num estudo em que se pretendia observar na adolescência a influência dos amigos na adaptação à escola ao longo de um ano (Berndt & Keefe, 1995), os autores recorreram a alunos de escolas públicas a frequentarem os 7º e 8º ano de escolaridade (média inicial etária de 13,8 anos). Um dos resultados transversais da investigação diz respeito ao modo mais positivo como as raparigas viam as suas relações de amizade em comparação com os rapazes,

corroborando aliás uma outra análise que encontrou indícios de que os rapazes sabiam menos acerca dos comportamentos dos melhores amigos que as raparigas. Mais ainda, a adaptação das raparigas à escola era mais influenciada pelos melhores amigos que a dos rapazes, contudo, quanto mais os melhores amigos dos rapazes estavam envolvidos nas aulas, menos investidos estavam nas relações. Ou seja, parece que a qualidade das relações era mais elevada no género feminino que no masculino, e embora as relações com os pares influenciassem quer rapazes quer raparigas, não era nas mesmas dimensões que essa influência se fazia sentir.

Shulman, Levy-Shiff, Kedem, & Alon (1997) e Shulman & Scharf (2000), num estudo a propósito das associações entre as relações de pares e amorosas, quiseram ver até que ponto os níveis de intimidade eram semelhantes em rapazes e raparigas (em relações românticas e de pares do mesmo género) e de que modo as relações de pares afetavam as relações amorosas. Recorreram a 43 casais de adolescentes (média etária de 17,25 anos) que mantinham a relação há pelo menos três meses. A escala de autorrelato utilizada para avaliação da intimidade era de cinco dimensões: Proximidade emocional, Controlo, Similaridade, Relacionamento equilibrado e Respeito. Por seu turno, a abertura de comunicação pessoal ou *self-disclosure*, foi avaliada com recurso a três subescalas: Família, Amizade e Corpo.

Os rapazes, comparativamente às raparigas, relataram níveis mais baixos de Proximidade emocional, Similaridade e Controlo nas relações de amizade do mesmo género, embora na relação amorosa relatassem níveis similares de intimidade. As raparigas, mais que os rapazes, detinham níveis de intimidade similares nas relações amorosas e de amizade e respeitavam mais quer o par do mesmo género, quer o par amoroso. Quanto à abertura de comunicação, nos rapazes era relatada em grau menor que nas raparigas apenas nas relações com os amigos, reportando maiores índices de *self-disclosure* na relação amorosa em *Amizade* e *Corpo* que os pares do género feminino.

Num estudo sobre vinculação adolescente, relações com pares e sucesso escolar, Carlivati (2001) utilizou uma amostra de 169 adolescentes (89 rapazes e 77 raparigas) do 9º e 10º ano de escolaridade com uma amplitude etária entre os 14 e os 18,75 anos de idade (média=15,9). O estudo permitiu

afirmar que os adolescentes com organizações de vinculação mais seguras aos pais têm maior aceitação social; os resultados observam ter uma amizade próxima é um fator protetor para o risco de interações negativas.

Margolese, Markiewicz & Doyle (2005), da análise de dados obtidos a partir das respostas ao *Relationship Questionnaire* (para mãe, pai, melhor amigo e relação amorosa) de 134 adolescentes com média etária de 16, 9 anos, observaram que o modelo do *self* era mais positivo relativamente às relações de vinculação com pais e com pares (sem que existissem diferenças significativas entre os *scores* das três relações) que com o par amoroso (com valores significativamente inferiores aos das restantes relações).

Freeman & Newland (2002) encontraram diferenças de género na vinculação aos pais, que se associavam posteriormente à vinculação com o par amoroso. O compromisso relacional das filhas com as mães era associado negativamente com seis das sete qualidades das relações românticas (Satisfação, Compromisso, Protesto de separação, Procura de proximidade, Base segura, Respeito e Companheirismo), sendo a exceção no Protesto de separação, assim como o Companheirismo com o namorado se associava negativamente com cinco das qualidades relacionais com as mães. Um padrão semelhante de interações negativas foi encontrado para as raparigas e os pais (homens) e os parceiros amorosos, embora um pouco mais baixas que as anteriores.

Nesta linha de resultados Matos (2002) encontrou evidência de que a relação com o pai é aquela que mais influencia a relação romântica ao nível da *Dependência* e que é a relação com a mãe a influenciar o funcionamento amoroso em termos de *Evitamento* dos pais.

Klohn, Weller, Luo & Choe (2005) estudaram a organização e o poder preditivo dos modelos de vinculação no final da adolescência (19 anos de idade, em duas amostras) quer ao nível dos modelos gerais, quer no que diz respeito aos modelos específicos de vários contextos relacionais (mãe, pai, melhor amigo e par amoroso). Foi encontrada evidência de uma maior similaridade entre as representações de vinculação de cada um dos pais e as representações quer dos pares, quer do par amoroso, que entre outro qualquer par de representações avaliadas. Nas dimensões *Ansiedade* e *Evitamento*,

verificou-se também que as semelhanças entre as quatro representações eram maiores em termos da primeira das dimensões que da última.

Matos & Costa (2006) num estudo sobre as associações entre a vinculação aos pais e a vinculação ao par amoroso em adolescentes recorreram a uma amostra de 82 adolescentes com média etária de 17,28 anos, provenientes de famílias intactas. O estudo utilizou a *Entrevista de Avaliação da Vinculação à Família* e a *Entrevista de Avaliação de Vinculação aos Pares* (Bartholomew, 1990, 1996). Os resultados indicaram uma elevada concordância na representação de vinculação segura aos pais de ambos os géneros e ainda que quer a vinculação ao pai quer à mãe parecem influenciar a relação amorosa dos seus filhos, embora de modo moderado.

Sulman & Scharf (2000) verificaram que as raparigas exibiam maior nível de intensidade afetiva nas relações amorosas que os rapazes, e que a vinculação e os cuidados eram reconhecidos, mais pelas raparigas que pelos rapazes, como vantagens da relação amorosa.

Os resultados da investigação não são robustos, porém, são mais consistentes relativamente à qualidade relacional por parte das raparigas que dos rapazes quer em se tratando das relações de pares do mesmo género quer com o par amoroso, (Grabill & Kerns, 2000; Diamond & Dubé, 2002; Giordano, 2003; Wilkinson & Sarandrea, 2005; Wilkinson, 2006).

2. OS MODELOS TEÓRICOS DO TEMPERAMENTO AFETIVO

O temperamento refere-se à forma de ser emocional de cada indivíduo sendo considerado como a base do humor, do comportamento e da personalidade (Lara, 2006). Está relacionado com a natureza emocional individual, possui herança predominantemente genética e é relativamente estável no tempo (Allport, 1961; Cloninger, Svrakic & Przybeck, 1993).

O conceito de temperamento tem raiz histórica nas propostas de Galeno e Hipócrates (há cerca de 2300 anos) que sugeriram o temperamento colérico, melancólico, sanguíneo e fleumático, baseando-se nos quatro elementos do filósofo Empédocles (500-430 a.C.): água, ar, terra e fogo (Akiskal & Akiskal, 2005a).

No início do século XX, Kraepelin descreveu os estados fundamentais ou predisposições pessoais que correspondem ao que hoje chamamos de temperamentos afetivos, propondo como estados fundamentais o depressivo, o ciclotímico, o irritável e o hipertímico (Kraepelin, 1921).

Uma classificação igualmente muito divulgada é a desenvolvida pela escola alemã de Kretschmer (1925), que considerava que as diversas disposições temperamentais se interrelacionavam com quatro tipos constitucionais distintos.

Kretschmer (1925) desenvolveu uma classificação de tipos somáticos, com a intenção de relacionar uma determinada estrutura corporal com perfis psicológicos temperamentais: os *pícnicos* – caracterizados por apresentarem grandes cavidades corporais e desenvolvimento visceral. A constituição picnomorfa mostra tendência a coincidir com um temperamento designado de ciclotímico, que se caracteriza por ser extrovertido, com fácies de alternâncias de humor, e é dominante nos quadros clínicos da psicose maníaco-depressiva; os *leptossomáticos ou asténicos* – caracterizados por apresentar tórax estreito e alongado e fraco desenvolvimento muscular. A constituição asténica convencionava um temperamento designado de esquizotímico, que indica que a pessoa é de difícil contacto nas relações pessoais, mostra frieza e

hipersensitividade; os *atléticos* - de ombros largos, com bom desenvolvimento da musculatura e esqueleto. A constituição atletomorfa, de estrutura robusta, corresponde a um temperamento viscoso, com acentuada tendência à explosividade; os *displásticos* - figuras amorfas, grandes, pequenas ou raquíticas ou apresentando anomalias e deformidades morfológicas ou viscerais. Esta constituição mostra tendência para reações intempestivas e alternâncias de humor.

Mais tarde, a escola norte-americana de Sheldon (1943) elaborou com maior rigor e com definições que se sobrepõem às de Kretschmer, uma classificação biotipológico-temperamental em três dimensões relacionando-se cada uma delas com os três folhetos embrionários da blastoderme (ectoderme, mesoderme, endoderme): os *ectomorfos* – esbeltos e frágeis, correspondem, no plano psicológico a indivíduos que ficaram designados como cerebrotônicos, que são pessoas hipersensíveis, tensos e com predisposição para as neuroses; os *mesomorfos* – fortes e toscos, predominam os somatotônicos, que se caracterizam psicologicamente por serem executores, energéticos e competitivos, com evidência de traços paranóides, quando entram no campo da patologia; os *endomorfos* – de figura arredondada e suave, mostram tendência para a viscerotonia e caracterizam-se psicologicamente por serem sociáveis, tolerantes, e afetuosos, traços que predispõem para certas perturbações afetivas.

Estas classificações temperamentais, possuíam o benefício de proporcionar uma sistematização dos tipos psicológico-constitucionais humanos, mas também o inconveniente de se mostrarem algo rígidas, com a dificuldade de nelas se poderem incluir muitos tipos intermédios além de não considerarem as variações morfológicas e psicológicas que se operam em muitos tipos humanos com o decorrer da idade ou sob influência de fatores alimentares, transculturais, entre outros.

As classificações de Kretschmer (1925) exerceram uma grande influência em toda a psicologia e psiquiatria europeias, acabando por construir uma das principais padronizações da personalidade.

Mais tarde Klages (1929) propôs que a natureza psicológica do temperamento podia definir-se como uma constante de excitabilidade da vontade, fundamentada no equilíbrio ou na posição de duas qualidades: a

rapidez e a lentidão. Se predominasse intensamente a rapidez, tínhamos um temperamento do tipo sanguíneo. Se prevalecesse a lentidão tínhamos um temperamento do tipo fleumático.

Segundo Chess & Thomas (1986), o temperamento designa características de personalidade inatas que influenciam a forma como o indivíduo reage ao ambiente e a sua progressão no desenvolvimento.

Desde então, novas propostas de classificação e distinção dos temperamentos surgiram através de Eysenck (1987), Cloninger (Cloninger et al., 1993), Pickering & Gray (1999), Akiskal (Akiskal & Akiskal, 2005a) e outros. Dois dos constructos temperamentais mais estudados na psiquiatria são o modelo psicobiológico de Cloninger e o modelo de temperamentos afetivos de Akiskal.

Eysenck (1987), por seu lado, enfoca as “dimensões biológicas da personalidade”, e a sua abordagem é eminentemente “biossocial” no sentido de que o funcionamento característico do sistema nervoso central predispõe os indivíduos a responder de certas formas ao ambiente (Hall, Lindzey & Campbell, 2000). Para a descrição da organização da personalidade, Eysenck (1987) distingue entre os conceitos de traço e tipo. Um traço é um fator primário que caracteriza as pessoas em grau variado, é o conjunto de comportamentos relacionados que ocorrem em simultâneo e repetidamente. As combinações desses traços definem os tipos mais fundamentais, os quais são fatores de segunda ordem, um constructo de ordem superior, compreendendo um conjunto de traços correlacionados.

Através de estudos baseados em questionários de personalidade, o modelo de Eysenck (1987) inclui três eixos básicos: introversão vs. extroversão, neuroticismo vs. estabilidade e psicoticismo vs. controle dos impulsos, propondo que esses três tipos estruturam as diferenças individuais de temperamento, lembrando que as diferenças individuais nesses tipos se baseiam em fatores constitucionais (genéticos, neurológicos e bioquímicos) (Hall et al., 2000).

Os experimentos realizados com base no modelo de Eysenck (1987) não confirmaram de forma unânime as suas proposições, mas apoiaram o seu argumento de que uma teoria adequada da personalidade necessita de incorporar as três características citadas.

Gray (1972, 1981, 1982) já antes tinha antecedido Eysenck (1987) em alguns pontos, apenas não aceitando a extroversão e o neuroticismo como os eixos definidores de um espaço dimensional.

Deste modo, poucos anos mais tarde, Gray (Pickering & Gray, 1999) reformulou este modelo, sugerindo a ansiedade como sistema de inibição comportamental (BIS) e a impulsividade como o principal sistema de ativação comportamental (BAS). Gray questionou a validade do conceito de neuroticismo, visto que inclui ansiedade e preocupação (do sistema inibitório) com impulsividade e hostilidade (do sistema excitatório) (Lara & Akiskal, 2006).

Zinbarg & Revelle (1989) testaram hipóteses derivadas dos modelos de personalidade de Eysenck e Gray, entre outros. Os resultados indicaram que a impulsividade e ansiedade estão mais associadas a diferenças individuais de desempenho do que a extroversão e o neuroticismo (Hall et al., 2000).

Elaborando um modelo tridimensional da personalidade, também Cloninger (1987) e Cloninger et al. (1993), descreveram um modelo de personalidade baseado em sete dimensões, sendo quatro de temperamento (com base predominantemente biológica): Busca de Novidades, Evitamento de Dano e Dependência de Reforço Emocional e Persistência e três de carácter (com base predominantemente psicológica): Autororientação, Cooperação e Autotranscendência.

A partir desta formulação foi desenvolvido o TCI (Temperament and Character Inventory (Cloninger et al., 1993; Cloninger, Pryzbeck, Svrakic & Wetzel, 1994) reunido 240 questões e destinado a estudar as intensidades e as relações entre as sete dimensões referidas.

Akiskal desenvolveu o seu modelo de temperamentos afetivos para caracterização de pacientes com perturbações do humor (Karam, Mneimneh, Salamoun, Akiskal & Akiskal, 2005; Akiskal & Akiskal, 2005ab; Akiskal et al, 1998).

Neste modelo o temperamento é concebido a partir do padrão afetivo básico, que pode ser hipertímico, ciclotímico, irritável e depressivo, os quais foram propostos originalmente por Kraepelin (Kraepelin, 1921), e mais recentemente o tipo ansioso que foi adicionado por Akiskal (Akiskal & Akiskal, 2005a). Estes cinco temperamentos afetivos são considerados a base de predisposição para o desenvolvimento dos transtornos do humor.

Akiskal e seus colaboradores e seguidores desenvolveram uma estrutura classificativa dos temperamentos (Akiskal, 1985, 1994; Akiskal & Akiskal, 2005ab) baseada, nos primeiros estádios dos seus estudos, na seguinte tipologia:

- Temperamento depressivo: indivíduos preocupados, pessimistas, quietos, tímidos, indecisos e passivos. Têm uma conduta reservada, são resignados, reflexivos e com elevada tolerância para situações monótonas ou que exigem cautela.

- Temperamento ciclotímico: indivíduos que alternam entre períodos de auto-confiança alta e baixa, estados apáticos e energéticos, pensamentos confusos e aguçados, humor tristonho e brincalhão, momentos introvertidos e expansivos, sonolência e pouca necessidade de sono.

- Temperamento irritável: manifestação de irritabilidade como característica marcante e constante. Os indivíduos são ameaçadores, desconfiados, combativos e destrutivos.

- Temperamento hipertímico: os indivíduos são dinâmicos, desejam estímulos e sensações de prazer, tem tendência para a impulsividade, curiosidade, extravagância e desorganização. Pretendem reacções afectivas rápidas e intensas, e possuem inquietação, tédio e irritabilidade.

Em estudos posteriores viria a ser integrado o temperamento ansioso: caracterizado por disposição de personalidade exagerada em direção à preocupação. Caracteriza-se por um humor ansioso, com sensações desagradáveis de ansiedade manifestando-se por tremores, sudorese ou taquicardia, sempre com reacções ansiosas em situações específicas (provas, trabalho, entrevistas, situações sociais, entre outros).

Akiskal desenvolveu, ao longo do seu trabalho e dos seus colaboradores e seguidores, nos últimos 25 anos, uma escala de avaliação dos temperamentos afetivos (TEMPS-A – Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego, Auto-questionnaire).

A forma que atualmente existe está intimamente ligada com o desenvolvimento inicial de um instrumento de avaliação semiestruturado (Mood Clinic Data Questionnaire – MCDQ) desenvolvido para a recolha sistemática de diagnósticos clínicos (Akiskal et al., 1978), identificada que estava a dificuldade de formulação de diagnósticos numa banda muito estreita no que se referia às

perturbações do humor, limitada igualmente pela formulação constante do DSM II (American Psychiatric Association, 1968).

Com base em conceitos da escola alemã (Shneider, 1958), nas descrições de Kraepelin (1899/1921) e na sua própria experiência clínica, são adotado o termo “temperamento” e operacionalizados quatro tipos de temperamentos: depressivo, ciclotímico, hipertímico e mais tarde irritável (Akiskal & Malya, 1987).

É então publicada a primeira versão completa da *Memphis clinician interview form for temperaments* (Akiskal & Malya, 1987) que rapidamente colheu a atenção da comunidade científica pela sua facilidade de utilização na prática clínica. Esta primeira forma de avaliação dos temperamentos foi posteriormente validada através de diversos estudos nomeadamente através do denominado estudo colaborativo de Pisa (Placidi et al., 1998b, Akiskal et al., 1998).

Surge assim, a primeira forma psicométrica validada de avaliação dos temperamentos afetivos – A TEMPS-I: Temperament Evaluation of Memphis, Pisa e San Diego –I).

Foram igualmente comparados os estudos de Cloninger e Akiskal.

Três estudos (Maremmani et al., 2005; Akiskal & Akiskal, 2005ab; Rózsa et al., 2008) foram conduzidos com avaliação simultânea com o TCI e a TEMPS, demonstrando essencialmente que o temperamento hipertímico está associado com alta *busca de novidades* (BN) e baixo *evitamento do dano* (ED); o irritável com alta BN e moderado ED; o ciclotímico com ambos altos; o ansioso com moderada BN e alto ED e finalmente que o temperamento depressivo está associado com baixa BN e alto ED. A dependência de reforço emocional e persistência estão fracamente correlacionadas com estes cinco temperamentos afetivos.

Estudos subsequentes realizados em França (Hantouche & Akiskal, 1997) permitiram a incorporação do temperamento ansioso que já figurava na primeira formulação da forma de entrevista semiestruturada embora de forma rudimentar.

A TEMPS-A (Autoquestionário) foi posteriormente desenvolvida em San Diego sob a denominação de Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris e San Diego Autoquestionnaire (TEMPS-A).

Atualmente a TEMPS-A está validada para cerca de 25 países.

Mais recentemente, Lara (2006) propôs, um modelo em que cada dimensão do temperamento propostas por Cloninger está relacionada com as emoções básicas de medo (evitação de dano), raiva (busca de novidades), apego (dependência de reforço emocional) e ambição ou determinação (persistência). Neste modelo, as dimensões apresentam distribuição normal, contemplando tanto a normalidade quanto as suas variações.

Medo e raiva são as emoções mais básicas que constituem o temperamento, que são moduladas por uma função de controlo (Lara & Akiskal, 2006). O modelo dimensional baseado em traços de medo e raiva tal como proposto recentemente (Lara & Akiskal, 2006) adapta os conceitos de evitação de dano e busca de novidades de Cloninger e procura combinar as vantagens dessa abordagem ao modelo de Akiskal para temperamentos afetivos. Essa remodelação tem como objetivo diminuir as limitações de ambos os modelos. Este novo modelo integrativo incorpora as dimensões normais e patológicas, concebe perturbações do humor, comportamento e personalidade concomitantemente, e fundamenta-se em funções cerebrais nos níveis comportamental, cognitivo, neuroquímico e anatómico.

A combinação dos traços de ativação (vontade/raiva), inibição (medo) e controle (dever-atenção) geraria os principais tipos de temperamentos afetivos propostos por Lara (ver Figura 3).

Esses temperamentos afetivos formam a predisposição a perturbações do humor como a perturbação bipolar do tipo I em indivíduos com temperamento hipertímico e irritável, do tipo II em irritáveis e ciclóticos, perturbações da ansiedade em ansiosos, perturbações depressiva major em depressivos, e perturbações de hiperatividade com déficit da atenção e seus subtipos em lábeis, apáticos e desinibidos (Lara & Akiskal, 2006).

Temperamento afetivo	Ativação (vontade)	Ativação (raiva)	Inibição (medo)	Controle (dever-atenção)
Depressivo	↓↓	↔	↑	↔
Ansioso	↔	↔	↑	↔
Apático	↓	↓	↔	↓↓
Ciclotímico/disfórico	↔	↑↑	↔	↓
Eutímico	↑	↓	↔	↑
Irritável	↑	↑↑	↔	↑
Lábil	↓	↑	↔	↓↓
Desinibido	↔	↔	↓	↓
Hipertímico	↑↑	↔	↓↓	↑

↓ - baixo, ↓↓ - muito baixo, ↑ - alto, ↑↑ - muito alto, ↔ médio

Figura 3 - Caracterização dos temperamentos afetivos (Adaptado de Lara, 2006)

Olhando o estado de arte do estudos do temperamento afetivo são importantes algumas referências.

Erfurth et al., (2005a) desenvolveram um estudo com 1056 estudantes da Universidade de Westfalisch-Wilhelms, em Munster na Alemanha, usando a TEMPS-A com o objetivo de criar uma versão curta da escala e em utilizaram entre outros o Inventário de Depressão de Beck na medida da sintomatologia depressiva. Independentemente do resultado final relativo à referida versão curta da escala (*briefTEMPS-M*), na população estudada, o temperamento que apresentou valores médios mais elevados foi o temperamento hipertímico ($M=20,62$; $SD=4,64$) seguido do temperamento ciclotímico ($M=15,73$), do temperamento irritável ($M=15,67$), do temperamento depressivo ($M=14,71$) e do temperamento ansioso ($M=14,69$). Realça-se ainda neste estudo uma correlação significativa entre todos os temperamentos, excepto entre o hipertímico e a presença de sintomatologia depressiva.

Usando o *briefTEMPS-M* com a mesma população referida no estudo anterior, Erfurth et al., (2005b) apresentaram os dados relativos ao estudo dos temperamentos por género. Refiram-se os valores mais elevados, de forma estatisticamente significativa para o temperamento depressivo, ciclotímico e ansioso entre o género feminino e o valor mais elevado para o temperamento hipertímico entre o género masculino.

Também Figueira et al., (2008), num estudo envolvendo 1173 estudantes universitários portugueses de várias áreas de estudos, com idades entre os 17 e 58 anos, encontraram resultados semelhantes para ambos os géneros com resultados mais elevados para os temperamentos depressivo (6,96), ciclotímico (7,26) e ansioso (9,68) entre o género feminino e mais elevados nos temperamentos hipertímico (12,13) e irritável (5,07) entre o género masculino.

Numa fase preliminar à redação desta tese, Cordeiro et al., (2008) estudou um grupo de 47 profissionais de enfermagem de saúde mental e psiquiatria de hospitais do centro de Portugal, de ambos os sexos, com uma média de idades de 38,5 anos, tendo verificado uma dominância geral do temperamento hipertímico, apresentando os indivíduos do sexo feminino valores médios mais elevados nos temperamentos depressivo, ciclotímico e ansioso.

Noutro estudo, mais recente, Figueira et al., (2009), com 1396 estudantes do ensino superior de várias áreas incluindo Medicina, Psicologia, Artes, Engenharia, Direito e Enfermagem, encontraram resultados médios mais elevados para o temperamento hipertímico em todos os grupos com exceção dos estudantes de Enfermagem em que os resultados médios mais elevados foram registados para o temperamento ansioso. Também neste estudo foi verificada a correlação entre temperamentos verificando-se apenas a inexistência de correlação entre o temperamento hipertímico e irritável, que também já se verificara no estudo referenciado anteriormente (Figueira et al., 2008). A independência do temperamento hipertímico em relação ao irritável foi igualmente reportada por Blöink, Brieger, Akiskal & Marneros (2005) e por Pompili et al., (2008) com populações alemãs e italianas respetivamente.

Blöink et al. (2005) estudaram 227 estudantes de medicina e psicologia tendo encontrado resultados muito similares com valores médios mais

elevados de forma estatisticamente significativa, para o temperamento hipertímico entre o género masculino e para o temperamento depressivo e ansioso entre o género feminino. Além destes dados Blöink et al., (2005) mostraram ainda as correlações estatisticamente significativas entre o temperamento depressivo e todos os outros temperamentos, entre o temperamento hipertímico e o temperamento ansioso, entre o ciclotímico e irritável e entre o irritável e o ansioso.

Nos estudos de validação da TEMPS-A para uma população japonesa (n=1391, média de idades de 37,1 anos) realizados por Matsumoto et al., (2005), numa população não clínica, foram encontrados valores médios mais elevados para o temperamento depressivo embora neste estudo tenha sido utilizado um fator de correção cultural para este temperamento. Neste estudo os temperamentos depressivo, ciclotímico, irritável e ansioso mostraram estar correlacionados positivamente entre si sendo que o temperamento hipertímico não evidenciou correlação com os outros temperamentos, excetuando com o irritável.

Num estudo realizado na Turquia com 658 indivíduos de ambos os sexos, com média de idades de 31,6 anos, Vahip et al., (2005) registaram como temperamentos dominantes o depressivo, irritável e ansioso com resultados mais elevados para o temperamento ansioso entre o género feminino e para o temperamento hipertímico entre o género masculino.

Signoretta, Maremmani, Liguori, Perugi & Akiskal (2005), num estudo integrado no estudo colaborativo Pisa-San Diego sobre temperamentos afetivos e traços de personalidade, com 1010 estudantes, de ambos os sexos, com média de idades de 18 anos, identificaram como temperamento afetivo dominante (44,2%) o temperamento hipertímico. Neste estudo foram ainda registadas associações significativas entre o temperamento ciclotímico e sintomatologia do campo das perturbações de ansiedade em ambos os sexos.

Vásquez et al., (2007) no estudo de validação de uma versão da TEMPS-A para a população argentina realizado em Buenos Aires (Argentina), junto de 932 indivíduos de ambos os sexos, com média de idades de 35,4 anos encontrou correlações estatisticamente significativas e fortes entre o temperamento depressivo e o ansioso e entre o ansioso e o ciclotímico.

Noutro estudo, para a validação da versão libanesa-árabe da TEMPS-A, com 1320 indivíduos, de ambos os sexos, com média de idades de 43 anos, Karam et al., (2005) encontraram correlações fortes entre o temperamento ansioso e ciclotímico. Verificaram também que os resultados médios mais elevados do temperamento depressivo, ciclotímico e ansioso se verificavam entre o sexo feminino enquanto os indivíduos do sexo masculino obtiveram resultados médios mais elevados no temperamento hipertímico. Foi ainda observada neste estudo uma tendência de aumento dos resultados médios do temperamento depressivo com a idade ao inverso do verificado nos temperamentos ciclotímico e irritável.

Rózsa et al., (2008) no estudo de validação da TEMPS-A para uma população húngara constituída por 1132 estudantes universitários de ambos os sexos com média de idades de 27,7 anos, verificou resultados médios mais elevados para o temperamento depressivo e ansioso entre o género feminino e para o temperamento hipertímico entre o género masculino. Resultados similares foram encontrados por Blöink et al., (2005), Vahip et al., (2005) e Karam et al., (2005a).

Rózsa et al., (2008) evidenciaram igualmente a correlação estatisticamente significativa entre todos os temperamentos afetivos e a idade com resultados de correlação em sentido inverso com o ciclotímico, hipertímico e irritável bem como a correlação entre todos os temperamentos com exceção do temperamento hipertímico que mostrou alguma independência relativamente aos outros temperamentos.

Nos estudos de validação para a Polónia, com um total de 521 estudantes do ensino secundário, Borkowska et al. (2010), registaram como temperamento dominante o depressivo com as correlações positivas mais fortes entre temperamentos a serem registadas entre o depressivo e o ansioso e entre o ciclotímico e o irritável. Os valores médios mais elevados do temperamento hipertímico foram encontrados entre o sexo masculino comparativamente ao sexo feminino. O sexo feminino revelou valores médios estatisticamente mais elevados no temperamento ciclotímico e ansioso.

Em síntese podemos verificar pelos estudos apresentados uma tendência para a associação do temperamento depressivo, ciclotímico e ansioso ao sexo feminino e do temperamento hipertímico e irritável ao sexo

masculino. Nos estudos que estudaram as correlações entre temperamentos verifica-se a tendência para que os temperamentos não sejam independentes entre si mostrando sobreposições de características.

A este propósito, Akiskal et al., (1998) e Karam et al. (2005) referem que o temperamento ansioso apresenta sobreposições de características com o temperamento depressivo e ciclotímico, assim como o temperamento irritável com o hipertímico e o ciclotímico.

Estão igualmente relatadas correlações entre os temperamentos afetivos e a idade com evidências para relações diretas entre a idade e o temperamento depressivo e inversas entre o temperamento ciclotímico e a idade.

Outros estudos têm incidido o seu foco sobre a estabilidade do temperamento afetivo tentando perceber se alguns temperamentos são mais estáveis do que outros.

Para Placidi, Maremmani, Signoretta, Liquori & Akiskal (1998a, p.199) é *geralmente aceite que o temperamento não é totalmente estável*, que pode mudar com o desenvolvimento, e também que alguns temperamentos têm mais propensão à instabilidade que outros.

Placidi et al., (1998a) referem que igualmente que existe um interesse renovado nas teses de Kraepelin segundo as quais a desregulação temperamental em indivíduos jovens representa o fundamento constitucional do aparecimento de episódios de doença maníaco-depressiva.

Ainda segundo estes autores a organização do temperamento em ciclotímico, depressivo, hipertímico e irritável pode representar um fundamento para a bipolaridade.

No estudo efetuado por Placidi et al., (1998a), que avaliou, com recurso à TEMPS-I, 206 alunos italianos do ensino secundário com idades entre os 14 e os 18 anos, em dois momentos separados por 2 anos, os temperamentos afetivos revelaram um nível baixo a moderado de estabilidade sendo o ciclotímico o temperamento mais estável ao longo do tempo.

Peruggi et al., (2010) concluiu que o temperamento afetivo e os traços psicopatológicos, tais como ansiedade de separação e sensibilidade interpessoal têm impacto sobre as manifestações clínicas e o curso da perturbação bipolar.

Os estudos de Peruggi et al., (2010) permitem a organização dos temperamentos em dois subtipos: estáveis e instáveis. Nos temperamentos estáveis situar-se-ia o temperamento hipertímico e nos temperamentos instáveis os temperamentos ciclotímico, ansioso, depressivo e irritável.

Efetivamente, olhando esta questão da estabilidade do ponto de vista psicopatológico, já Kraepelin (1921) havia observado que os temperamentos ciclotímico, irritável, ansioso e depressivo eram base fértil para o aparecimento de episódios maníaco-depressivos o que o levaram a formular a hipótese de os temperamentos serem formas “atenuadas” de doença bipolar ou de outras formas clínicas (Perugi et al., 2010).

Perugi et al. (2010) verificaram que numa população com doença bipolar tipo I, os temperamentos ciclotímico, irritáveis, ansiosos e depressivos estavam inversamente correlacionados com o temperamento hipertímico, o que é compatível com outros estudos (Brieger et al., 2003; Gonda et al., 2009 e Karam et al., 2007). Conclui Perugi et al., (2010, p.7) que, pelo menos do ponto de vista psicométrico, as disposições dos temperamentos afetivos são realmente 2 em vez de 4 ou 5: Depressivo-Ciclotímico-Ansioso-Irritável e Hipertímico. O primeiro grupo parece ser caracterizado pela instabilidade emocional e o segundo pela intensidade emocional.

3. RELAÇÕES ENTRE VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO

Uma revisão da literatura sobre a relação entre vinculação e temperamento em populações adolescentes revelou-se uma tarefa árdua.

Para Chotai, Jonasson, Hagglof & Adolfsson (2005) os estilos de vinculação em adolescentes demonstraram estar associados com variáveis de saúde, temperamento e traços de personalidade. Neste estudo que utilizou como medidas o *ASQ - Attachment Style Questionnaire* (Feeney, Noller & Hanrahan, 1994) e o *JTCI – Temperament and Character Inventory, junior version* (Cloninger et al., 1993), aplicadas a uma população de 426 adolescentes suecos de ambos os sexos com média de idades de 15,3 anos, o estilo de vinculação *seguro* foi correlacionado significativa e negativamente com o *evitamento do dano* (ED) e significativa e positivamente com *busca de novidades* (BN), *dependência de reforço emocional e persistência* (DRE). O estilo de vinculação *preocupado (ansioso/ambivalente)* foi correlacionado significativa e positivamente com ED e BN.

Ainda no âmbito da relação entre temperamentos afetivos e vinculação, recordamos três estudos (Maremmani et al., 2005; Akiskal et al., 2005ab; Rózsa et al., 2008) já anteriormente referenciados, conduzidos com avaliação simultânea com o TCI e a TEMPS, demonstrando essencialmente que o temperamento hipertímico está associado com alta *busca de novidades* (BN) e baixo *evitamento do dano* (ED); o irritável com alta BN e moderado ED; o ciclotímico com ambos altos; o ansioso com moderada BN e alto ED e finalmente que o temperamento depressivo está associado com baixa BN e alto ED. A *dependência de reforço emocional e persistência* está fracamente correlacionadas com estes cinco temperamentos afetivos.

A interligação entre estes vários estudos sugere-nos uma associação mais clara entre o temperamento irritável, ciclotímico e ansioso e o estilo *preocupado* e entre o temperamento hipertímico e ansioso e o estilo *seguro*.

No entanto, devemos referenciar que a maioria dos estudos sobre a relação entre temperamento e vinculação têm sido conduzidos junto de

populações muito jovens (avaliação de características temperamentais em crianças de baixa idade e vinculação aos pais) não sendo frequente encontrar na literatura estudos com populações jovens ou jovens adultas.

A relação entre o temperamento e vinculação em crianças tem sido discutida na literatura a partir de duas perspectivas conceituais e metodológicas.

A teoria da vinculação tem mantido que o desenvolvimento da relação entre a criança e o cuidador é uma co-construção decorrente da produção de sinais por parte da criança que atraem a atenção do cuidador (sorriso) e a prestação de cuidados (choro), e da forma como o cuidador responde a esses sinais (sensibilidade e responsividade), acreditando que a qualidade da vinculação estará mais relacionada com o comportamento do cuidador que com diferenças na produção de comportamentos por parte da criança (Mangelsdorf & Frosch, 1999; Vaughan & Bost, 1999).

Outros teóricos do temperamento têm argumentado que este pode afetar a forma como as crianças chamam a atenção dos seus cuidadores realçando no entanto que a atitude de resposta do cuidador é o fator que mais afeta a qualidade da ligação (Sroufe, 1985).

Do ponto de vista metodológico, a relação entre temperamento e vinculação foi examinada em primeiro lugar em estudos que avaliavam a vinculação em *Situação Estranha* (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). Outros pesquisadores sugeriram que o comportamento em *Situação Estranha* podia ser influenciado pelo temperamento da criança, mas apenas na medida em que afetava as respostas desta à separação (Vaughan & Bost, 1999).

Alguns investigadores, no entanto, argumentaram que o temperamento pode desempenhar um papel ainda mais determinante na vinculação. Fox, Kimmerly & Schafer (1991), por exemplo, conduziram uma meta-análise considerando os estudos (11 estudos) que demonstravam a concordância dos resultados de vinculação entre mãe e pai. Estes resultados sugerem, para os autores, que o temperamento pode influenciar o comportamento. Além disso, noutro estudo sobre a relação entre a inibição comportamental e a vinculação, Calkins & Fox (1992) relataram que as crianças classificadas como *resistentes* tendiam mais a demonstrar inibição comportamental quando comparadas com outras crianças com outras classificações quanto à vinculação.

Em conjunto parecem surgir evidências compatíveis com alguma controvérsia relativamente às contribuições das classificações do temperamento para a vinculação, sendo esse contributo mais indireto do que direto (Vaughan & Bost, 1999) sendo mais correto focar a análise na relação do que propriamente no cuidador ou na criança, e nas suas características temperamentais, isoladamente.

Sobre as hipóteses de relações que emergem do estado de arte atual cumpre antes de mais referir que ao estudarmos a relação entre vinculação e temperamento estudamos dois constructos de natureza diferente passíveis de relações recursivas.

Mas centremos a questão no essencial. Haverá uma relação de causalidade entre os padrões de vinculação parental e amorosa e a estabilidades dos temperamentos?

Deste conjunto de estudos relatados sobre o estado de arte da investigação sobre os conceitos de vinculação parental e amorosa e de temperamento afetivo bem como da sua relação emergiram as nossas hipóteses de investigação que enumeraremos no Capítulo que se segue

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

1. OBJETO DE ESTUDO

O objeto principal desta investigação situa-se no estudo e compreensão das relações entre a vinculação amorosa e parental e o temperamento afetivo numa população jovem adulta.

Uma análise detalhada do campo teórico e empírico que escolhemos deu-nos as mais variadas ideias sobre as variáveis que deveríamos considerar e que mais impacto poderiam ter no nosso tema de estudo.

Esta análise foi ainda profícua na identificação de questões que merecem ser aprofundadas do ponto de vista teórico ou outras que merecem um estudo mais clarificador sobre o seu contributo para a problemática adolescente em geral e para o conhecimento sobre os temperamentos afetivos em particular.

Com base nestes pressupostos foi construído um desenho de investigação que procurou responder às questões colocadas e que suportasse hipóteses inovadoras.

Apoiámo-nos nos principais modelos de explicação teórica do temperamento afetivo e da vinculação em jovens adultos.

Seria incontornável considerar os paradigmas teóricos explicativos destes dois temas como o modelo de Bowlby e seus seguidores para a vinculação ou o de Akiskal e seus seguidores para o temperamento afetivo.

2. OBJETIVOS E HIPÓTESES DE ESTUDO

Delineámos na parte introdutória, as principais linhas orientadoras deste estudo, descrevemos a problemática que nos propomos estudar, definimos os conceitos em análise e enquadrámos este estudo no contexto do conhecimento científico atual. As variáveis que emergem desta pesquisa têm sido alvo de vários estudos, embora de forma isolada ou no âmbito de outros estudos com outros objetivos.

Em associação, o estudo do temperamento afetivo e da vinculação parental em jovens adultos parece dar aqui os primeiros passos. Por isso o consideramos um estudo original de uma temática (re) emergente.

Tal como referido na Introdução a problemática que se constitui como o ponto central da nossa investigação é a análise das relações entre os conceitos de temperamento afetivo e vinculação parental e amorosa na perspetiva de melhor entender como os temperamentos afetivos são moderadores (ou são moderados) pelos fatores e padrões de vinculação parental e amorosa.

Esta formulação geral levou-nos ainda a especificar os seguintes objetivos:

- Caracterizar os temperamentos afetivos, conceptualizados em estáveis e instáveis;
- Caracterizar os fatores e os padrões de vinculação parental e amorosa;
- Correlacionar os temperamentos afetivos com os fatores de vinculação parental e amorosa.

Formulámos, assim, as seguintes hipóteses de investigação:

H_1 – Padrões seguros de vinculação parental correlacionam-se positivamente com temperamentos estáveis;

H_2 – Padrões seguros de vinculação amorosa correlacionam-se positivamente com temperamentos estáveis.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Apresentamos, neste capítulo, os aspetos metodológicos bem como os procedimentos adotados nas diversas etapas do estudo, na seleção dos instrumentos e da amostra, bem como na recolha e análise de dados.

3.1. Desenho da investigação

No estudo foram incluídas algumas variáveis de caracterização ou sociodemográficas.

Numa primeira fase são estudados os dados relativos à vinculação parental e amorosa bem como a sua relação com as referidas variáveis sociodemográficas.

Numa segunda fase são estudados os dados relativos aos tipos de temperamentos afetivos bem como a sua relação com as variáveis sociodemográficas delineadas.

Ainda numa terceira fase é estudada a relação entre os fatores e padrões de vinculação parental e amorosa e os temperamentos afetivos.

Procura-se que os dados permitam compreender as relações entre as variáveis que funcionam como indicadores dos conceitos em estudo possibilitando assim encontrar um modelo de explicação para a relação dialógica e recursiva entre o temperamento afetivo e a vinculação.

Optámos por um estudo de desenho correlacional, não experimental, com tratamento quantitativo.

As variáveis em estudo foram agrupadas de acordo com as dimensões a que pertencem:

a) Variáveis sociodemográficas

Incluem-se variáveis relativas a dados de caracterização pessoal (género, idade, progenitor(es) com quem coabita, fratria e relação de namoro).

b) Vinculação

A vinculação é analisada em função dos dados recolhidos pela aplicação das seguintes escalas:

Vinculação Parental

Analisada em função dos dados recolhidos pela escala de medida denominada Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM, Versão IV (Matos & Costa, 2001a) aplicado em duas vertentes: uma relativa à Mãe e outra relativa ao Pai.

Vinculação amorosa

Analisada em função dos dados recolhidos pela escala de medida denominada Questionário de Vinculação Amorosa – QVA, Versão III (Matos & Costa, 2001b).

c) Temperamento afetivo

O temperamento afetivo é analisado em função dos dados recolhidos pela aplicação da escala de medida TEMPS-A - Escala de Temperamento de Memphis, Pisa, Paris e San Diego, validada para a população portuguesa (Akiskal & Akiskal, 2005ab; Figueira et al., 2008 e 2009).

Como técnica de investigação e recolha de dados foi utilizado o questionário. Na construção do questionário procurámos garantir que os conceitos que pretendíamos estudar fossem mensuráveis através de medidas simples, observáveis e quantificáveis.

O instrumento de colheita de dados (Anexo I), construído para este estudo, foi multidimensional e composto pelas escalas de avaliação atrás descritas e que especificaremos mais à frente.

3.2. Amostragem

Decidimos adotar como estratégia inquirir o maior número possível de indivíduos, uma vez que os erros amostrais, tomando como referência a totalidade da população e amostra, tendem a reduzir-se aumentando o tamanho da amostra (Bryman & Cramer, 1992).

Dadas as limitações e as disponibilidades de acesso a uma população jovem adulta mais abrangente foi adotada uma modalidade de amostragem que pode designar-se por não probabilística de conveniência, incluindo estudantes do Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem.

É reconhecida a limitação deste tipo de amostragem designadamente ao nível da generalização de resultados e conclusões para uma população adolescente e jovem adulta. Por tal motivo procurou-se alargar o número de inquiridos de forma a esbater enviesamentos.

Por uma questão de proximidade geográfica foram efetuados contactos informais com todas as escolas do Ensino Público e Privado que ministravam o Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem e que geograficamente estivessem situadas em zonas geográficas aceites universalmente. Tomámos em consideração as zonas coincidentes com as Secções Regionais do Sul e do Centro da Ordem dos Enfermeiros: distritos de Lisboa, Santarém, Portalegre, Setúbal, Évora, Beja, Faro, Leiria, Coimbra, Viseu, Aveiro, Guarda e Castelo Branco. Nesses contactos informais foram explicitadas as características e objetivos do estudo bem como a metodologia de recolha de dados. Foi estabelecido uma data de novo contacto para aferir da disponibilidade definitiva.

Mostraram disponibilidade as Escolas Superiores de Saúde de Portalegre e Beja, a Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias de Castelo Branco, a Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus da Universidade de Évora e a Escola Superior de Saúde da Guarda a quem foram formalizados pedidos que foram devidamente autorizados.

Por uma questão logística não foi possível incluir os estudantes da Escola Superior de Saúde da Guarda.

Assim, a amostra deste estudo ($N=836$) foi retirada da população do Ensino Superior, de entre os estudantes do Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem do Centro e Sul de Portugal e que frequentava, no ano letivo de 2007/2008 as respetivas Escolas:

- Escola Superior de Saúde de Portalegre ($N=255$)
- Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus – Universidade de Évora ($N=123$)

- Escola Superior de Saúde de Beja (N=245)
- Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias de Castelo Branco (N=213)

Foram definidos como critérios de inclusão na amostra:

- Ter respondido à totalidade do questionário;
- Ter idade superior a 18 anos.

Da aplicação exaustiva das regras de inclusão resultou um grupo de estudo de $N=760$ inquiridos.

3.3. Medidas

Foram utilizadas as seguintes medidas, incluídas no questionário atrás referido:

a) Avaliação da vinculação parental

Foi utilizado o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM, Versão IV (Matos & Costa, 2001a) aplicado de duas formas: uma relativa à mãe e outra relativa ao pai (Anexo I – Parte 1).

O QVPM é um instrumento de autorelato construído com o objetivo de avaliar as representações de vinculação que os adolescentes e jovens adultos têm relativamente a cada uma das figuras parentais (pai e mãe avaliados em separado) (Moura & Matos, 2008).

O QVPM está estruturado numa escala ordinal (1 a 6), *tipo Likert*, sendo o valor 6 o valor a indicar quando a afirmação descreve de uma forma totalmente correta e completa a opinião do inquirido, e o valor 1 o valor a indicar quando a afirmação não corresponde de todo à opinião do inquirido. O formato de resposta contém seis hipóteses de escolha, três de concordância (4 a 6), três de desacordo (1 a 3).

É pedido aos participantes, adolescentes ou jovens adultos, que identifiquem a resposta que melhor exprime o modo como se sentem com cada um dos seus pais no momento actual, posicionando-se numa escala de *Likert* de 6 pontos que varia de acordo com as seguintes alternativas: *Discordo totalmente*, *Discordo*, *Discordo moderadamente*, *Concordo moderadamente*, *Concordo*, *Concordo totalmente*.

O instrumento de recolha de dados está organizado em duas colunas de resposta, separadamente para o pai e para a mãe. A cada alternativa de resposta é atribuída uma pontuação, de 1 a 6 respectivamente, constituindo a média do fator o somatório dos itens pertencentes à dimensão a dividir por 10. Este questionário não permite aceder a um valor único da vinculação aos pais, mas remete para uma abordagem tridimensional da vinculação para cada uma das figuras parentais.

É composto por itens organizados numa estrutura de vinculação composta de 3 fatores: *inibição da exploração e individualidade* (IEI), *qualidade do laço emocional* (QLE) e *ansiedade de separação e dependência* (ASD).

O fator *inibição da exploração e individualidade* pretende avaliar a perceção de restrições à expressão da individualidade própria. O fator *qualidade do laço emocional* pretende avaliar a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, percebida como fundamental e única no desenvolvimento do sujeito, a quem este recorrerá em situações de dificuldade e com quem projeta uma relação duradoura. O fator *ansiedade de separação e dependência* avalia a experiência de ansiedade e de medo da separação da figura de vinculação como reveladora de uma relação de dependência.

A escala é constituída por 30 questões, sendo cada dimensão composta por 10 questões:

- Inibição da exploração e individualidade (n=10): 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25, 28;
- Qualidade do laço emocional (n=10): 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 27, 30;
- Ansiedade de separação e dependência (n=10): 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 26, 29.

As qualidades psicométricas desta medida têm sido testadas com recurso a diversas amostras independentes, tendo evidenciado indicadores de validade e fiabilidade adequados (Matos & Costa, 2006).

Nos estudos mais recentes (Moura & Matos, 2008), os três fatores apresentam valores de α de Cronbach bastante aceitáveis: na versão Pai o fator IEI um $\alpha=0,79$, o fator QLE um $\alpha=0,94$ e o fator ASD um $\alpha=0,86$. Relativamente à versão Mãe, o fator IEI revela um $\alpha=0,80$, o fator QLE um $\alpha=0,87$ e o fator ASD um $\alpha=0,82$.

Para este estudo os três fatores apresentaram valores de consistência interna (*Alpha de Cronbach* bastante aceitáveis). Relativamente à versão Mãe, o fator IEI apresentou um $\alpha=0,85$, o fator QLE um $\alpha=0,90$ e o fator ASD um $\alpha=0,83$.

Na versão Pai o fator IEI apresentou um $\alpha=0,85$, o fator QLE um $\alpha=0,95$ e o fator ASD um $\alpha=0,87$.

b) Avaliação da vinculação amorosa

Efetuada com recurso ao Questionário de Vinculação Amorosa – QVA, Versão III (Matos & Costa, 2001b) (Anexo I – Parte 2).

O QVA é um instrumento de autorelato construído com o objetivo de medir a percepção de adolescentes e jovens adultos sobre a qualidade dos vínculos com pares amorosos (namorado/a)

O QVA está estruturado numa escala ordinal (1 a 6), *tipo Likert*, sendo o valor 6 o valor a indicar quando a afirmação descreve de uma forma totalmente correta e completa a opinião do inquirido, e o valor 1 o valor a indicar quando a afirmação não corresponde de todo à opinião do inquirido. O formato de resposta contém seis hipóteses de escolha, três de concordância (4 a 6), três de desacordo (1 a 3).

A qualidade dos vínculos é referenciada a uma estrutura de vinculação em torno de 4 fatores: *confiança*, *dependência*, *evitamento* e *ambivalência* em relação ao par amoroso, enquanto figura de vinculação.

A escala é constituída por 52 questões; sendo cada dimensão composta por 13 questões:

- Confiança (n=13): 1, 5, 12, 14*, 17*, 19, 24*, 29, 35, 37*, 42, 49*, 52 (* *itens invertidos*)
- Dependência (n=13): 2, 6, 10, 15, 21, 22, 25, 32, 33, 38, 43, 47, 50;
- Evitamento (n=13): 3, 7, 11, 16, 18, 23, 27, 30, 34, 40, 44, 45, 51;
- Ambivalência (n=13): 4, 8, 9, 13, 20, 26, 28, 31, 36, 39, 41, 46, 48.

Nos estudos de validação da escala (Matos, Barbosa e Costa, 2001) a avaliação da consistência interna da escala apontou para valores elevados em todas os fatores (α entre 0,75 e 0,90) sendo o fator *ambivalência* o que revelou menor consistência interna.

O QVA demonstrou, neste estudo, uma boa consistência interna avaliada pelo Alpha de Cronbach (α) com valores entre 0,85 e 0,91 para os fatores: *evitamento* ($\alpha=0,85$), *dependência* ($\alpha=0,86$), *ambivalência* ($\alpha=0,87$) e *confiança* ($\alpha=0,91$).

c) Avaliação do temperamento afetivo

A estrutura do temperamento tal como referida por Akiskal & Akiskal (2005ac) mostra traços de afetividade como atributos de valor adaptativo, fornecendo uma descrição dos inquiridos e das suas vulnerabilidades, acentuando características pessoais. Esta abordagem foi posteriormente alargada aos estudantes de arte e ao estudo do temperamento em diferentes domínios profissionais e a diferentes populações. Em várias populações, Akiskal et al. (2005b) encontrou características temperamentais associadas a várias características sociodemográficas, com relevância para a área profissional.

Com este pano de fundo tentamos averiguar os temperamentos associados a uma população portuguesa de adolescentes e jovens adultos, solteiros, com idades compreendidas entre os 18 e os 36 anos, utilizando a Escala TEMPS-A, Escala de Temperamento de Memphis, Pisa, Paris e San Diego, validação para a população portuguesa (Akiskal & Akiskal, 2005ab; Figueira et al., 2008) (Anexo 1 – Parte 3).

Esta medida foi desenvolvida por Akiskal e colaboradores (Akiskal & Akiskal, 2005ab) e encontra-se traduzida em 12 línguas.

A TEMPS-A é uma escala composta por 110 itens e construída de forma a fornecer cinco disposições ou dimensões temperamentais: *temperamento depressivo* – itens 1 a 21 (21 itens), *temperamento ciclotímico* – itens 22 a 42 (21 itens), *temperamento hipertímico* – itens 43 a 63 (21 itens), *temperamento irritável* – itens 64 a 84 (21 itens, menos um no caso do género feminino) e *temperamento ansioso* – itens 85 a 110 (26 itens).

É uma escala de autoresposta tipo “Verdadeiro” e “Falso”, que avalia características estáveis/subjacentes relacionadas com o temperamento da pessoa (e.g. *eu sou por natureza uma pessoa desagradada; eu sou normalmente uma pessoa otimista e alegre*). A pontuação obtém-se a partir

da atribuição do valor zero (0) para “Falso” e um (1) para “verdadeiro”, e consequente somatório para cada subescala.

Sujeitos com pontuação acima do ponto de corte de cada subescala foram considerados como tendo temperamento excessivo: 13 pontos para o temperamento depressivo; 16 pontos para o ciclotímico; 20 para o hipertímico; 12 para o irritável e 19 para o ansioso (Figueira et al., 2008).

O estudo de validação para a população portuguesa (Figueira et al., 2008) confirmou os 5 fatores e apresentou um coeficiente de consistência interna no limite do aceitável ($\alpha = 0.67$ a 0.83).

No presente estudo, a escala TEMPS-A revelou, em geral, uma boa consistência interna com um Alpha (α) de Cronbach de 0,87 para a escala total e um α de Cronbach (entre 0,63 e 0,82) para os vários temperamentos de $\alpha=0,63$ (depressivo), $\alpha=0,82$ (ciclotímico), $\alpha=0,76$ (hipertímico), $\alpha=0,75$ (irritável) e $\alpha=0,84$ (ansioso), resultados sobreponíveis aos encontrados nos estudos efetuados em Portugal (Figueira et al., 2008, 2009), entre 0,67 e 0,83, revelando uma consistência moderada a boa da escala.

Dado o facto das subescalas do temperamento afetivo possuírem diferentes números de itens de resposta (depressivo – 21 itens; ciclotímico – 21 itens; hipertímico – 21 itens; irritável – 21 itens e ansioso – 26 itens), para a obtenção de fatores de comparação entre valores das cinco subescalas do temperamento foi necessário recorrer à padronização de valores.

A padronização de valores das subescalas foi obtida com recurso aos Z-score que definem um grau de cada temperamento (Figueira et al., 2008) sendo que o conceito de temperamento dominante deriva da comparação de Z-score obtidos por cada sujeito em todas as subescalas de temperamento. Foi definido um intervalo com variação acima e abaixo de um (1) Z-score da média ($Z1=média\pm 1DP$) sendo este valor considerado o resultado médio da população. Os resultados padronizados foram graduados como: Ligeiramente positivos ($Z1$ a $Z2$), ligeiramente negativos ($-Z1$ a $-Z2$), moderadamente positivos ($>Z2$) e moderadamente negativos ($< -Z2$). Foi definido um ponto de corte acima de 2 desvios-padrão na consideração do temperamento dominante (Figueira et al., 2008; Vahip et al., 2005).

Por uma questão de metodologia, escolhemos para variáveis sociodemográficas de associação com o temperamento afetivo, o género, a idade, o(s) progenitor(es) com quem coabita(m), a existência de fratria e a existência de uma relação de namoro.

3.4. Procedimentos de recolha de dados

A recolha de dados decorreu entre os meses de Janeiro e Junho de 2008.

Tal como referido anteriormente participaram neste estudo um total de $N=836$ estudantes do Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem das Escolas Superiores de Saúde de Portalegre, Beja e Castelo Branco e da Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus da Universidade de Évora.

A recolha de dados, através do preenchimento do questionário, foi efetuada em sala de aula, com a presença do investigador.

3.5. Procedimentos de análise e tratamento de dados

Os dados recolhidos para este estudo foram lançados e editados para suporte informático em base de dados do programa SPSS[®] (Statistical Package for Social Sciences) na versão 17.0. Durante a construção da base de dados foram codificadas as variáveis necessárias ao estudo respeitando os seus níveis de medida.

Os dados são apresentados respeitando critérios de simplicidade da leitura e compreensão da informação.

Os dados de cada variável são apresentados respeitando as suas características bem como as medidas que lhe são aplicáveis (frequências, percentagens, medidas de tendência central ou medidas de dispersão).

Na análise das características das medidas utilizadas ou das variáveis delas extraídas foram usadas várias técnicas e testes estatísticos.

Para a análise e referenciação da fiabilidade dos instrumentos recorreremos à análise da consistência interna das escalas de medida através do coeficiente *Alpha de Cronbach* definido como a correlação que se espera obter entre uma escala usada e outras escalas hipotéticas do mesmo universo com o mesmo número de itens, que meçam características semelhantes. Por outras palavras o coeficiente *Alpha de Cronbach* mede a capacidade explicativa de uma determinada variável ou fator pelas perguntas que a compõem. Quando o valor de *Alpha de Cronbach* é superior a 0,70 é lícito afirmar que as variáveis em causa são bem explicadas pelas perguntas consideradas, dado que a probabilidade de erro é de apenas 30%.

O coeficiente de correlação é uma medida do grau de relação linear entre duas variáveis quantitativas. O valor e o sinal de r indicam-nos a força e a direção com que duas medidas variam uma em função da outra. Tal facto não significa necessariamente que as duas medidas estão ligadas mas sim que a intensidade de uma é tendencialmente acompanhada pela outra no mesmo sentido ou em sentido inverso.

Este coeficiente varia entre os valores -1 e 1:

Coeficiente de Correlação	Correlação
$r=1$	Perfeita positiva
$0,8 \leq r < 1$	Forte positiva
$0,5 \leq r < 0,8$	Moderada positiva
$0,1 \leq r < 0,5$	Fraca positiva
$0 < r < 0,1$	Ínfima positiva
0	Nula
$-0,1 < r < 0$	Ínfima negativa
$-0,5 < r \leq -0,1$	Fraca negativa
$-0,8 < r \leq -0,1$	Moderada negativa
$-1 < r \leq -0,8$	Forte negativa
$r= -1$	Perfeita negativa

Fonte: Santos, Carla, (2007)

Para a análise das diferenças de resultados médios foi utilizado o Teste t de Student, sempre que a análise se centrava nas diferenças de resultados médios em dois grupos independentes. Utilizámos o teste de análise de variância (*one-Way ANOVA*) sempre que o número de grupos em análise fosse superior a 2.

Nalguns casos mais específicos foram usados testes mais específicos como o η^2 .

No caso específico da escala TEMPS-A e dado o facto das subescalas do temperamento afetivo possuírem diferentes números de itens de resposta (depressivo – 21 itens; ciclotímico – 21 itens; hipertímico – 21 itens; irritável – 21 itens e ansioso – 26 itens), para a obtenção de fatores de comparação entre valores das cinco subescalas do temperamento foi necessário recorrer à padronização de valores.

A construção dos padrões de vinculação nos dois contextos relacionais (parental e amorosa) apoiou-se na análise de *clusters*, derivando teoricamente cada protótipo dos resultados das médias dos fatores. Dentro das opções estatísticas disponíveis, elegeu-se o método combinatório: os centróides são especificados a partir do método hierárquico (*Ward's method* e *Square Euclidean Distance*) que posteriormente servem de base, através do método Não-Hierárquico (*K-Means Cluster Analysis*), à criação dos *clusters*. Os padrões de vinculação resultantes para cada contexto relacional foram então validados através de ANOVAs (*One-way*). Posteriormente, agruparam-se os padrões nos quatro padrões (seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado).

3.6. Procedimentos éticos

Este estudo respeitou, em todas as fases do seu desenvolvimento, um rigoroso respeito pelas regras éticas em investigação.

O recurso a métodos de recolha de informação que envolvem respostas humanas corre o risco de causar danos aos direitos e liberdades individuais se não atender a alguns direitos como o direito à autodeterminação, o direito à reserva da intimidade, o direito ao anonimato e à confidencialidade, entre outros.

Todas as instituições onde decorreu este estudo foram contactadas formalmente solicitando autorização para a realização do estudo explicitando os conceitos em estudo, os objetivos do estudo bem como a proposta de

operacionalização da recolha de dados. Não foram colocadas questões de natureza ética pelos órgãos estatutariamente competentes de cada uma das instituições.

Cada inquirido foi informado do carácter voluntário da resposta bem como explicados os motivos e âmbito do estudo. Não foi registada nenhuma recusa de resposta ao estudo.

Na nota introdutória ao questionário era garantida a confidencialidade e anonimato dos respondentes.

Procurámos ao longo das várias etapas do estudo pautar a nossa atuação pela honestidade e rigor científicos quer na recolha de dados quer na recolha e referência das obras de outros autores de suporte a este estudo.

PARTE III
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

1. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Para mais fácil compreensão, os dados foram agrupados em subcapítulos tomando como referência as variáveis em estudo e os objetivos delineados anteriormente.

Genericamente, numa primeira parte, serão apresentados os dados relativos às variáveis sociodemográficas. Nas fases posteriores são apresentados os dados relativos às variáveis que são o *core* do nosso estudo: vinculação parental, vinculação amorosa e temperamento afetivo bem como os resultados de relação entre essas variáveis e as variáveis sociodemográficas.

Por uma questão de coerência tomámos em consideração os objetivos do estudo, para a apresentação dos resultados, pelo que esta seguirá os seguintes tópicos:

- Dados das variáveis sociodemográficas
- Cálculo dos dados do temperamento afetivo;
- Cálculo dos dados dos fatores e padrões de vinculação (parental e amorosa);
- Relação entre os fatores e padrões de vinculação parental e amorosa e o temperamento afetivo;

1.1. Variáveis sociodemográficas

Foram inquiridos um total de $N=836$ participantes. Destes, $N=760$ cumpriram todos os critérios de inclusão no estudo, já referidos.

Os participantes no estudo (Quadro 1) eram maioritariamente do género feminino ($n=633$; 83,3%).

Quadro 1 – Variáveis sociodemográficas (N=760)

		%	N
GÉNERO	Masculino	16,7	127
	Feminino	83,3	633
ANO CURRICULAR	1º Ano da Licenciatura	17,1	130
	2º Ano da Licenciatura	35,1	267
	3º Ano da Licenciatura	32,6	248
	4º Ano da Licenciatura	15,1	115
PROGENITOR COM QUEM COABITA	Pai	1,97	15
	Mãe	13,68	104
	Pai e Mãe	74,47	566
	Outros Familiares	9,87	75
FRATRIA	Sim	81,7	621
	Não	18,3	139
RELAÇÃO DE NAMORO	Sim	60,3	458
	Não	39,7	302
DURAÇÃO DA RELAÇÃO DE NAMORO	Menos de 1 Ano	28,0	213
	Entre 1 e 4 Anos	23,9	182
	Entre 5 e 7 Anos	7,5	57
	Entre 8 e 10 Anos	0,5	4
	Mais de 10 Anos	0,3	2

A média de idades encontrada para a totalidade dos inquiridos foi de $M=21,3$ anos ($DP=2$), variando entre 18 e 36 anos, com uma mediana de 21 anos. No género masculino a idade variava entre 19 e 35 anos com $M=21,8$ ($DP=2,6$) e mediana de 21 anos e no género feminino a idade variava entre 18 e 36 anos com $M=21,2$ ($DP=1,9$) com mediana de 21 anos.

Verificou-se ainda que 75% dos indivíduos inquiridos têm menos de 22 anos, 50% menos de 21 anos e 25% menos de 20 anos com um intervalo interquartis de 2 anos para o género feminino e 3 anos para o género masculino.

Os participantes eram, na sua totalidade, estudantes do Ensino Superior, a frequentar o Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem (1º Ciclo) nas Escolas Superiores de Saúde de Portalegre, Beja e Castelo Branco e na

Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus da Universidade de Évora, distribuídos pelos 4 anos do curso.

Na distribuição segundo o ano curricular que frequenta e o género, a maioria dos indivíduos do género masculino frequentava o 2º Ano da Licenciatura ($n=41$; 32,3%) o mesmo acontecendo com o género feminino ($n=226$; 35,7%).

Em relação ao(s) progenitor(es) com quem coabitam os inquiridos (Quadro 5) verificou-se que a maioria coabitava com pai e mãe ($n=566$; 74,5%).

Na distribuição segundo o(s) progenitor(es) com quem coabita e o género observou-se que entre o género feminino a maioria coabitava com pai e mãe ($n=470$; 74,2%), o mesmo acontecendo no género masculino ($n=96$; 75,6%).

Na distribuição segundo a existência de fratria (Quadro 1) podemos verificar que a maioria tinha irmãos ($n=621$; 81,7%). Outros dados recolhidos permitiram-nos saber que os inquiridos têm entre 0 e 8 irmãos, sendo a mediana de 1.

Na distribuição segundo a fratria e o género observámos que entre o género feminino 82,1% ($n=520$) tinham irmãos sendo esse valor entre o género masculino de 79,5% ($n=101$).

Na distribuição segundo a existência de uma relação de namoro (Quadro 5) verificou-se que a maioria tinha uma relação de namoro ($n=458$; 60,3%).

Na distribuição segundo a existência de relação de namoro e o género observámos que entre o género feminino 61,1% ($n=387$) tinham uma relação de namoro sendo esse valor entre o género masculino de 55,9% ($n=71$).

Outros dados recolhidos permitiram-nos saber que os inquiridos tinham um tempo de namoro entre 1 e 12 anos, sendo a média de 2,4 anos ($DP=1,8$) e mediana de 2 anos. A maior percentagem mantinha uma relação de namoro há menos de 1 ano ($n=213$; 28,0%).

Observámos que a maioria dos inquiridos do género masculino tinha uma relação de namoro há menos de 1 ano (67,6%) enquanto no género feminino encontramos 43,2% que tinham uma relação de namoro com duração entre 1 e 4 anos.

1.2. Vinculação

1.2.1. Vinculação na relação com a mãe

No cálculo dos resultados médios dos fatores (Quadro 2, Gráfico 1) podemos observar resultados médios mais elevados para a vinculação na relação com a mãe no fator *qualidade do laço emocional* (QLE).

Quadro 2 – Médias e desvios-padrão dos fatores de vinculação na relação com a mãe

Fatores	Mãe	
	M	DP
Inibição da exploração e individualidade	28,6	9,7
Qualidade do laço emocional	54,7	6,1
Ansiedade de separação e dependência	38,9	9,2
N	760	

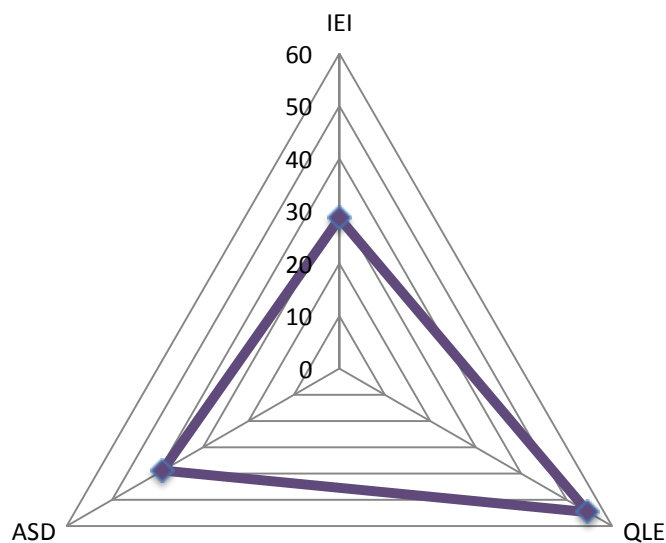


Gráfico 1 – Variabilidade dimensional da vinculação na relação com a mãe

Os valores de correlação entre os três fatores revelaram resultados com significância estatística: (i) positivos entre os fatores *ansiedade de separação e*

*dependência (ASD) e qualidade do laço emocional (QLE) ($r=0.476$; $p=0,000$), (ii) negativos entre *qualidade do laço emocional e inibição da exploração e individualidade* ($r=-0,379$; $p=0,000$). Não foi encontrada correlação com significado estatístico entre os fatores *inibição da exploração e individualidade (IED)* e *ansiedade de separação e dependência (ASD)*.*

No cálculo dos resultados médios dos fatores de vinculação à mãe por género (Quadro I, Anexo V) podemos observar resultados médios mais elevados para o fator *inibição da exploração e individualidade (IEI)* entre o género masculino ($M=29,6$; $DP=9,4$), para o fator *qualidade do laço emocional (QLE)* ($M=55,0$; $DP=5,8$) e para o fator *ansiedade de separação e dependência (ASD)* ($M=39,3$; $DP=9,2$) entre o género feminino.

A aplicação do Teste t de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que existem diferenças de resultados médios estatisticamente significativas entre géneros nos fatores QLE ($t=-2,850$; $gl=758$; $p=0,004$) e ASD ($t=-2,527$; $gl=758$; $p=0,012$).

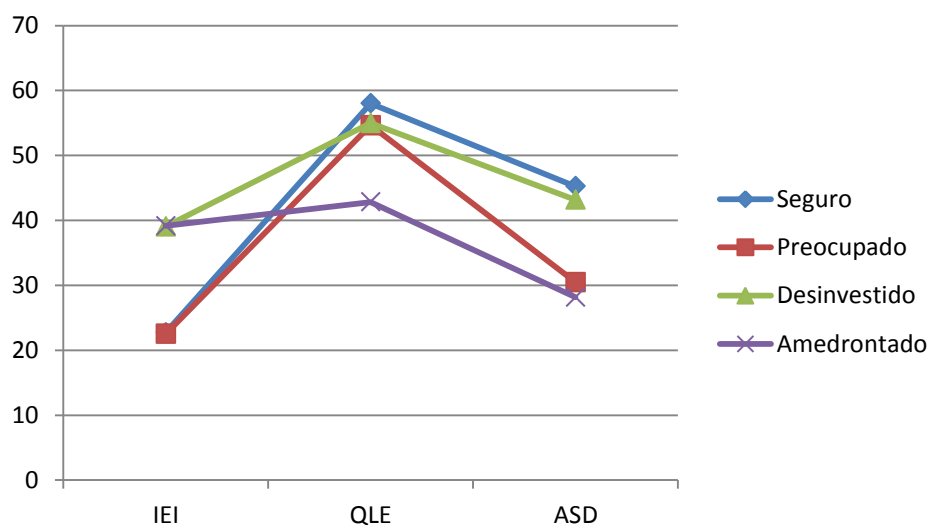
A diferença de médias resultantes da ANOVA (*One-way*) demonstrou que o efeito da variável padrões de vinculação nas médias dos fatores de vinculação à mãe foi significativo [*inibição da exploração e individualidade* ($F=490,82$; $p=0,000$); *qualidade do laço emocional* ($F=257,30$; $p=0,000$); *ansiedade de separação e dependência* ($F=382,65$; $p=0,000$)]. As análises *post hoc* indicaram que o padrão *seguro* se diferenciava significativamente dos padrões *desinvestido* e *amedrontado* no fator IEI e dos padrões *desinvestido*, *amedrontado* e *preocupado* nos fatores QLE e ASD. Através do Quadro 3 e do Gráfico 2 é possível visualizar os resultados da construção dos *clusters*.

Quadro 3 – Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de *clusters* de padrões de vinculação na relação com a mãe

Fatores/ Padrões de Vinculação	Padrão de Vinculação à Mãe							
	Seguro (N=278)		Preocupado (N=206)		Desinvestido (N=196)		Amedrontado (N=80)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Inibição da exploração e individualidade	22,75 ^a	5,25	22,52 ^b	6,08	39,05 ^c	5,49	39,16 ^d	6,47
Qualidade do laço emocional	58,01 ^a	2,47	54,63 ^b	4,37	54,98 ^c	3,91	42,82 ^d	8,31
Ansiedade de separação e dependência	45,23 ^a	5,37	30,48 ^b	5,03	43,16 ^c	6,34	28,15 ^d	7,44

Nota. Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq .05$.

As diferenças de médias obtidas a partir dos padrões de vinculação na relação com a mãe demonstraram que também a qualidade de vinculação com esta figura é interpretável à luz do modelo de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991) como é facilmente observável a partir do Quadro 3 e do Gráfico 2.



Legenda – Fatores de vinculação na relação com a Mãe: **IEI:** Inibição da exploração e individualidade; **QLE:** Qualidade do laço emocional; **ASD:** Ansiedade de separação e dependência

Gráfico 2 – Padrões de vinculação na relação com a mãe

1.2.2. Vinculação na relação com o pai

No cálculo dos resultados médios dos fatores (Quadro 4, Gráfico 3) podemos observar resultados médios mais elevados para a vinculação na relação com o pai no fator *qualidade do laço emocional (QLE)*.

Quadro 4 – Médias e desvios-padrão dos fatores de vinculação na relação com o pai

Fatores	Pai	
	M	DP
Inibição da exploração e individualidade	27,6	9,6
Qualidade do laço emocional	51,2	9,9
Ansiedade de separação e dependência	36,5	9,9
N	760	

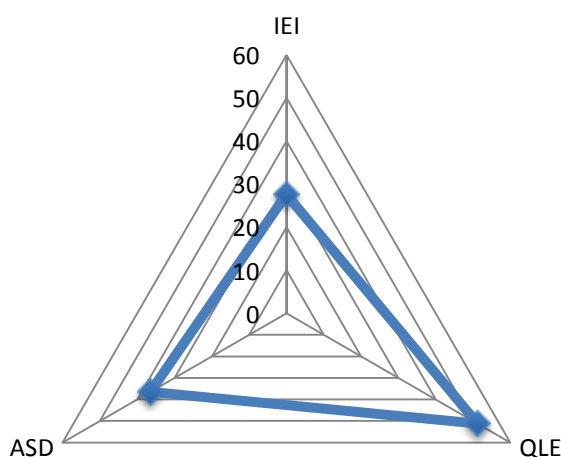


Gráfico 3 – Variabilidade dimensional da vinculação na relação com o pai

Os valores de correlação entre os três fatores revelaram resultados com significância estatística: (i) positivos entre os fatores *ansiedade de separação e dependência (ASD)* e *qualidade do laço emocional (QLE)* ($r=0.657$; $p=0,000$), (ii) negativos entre *qualidade do laço emocional* e *inibição da exploração e individualidade* ($r=-0,248$; $p=0,000$). Não foi encontrada correlação com

significado estatístico entre os fatores *inibição da exploração e individualidade (IED)* e *ansiedade de separação e dependência (ASD)*.

No cálculo dos resultados médios dos fatores de vinculação ao pai por género (Quadro II, Anexo V) podemos observar resultados médios mais elevados para o fator *inibição da exploração e individualidade (IEI)* entre o género masculino ($M=28,6$; $DP=10,4$) e para o fator *qualidade do laço emocional (QLE)* ($M=51,5$; $DP=9,5$) e *ansiedade de separação e dependência (ASD)* ($M=36,9$; $DP=10,0$) entre o género feminino.

A aplicação do Teste *t* de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que existem diferenças de resultados médios estatisticamente significativas entre géneros nos fatores QLE ($t=-2,073$; $gl=758$; $p=0,038$) e ASD ($t=-2,544$; $gl=758$; $p=0,011$).

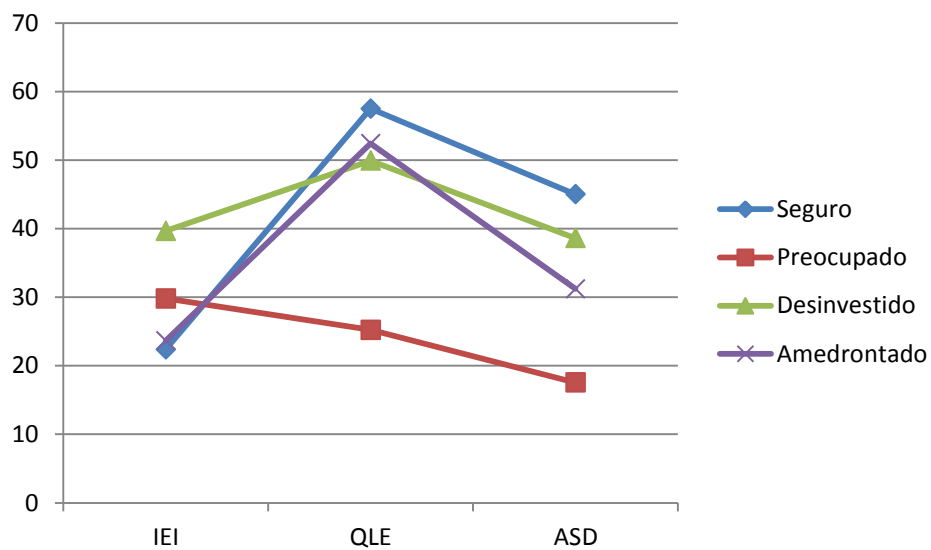
A diferença de médias resultantes da ANOVA (*One-way*) demonstrou que o efeito da variável padrões de vinculação nas médias dos fatores de vinculação ao pai foi significativo [*inibição da exploração e individualidade* ($F=296,26$; $p=0,000$); *qualidade do laço emocional* ($F=672,93$; $p=0,000$); *ansiedade de separação e dependência* ($F=485,62$, $p=0,000$)]. As análises *post hoc* indicaram que o padrão *seguro* se diferenciava significativamente dos padrões *preocupado* e *desinvestido* no fator IEI e dos padrões *desinvestido*, *amedrontado* e *preocupado* nos fatores QLE e ASD. Através do Quadro 5 e do Gráfico 4 é possível visualizar os resultados da construção dos *clusters*.

As diferenças de médias obtidas a partir dos padrões de vinculação na relação com o pai demonstraram que também a qualidade de vinculação com esta figura é interpretável à luz do modelo de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991) como é facilmente observável a partir do Quadro 5 e do Gráfico 4.

Quadro 5 – Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de *clusters* de padrões de vinculação na relação com o pai

Fatores/ Padrões de Vinculação	Padrão de Vinculação ao Pai							
	Seguro (N=253)		Preocupado (N=64)		Desinvestido (N=185)		Amedrontado (N=258)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Inibição da exploração e individualidade	22,39 ^a	5,73	29,82 ^b	11,93	39,65 ^c	6,14	23,65 ^d	5,65
Qualidade do laço emocional	57,50 ^a	2,76	25,25 ^b	9,67	49,92 ^c	5,84	52,42 ^d	4,86
Ansiedade de separação e dependência	45,01 ^a	5,23	17,55 ^b	6,30	38,61 ^c	7,09	31,21 ^d	5,20

Nota. Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq .05$.



Legenda – Fatores de vinculação na relação com o Pai: **IEI**: Inibição da exploração e individualidade; **QLE**: Qualidade do laço emocional; **ASD**: Ansiedade de separação e dependência

Gráfico 4 – Padrões de vinculação na relação com o pai

A aplicação de uma correlação permite-nos observar uma relação estatisticamente significativa entre a idade e a vinculação na relação com a mãe e na relação com o pai:

Correlação entre vinculação na relação com a mãe e idade (N=760)

Inibição da exploração e individualidade	-0,096 **
Qualidade do laço emocional	-0,039
Ansiedade de separação e dependência	-0,097 **

* Correlação significativa ao nível $p \leq 0,05$ e ** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

Correlação entre vinculação na relação com o pai e idade (N=760)

Inibição da exploração e individualidade	-0,121 **
Qualidade do laço emocional	0,022
Ansiedade de separação e dependência	-0,054

* Correlação significativa ao nível $p \leq 0,05$ e ** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

No cálculo dos resultados médios dos fatores de vinculação à mãe considerando o(s) progenitor(es) com quem coabitam (Quadro III, Anexo V) podemos observar resultados médios mais elevados para o fator *inibição da exploração e individualidade (IEI)* ($M=30,3$; $DP=9,4$), para o fator *qualidade do laço emocional (QLE)* ($M=55,2$; $DP=5,3$), para o fator *ansiedade de separação e dependência (ASD)* ($M=39,7$; $DP=9,2$) entre os que coabitam com a mãe.

Os valores de Eta^2 permitem-nos afirmar associações fracas: 10,4% da variação do fator IEI está associada ao(s) progenitor(es) com quem os inquiridos coabitam, sendo esse valor de 5,2% para o fator QLE e de 12,3% para o fator ASD.

Os resultados da análise de variância dos fatores de vinculação à mãe considerando o progenitor(es) com quem coabita não revelaram um efeito estatisticamente significativo sobre os fatores IEI ($F=1,096$; $p=0,358$) e QLE ($F=1,445$; $p=0,217$) mas um efeito estatisticamente significativo sobre o fator ASD ($F=2,813$; $p=0,025$). A leitura dos resultados do teste *Post-hoc Bonferroni* revela que as diferenças no fator ASD se situam entre os que coabitam com mãe ou pai e entre os que coabitam com pai ou pai e mãe.

No cálculo dos resultados médios dos fatores de vinculação ao pai considerando o(s) progenitor(es) com quem coabitam (Quadro IV, Anexo V) podemos observar resultados médios mais elevados para o fator *inibição da exploração e individualidade (IEI)* entre os que coabitam com pai ($M=29,9$; $DP=9,6$) e para o fator *qualidade do laço emocional (QLE)* ($M=52,5$; $DP=8,2$) e

ansiedade de separação e dependência (ASD) ($M=37,4$; $DP=9,3$) entre os que coabitam com pai e mãe.

Os valores de Eta^2 permitem-nos afirmar associações fracas: 15,1% da variação do fator IEI está associada ao(s) progenitor(es) com quem os inquiridos coabitam, sendo esse valor de 12,2% para o fator QLE e de 14,6% para o fator ASD.

Os resultados da análise de variância por progenitor(es) com quem coabita revelaram um efeito estatisticamente significativo sobre os fatores de vinculação ao pai para o fator QLE ($F=13,937$; $p=0,000$) e ASD ($F=1,445$; $p=0,000$) mas não sobre o fator IEI ($F=1,268$; $p=0,281$). A leitura dos resultados do teste *Post-hoc Bonferroni* revela que as diferenças no fator ASD e no fator QLE se situam entre os que coabitam com *mãe* ou com *pai e mãe*.

No cálculo dos resultados médios dos fatores de vinculação à mãe considerando a existência de fratria (Quadro V, Anexo V) podemos observar resultados médios para o fator *inibição da exploração e individualidade* (IEI) idênticos entre os que têm irmãos e os que não têm ($M=28,6$) e mais elevados para o fator *qualidade do laço emocional* (QLE) ($M=55,3$; $DP=6,1$) e para o fator *ansiedade de separação e dependência* (ASD) ($M=39,9$; $DP=9,7$) entre os que não têm irmãos.

A aplicação do Teste *t* de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que não existem diferenças de resultados médios dos fatores de vinculação à mãe estatisticamente significativas quando consideramos a existência de fratria.

No cálculo dos resultados médios dos fatores de vinculação ao pai considerando a existência de fratria (Quadro VI, Anexo V) podemos observar resultados médios mais elevados para todos os fatores e para a escala total entre os que não têm irmãos:

- Fator *inibição da exploração e individualidade* (IEI) ($M=27,8$; $DP=9,3$);
- Fator *qualidade do laço emocional* (QLE) ($M=52,5$; $DP=9,5$);
- Fator *ansiedade de separação e dependência* (ASD) ($M=37,4$; $DP=10,5$);

A aplicação do Teste *t* de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que não existem diferenças de resultados

médios dos fatores de vinculação ao pai estatisticamente significativas quando consideramos a existência de fratria.

No cálculo dos resultados médios dos fatores de vinculação à mãe considerando a existência de uma relação de namoro (Quadro VII, Anexo V) podemos observar resultados médios para o fator *inibição da exploração e individualidade* (IEI) ($M=29,2$; $DP=9,9$) mais elevados entre os que não namoram e mais elevados para o fator *qualidade do laço emocional* (QLE) ($M=55,0$; $DP=5,9$) e fator *ansiedade de separação e dependência* (ASD) entre os que namoram ($M=39,5$; $DP=9,1$).

A aplicação do Teste t de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que existem diferenças de resultados médios do fator ASD ($t=2,122$; $gl=758$; $p=0,034$) de vinculação à mãe quando consideramos a existência de uma relação de namoro.

No cálculo dos resultados médios dos fatores de vinculação ao pai considerando a existência de uma relação de namoro (Quadro VIII, Anexo V) podemos observar resultados médios para o fator *inibição da exploração e individualidade* (IEI) mais elevados entre os que não namoram ($M=28,3$; $DP=9,7$), resultados idênticos para o fator *qualidade do laço emocional* (QLE) entre os que namoram e os que não namoram ($M=51,2$) e mais elevados para o fator *ansiedade de separação e dependência* (ASD) entre os que namoram ($M=36,9$; $DP=10,0$).

A aplicação do Teste t de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que não existem diferenças de resultados médios dos fatores de vinculação ao pai quando consideramos a existência de uma relação de namoro.

Na relação entre os fatores de vinculação à mãe ao pai e a relação de namoro a *qualidade do laço emocional* tende a ser igual para ambos os pais entre os que namoram e não namoram. Apenas se observaram diferenças no fator ASD na vinculação com a mãe.

1.2.3. Vinculação ao par amoroso

A aplicação de uma correlação permite-nos observar correlações estatisticamente significativas entre todos os fatores e entre estes e a escala total. Os valores de correlação variam entre muito baixo ($r=0,024$, no par *dependência – ambivalência*) e alta ($r=0,701$, no par *confiança – ambivalência*). Alguns valores de correlação são negativos indicando variações de fatores em sentido inverso (evitamento-confiança; evitamento-dependência).

Na análise da variância comum podemos observar no par *confiança – ambivalência* uma variância comum de 78,6%, no par *confiança – evitamento* uma variância comum de 56% indicando que é de supor que estes fatores avaliem aspetos da vinculação amorosa relacionados entre si.

Para a totalidade dos inquiridos foram encontrados os seguintes resultados médios dos fatores de vinculação amorosa (Quadro 6, Gráfico 5), com resultados médios mais elevados no fator *confiança* ($M=65,1$; $DP=9,9$).

Quadro 6 – Médias e desvios-padrão dos fatores de vinculação ao par amoroso

Fatores	M	DP
Confiança	65,1	9,9
Dependência	45,7	11,1
Evitamento	31,3	10,0
Ambivalência	37,3	11,3
N	760	

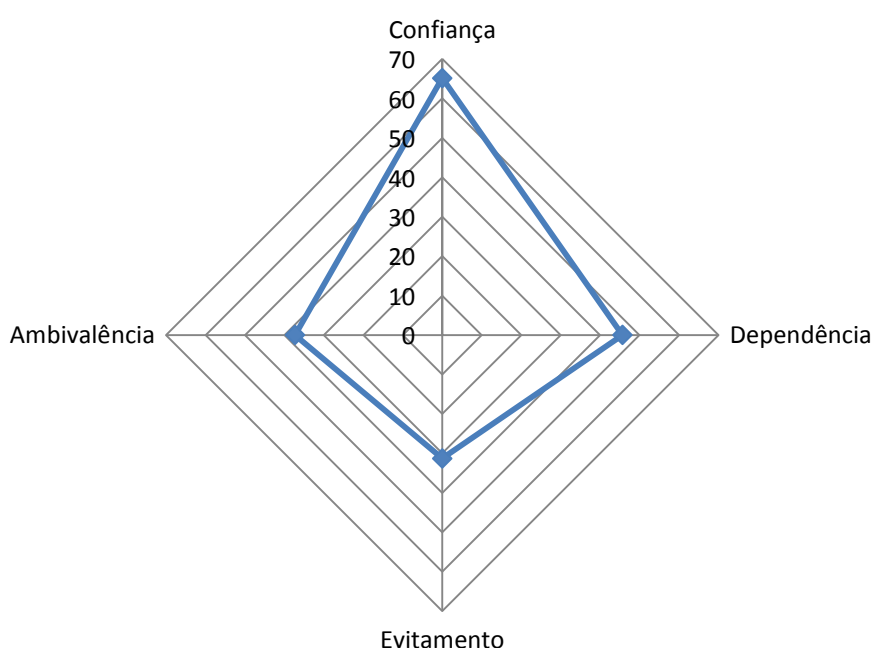


Gráfico 5 – Variabilidade dimensional da vinculação ao par amoroso

Na avaliação dos resultados médios dos fatores da vinculação amorosa por género (Quadro IX, Anexo V) foram encontrados resultados médios mais elevados para o fator *confiança* entre o género feminino ($M=65,3$; $DP=10,1$) e para os fatores *dependência* ($M=46,2$; $DP=11,3$) *evitamento* ($M=34,1$; $DP=10,1$) e *ambivalência* ($M=37,4$; $DP=11,2$) entre o género masculino.

A aplicação do Teste *t* de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que apenas existem diferenças de resultados médios estatisticamente significativas entre géneros em relação ao fator *evitamento* ($t=3,515$; $gl=758$; $p=0,000$).

A diferença de médias resultantes da ANOVA (*One-way*) demonstrou que o efeito da variável padrões de vinculação nas médias dos fatores de vinculação ao par amoroso foi significativo [*confiança* ($F=445,86$; $p=0,000$); *dependência* ($F=233,64$, $p=0,000$); *evitamento* ($F=265,96$, $p=0,000$); *ambivalência* ($F=434,91$; $p=0,000$)]. As análises *post hoc* indicaram que o padrão *seguro* se diferenciava significativamente dos outros padrões nos fatores *confiança*, *dependência* e *ambivalência*, não se diferenciando significativamente do padrão *amedrontado* no fator *evitamento*. Através do Quadro 7 e do Gráfico 6 é possível visualizar os resultados da construção dos *clusters*.

Os padrões de vinculação construídos a partir das dimensões que avaliam a qualidade de vinculação ao par amoroso encontraram também grupos teoricamente enquadráveis no modelo de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991) (vide Quadro 7 e Gráfico 6), comprovando-se estatisticamente que são significativamente diferentes entre si.

Quadro 7 – Médias e desvios-padrão de acordo com a análise de *clusters* na vinculação ao par amoroso

Fatores/ Padrões de Vinculação	Padrão de Vinculação Amorosa							
	Seguro (N=183)		Preocupado (N=98)		Desinvestido (N=266)		Amedrontado (N=213)	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Confiança	65,76 ^a	7,06	47,81 ^b	8,55	73,05 ^c	3,85	62,49 ^d	5,68
Dependência	32,92 ^a	6,49	43,51 ^b	10,71	52,16 ^c	8,48	49,53 ^d	6,96
Evitamento	34,62 ^a	8,02	43,38 ^b	9,39	22,42 ^c	5,26	33,85 ^d	6,53
Ambivalência	32,42 ^a	6,82	54,73 ^b	8,15	28,95 ^c	6,70	43,73 ^d	6,45

Nota. Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p \leq 0,05$.

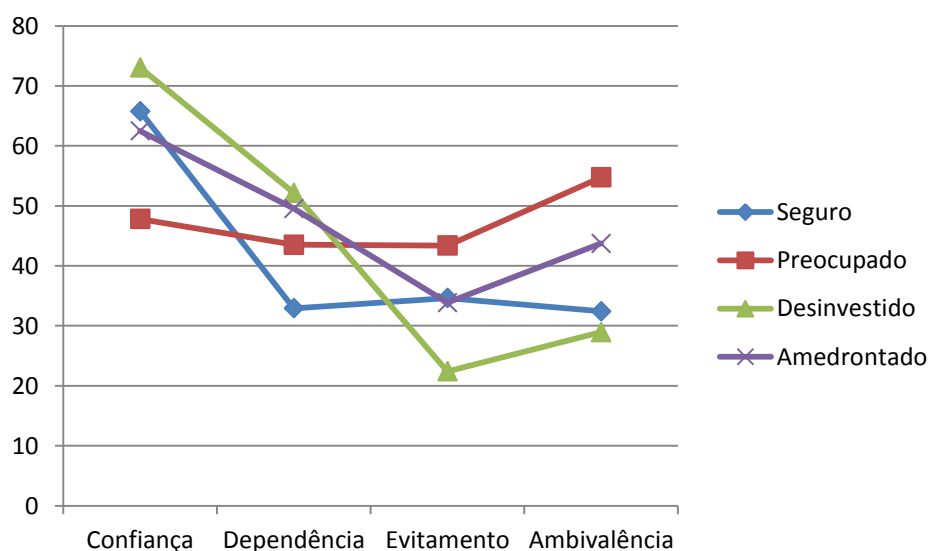


Gráfico 6 – Padrões de vinculação ao par amoroso

A aplicação de uma correlação permitiu-nos observar que apenas existe uma correlação estatisticamente significativa entre a idade dos inquiridos e o fator *dependência* ($r=0,090$; $p<0,05$).

Na avaliação dos resultados médios de vinculação amorosa segundo a existência de fratria (Quadro X, Anexo V) foram encontrados resultados médios mais elevados para os fatores *confiança* ($M=65,2$; $DP=10,8$) e *dependência* ($M=45,7$; $DP=11,1$) entre os que não têm irmãos e para os fatores *evitamento* ($M=31,6$; $DP=10,0$) e *ambivalência* ($M=37,5$; $DP=11,2$) entre os que têm irmãos.

A aplicação do Teste *t* de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que não existem diferenças de resultados médios estatisticamente significativas nos fatores de vinculação amorosa tomando como referência à existência de fratria.

Na avaliação dos resultados médios dos fatores de vinculação amorosa segundo a existência de relação de namoro (Quadro XI, Anexo V) foram encontrados resultados médios mais elevados para os fatores *confiança* ($M=67,7$; $DP=8,8$), e *dependência* ($M=48,0$; $DP=10,5$) entre os que namoram e para os fatores *evitamento* ($M=36,1$; $DP=9,2$) e *ambivalência* ($M=41,8$; $DP=10,7$) entre os que não namoram.

A aplicação do Teste *t* de igualdade das médias para duas amostras independentes permite-nos verificar que existem diferenças de resultados médios estatisticamente significativas em todos os fatores em referência à existência de uma relação de namoro.

Os resultados relativos ao estudo da vinculação parental e amorosa conduzem-nos assim à seguinte síntese:

- O fator com resultados médios mais elevados na vinculação na relação com a mãe é o fator *qualidade do laço emocional* (QLE) para a totalidade da população sendo que os resultados médios mais elevados do fator IEI foram encontrados entre o género masculino e os resultados médios mais elevados dos fatores QLE e ASD encontrados entre o género feminino. Em qualquer dos três fatores foram encontradas diferenças significativas entre géneros;

- No que refere aos padrões de vinculação na relação com a mãe, verifica-se que os indivíduos com padrão de vinculação *seguro* diferem dos *desinvestidos* e dos *amedrontados* nos três fatores (QLE, IEI, ASD) e dos *preocupados* nos fatores QLE e ASD.

- O fator com resultados médios mais elevados na vinculação na relação com o pai é o fator *qualidade do laço emocional* (QLE) para a totalidade da população sendo que os resultados médios mais elevados do fator IEI foram encontrados entre o género masculino e os resultados médios mais elevados dos fatores QLE e ASD encontrados entre o género feminino. Em qualquer dos três fatores foram encontradas diferenças significativas entre géneros;

- No que refere aos padrões de vinculação na relação com o pai, verifica-se que os indivíduos com padrão de vinculação *seguro* diferem dos

preocupados e dos *desinvestidos* nos três fatores (QLE, IEI, ASD) e dos *amedrontados* nos fatores QLE e ASD.

- A idade revelou-se correlacionada negativamente com os fatores IEI e ASD da vinculação na relação com a mãe e IEI da vinculação na relação com o pai;

- O(s) *Progenitor(es) com quem coabita* revelou um efeito significativo no fator ASD na vinculação na relação com a mãe e nos fatores QLE e ASD a vinculação com o pai embora tenham sido encontradas associações fracas. Viver apenas com *mãe* ou *pai* em alternativa a viver com *pai e mãe* revelou-se influente no fator ASD da vinculação na relação com pai e mãe e influente no fator QLE da vinculação na relação com o pai;

- Não existem diferenças significativas na vinculação na relação com a mãe ou na relação com o pai quando consideramos a *existência de fratria*;

- Existem diferenças significativas no fator ASD da vinculação na relação com a mãe quando consideramos a *existência de uma relação de namoro*.

- A dimensão com resultados médios mais elevados na vinculação amorosa, para a totalidade da população foi a dimensão *confiança* sendo que os resultados médios mais elevados do fator *confiança* foram encontrados entre o género feminino e os resultados médios mais elevados dos fatores *dependência*, *evitamento* e *ambivalência* encontrados entre o género masculino. Apenas foram encontradas diferenças significativas entre géneros no fator *evitamento*;

- Relativamente aos padrões de vinculação amorosa, verifica-se que os indivíduos com padrão de vinculação *seguro* diferem dos *preocupados*, *desinvestidos* e *amedrontados* nos fatores *confiança*, *dependência* e *ambivalência*;

- Apenas o fator *dependência* da vinculação amorosa mostrou uma correlação com a idade;

- Não existem diferenças entre os fatores da vinculação amorosa quando consideramos a *existência de fratria*;

- Existem diferenças significativas em todos os fatores da vinculação amorosa quando consideramos a *existência de uma relação de namoro* com valores mais elevados de *confiança* e *dependência* entre os que namoram e de *evitamento* e *ambivalência* entre os que não namoram.

1.3. Temperamento afetivo

Para a totalidade da população estudada o temperamento hipertímico foi o que apresentou resultados médios não padronizados mais elevados ($M=10,6$; $DP=4,1$), logo seguido do temperamento ansioso ($M=9,8$; $DP=5,3$) e do temperamento depressivo ($M=7,1$; $DP=2,9$) conforme observado no Quadro 8.

Quadro 8 – Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos e percentagem de valores padronizados (Z-score)

Temperamento (itens)	N	Média	Mediana	Desvio-padrão	<-2DP n (%)	-2DP;-1DP n (%)	-1DP; +1DP n (%)	1DP; 2DP n (%)	>2DP n (%)
Depressivo (1-21)	760	7,1	7,0	2,9	5 (0,7%)	152 (20%)	444 (58,4%)	127 (16,7%)	32 (4,2%)
Ciclotímico (22-42)	760	6,5	6,0	4,3	0 (0%)	152 (20%)	461 (60,7%)	122 (16,1%)	25 (3,3%)
Hipertímico (43-63)	760	10,6	11,0	4,1	14 (1,8%)	118 (15,5%)	491 (64,6%)	123 (16,2%)	14 (1,8%)
Irritável (64-84)	760	3,9	3,0	3,1	0 (0%)	72 (9,5%)	549 (72,2%)	111 (14,6%)	28 (3,7%)
Ansioso (85-110)	760	9,8	9,5	5,3	0 (0%)	128 (16,8%)	509 (67,0%)	104 (13,7%)	19 (2,5%)

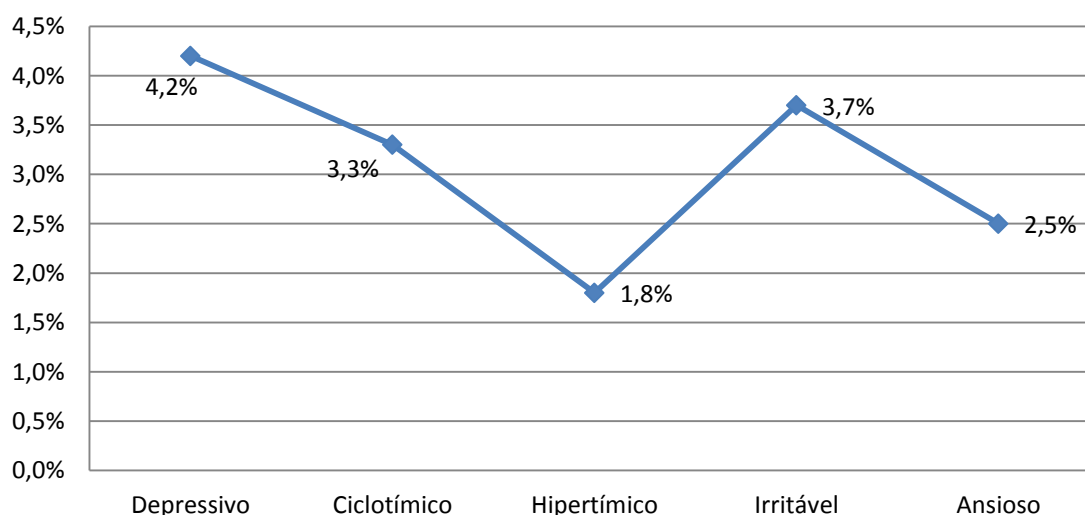


Gráfico 7 – Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z)

Na aplicação dos valores padronizados a cada temperamento verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos com pontuações acima ou abaixo de 2 desvios-padrão da pontuação média (2Z Score) em todos os temperamentos resultando como temperamento dominante, para a totalidade dos indivíduos estudados, o temperamento depressivo (Quadro 8, Gráfico 7).

A correlação evidencia correlações ligeiras a moderadas mas estatisticamente significativas entre todos os pares de temperamentos. A correlação mais forte foi encontrada entre o temperamento depressivo e o temperamento ansioso ($r=0,577$; $p<0,01$), entre o ciclotímico e irritável ($r=0,577$; $p<0,01$) e entre o ciclotímico e ansioso ($r=0,559$; $p<0,01$). Verificaram-se correlações negativas entre o temperamento hipertímico e depressivo ($r=-0,455$; $p<0,01$), entre o hipertímico e ciclotímico ($r=-0,155$; $p<0,01$) e entre o hipertímico e ansioso ($r=-0,293$; $p<0,01$).

No estudo das diferenças de resultados médios padronizados dos diversos temperamentos por género (Quadro 9), pela aplicação do Teste *t* de igualdade de médias, foram observadas evidências que nos permitem afirmar que os resultados médios do temperamento depressivo, ciclotímico, hipertímico e ansioso diferem entre géneros de forma estatisticamente significativa.

Quadro 9 – Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos por género e percentagem de valores padronizados (Z-score)

Género/ Temperamento	N		Temp. Estáveis		Temp. Instáveis		
			Depressivo	Hipertímico	Ciclotímico	Irritável	Ansioso
Masculino	127	Média±Desvio-padrão	6,1±2,9	12,6±3,9	5,4±3,9	4,0±3,1	7,6±5,0
		>2Z Score n (%)	3 (2,4%)	8 (6,3%)	2 (1,6%)	7 (5,5%)	2 (1,6%)
Feminino	633	Média±Desvio-padrão	7,2±2,9	10,1±4,0	6,7±4,4	3,8±3,1	10,3±5,3
		>2Z Score n (%)	29 (4,6%)	6 (0,9%)	23 (3,6%)	21 (3,3%)	17 (2,7%)
Total	760	Teste t	t=-3,994; gl=758 p=0,000**	t=6,482; gl=758 p=0,000**	t=-3,313; gl=758 p=0,001*	t=0,503; gl=758 p=0,615	t=-5,322; gl=758 p=0,000**
		Qui-Quadrado (χ^2)	1,292(1); p=0,256	16,753(3); p=0,000**	1,409(1); p=0,235	1,435(1); p=0,231	0,535(1); p=0,464

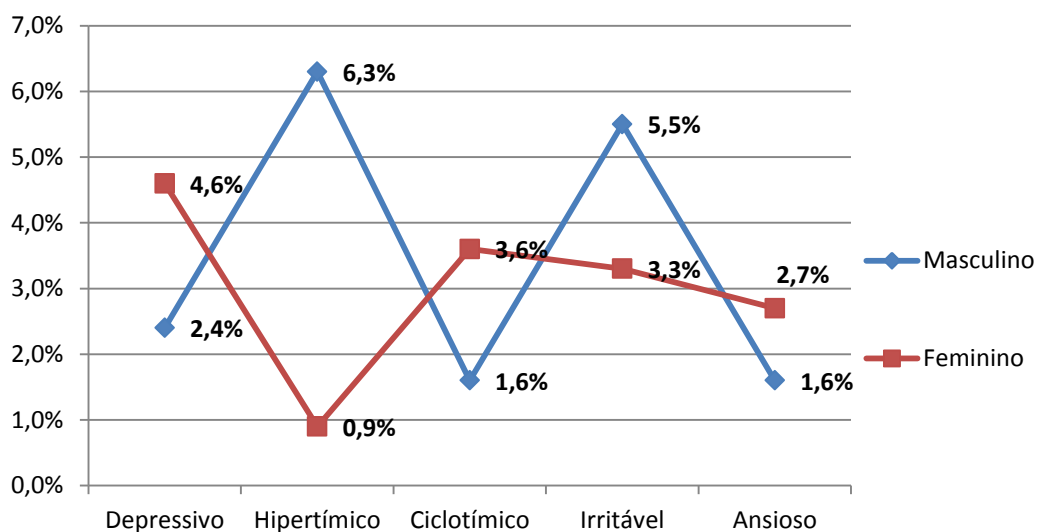


Gráfico 8 – Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z) por género

Podemos, assim, observar os resultados médios não padronizados mais elevados no temperamento depressivo ($M=7,2$; $DP=2,9$), ciclotímico ($M=6,7$; $DP=4,4$) e ansioso ($M=10,3$; $DP=5,3$) entre o género feminino e os resultados médios não padronizados mais elevados para os temperamentos hipertímico ($M=12,6$; $DP=3,9$) e irritável ($M=4,0$; $DP=3,1$) entre o género masculino.

Na aplicação dos valores padronizados a cada temperamento verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos com pontuações acima ou abaixo de 2 desvios-padrão da pontuação média (2Z Score) resulta como temperamento dominante no género masculino o temperamento hipertímico ($p < 0,01$) sendo que no género feminino não é possível determinar um temperamento dominante (Quadro 9, Gráfico 8).

Quanto à relação entre os temperamentos e a idade, a aplicação de uma correlação demonstra que apenas o temperamento ciclotímico regista uma correlação positiva ligeira e estatisticamente significativa com a idade ($r = 0,132$, $p = 0,000$).

No estudo dos resultados médios dos diversos temperamentos considerando o(s) progenitor(es) com quem coabita (Quadro 10), utilizando a análise da variância (ANOVA) podemos observar que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Dos dados apresentados no Quadro 10 podemos observar os resultados médios não padronizados mais elevados para o temperamento depressivo ($M = 7,5$; $DP = 2,2$) entre os que coabitam apenas com o pai, para o temperamento ciclotímico ($M = 7,3$; $DP = 4,8$) e irritável ($M = 4,2$; $DP = 3,1$) entre os que coabitam apenas com a mãe, para o temperamento hipertímico entre os que coabitam com pai e mãe ($M = 10,7$; $DP = 4,1$), e para o temperamento ansioso entre os que coabitam com outros familiares ($M = 10,7$; $DP = 5,2$).

Quadro 10 – Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos segundo o(s) progenitor(es) com quem coabita e percentagem de valores padronizados (Z-score)

Género/ Temperamento	N		Temp. Estáveis		Temp. Instáveis		
			Depressivo	Hipertímico	Ciclotímico	Irritável	Ansioso
Pai	15	Média±Desvio-Padrão	7,5±2,2	9,2±3,3	5,9±3,1	3,5±2,6	9,9±4,9
		>2Z Score n (%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
Mãe	104	Média±Desvio-Padrão	7,4±2,9	10,3±4,0	7,3±4,8	4,2±3,1	9,9±4,9
		>2Z Score n (%)	5 (4,8%)	1 (1,0%)	4 (3,8%)	5 (4,8%)	1 (1,0%)
Pai e Mãe	566	Média±Desvio-Padrão	7,0±3,0	10,7±4,1	6,3±4,3	3,8±3,1	9,7±5,4
		>2Z Score n (%)	23 (4,1%)	11 (1,9%)	17 (3,0%)	20 (3,5%)	16 (2,8%)
Outros Familiares	75	Média±Desvio-Padrão	7,3±2,6	10,5±3,8	7,2±4,1	4,0±3,0	10,7±5,2
		>2Z Score n (%)	4 (5,3%)	2 (2,7%)	4 (5,3%)	3 (4,0%)	2 (2,7%)
	760	ANOVA (F)	F=0,976; p=0,403	F=0,800; p=0,494	F=2,326; p=0,074	F=0,590; p=0,622	F=0,791; p=0,499
		Qui-Quadrado (χ^2)	1,016(3); p=0,797	1,042(3); p=0,791	1,742(3); p=0,628	1,001(3); p=0,801	1,651(3); p=0,648

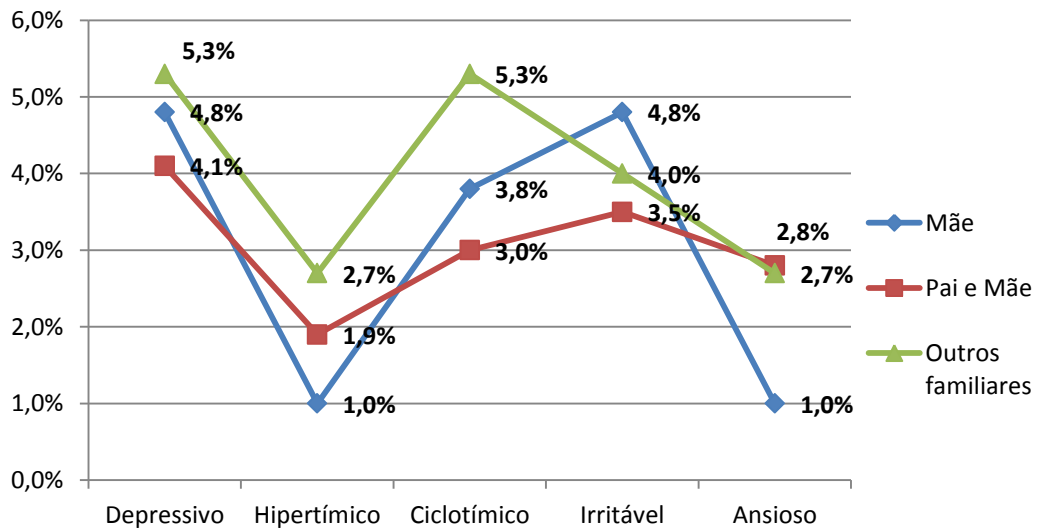


Gráfico 9 – Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z) por progenitor(es) com quem coabita

Da aplicação dos valores padronizados a cada temperamento não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos com pontuações acima ou abaixo de 2 desvios-padrão da pontuação média (2Z Score) não sendo possível afirmar a dominância de um temperamento considerando o progenitor com quem coabita (Quadro 10, Gráfico 9).

Pelo Quadro 11, podemos observar que os resultados médios não padronizados mais elevados para o temperamento depressivo ($M=7,1$; $DP=2,9$), ciclotímico ($M=6,6$; $DP=4,3$), hipertímico ($M=10,6$; $DP=4,0$) e irritável ($M=3,9$; $DP=3,1$) e ansioso ($M=9,9$; $DP=5,2$) foram encontrados entre os inquiridos que têm irmãos ($N=621$), não existindo diferenças estatisticamente significativas.

Quadro 11 – Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos segundo a fratria e percentagem de valores padronizados (Z-score)

Fratia/ Temperamento	N		Temp. Estáveis		Temp. Instáveis		
			Depressivo	Hipertímico	Ciclotímico	Irritável	Ansioso
Sim	621	Média±Desvio- Padrão	7,1±2,9	10,6±4,0	6,6±4,3	3,9±3,1	9,9±5,2
		>2Z Score n (%)	26 (4,2%)	13 (2,1%)	20 (3,2%)	25 (4,0%)	15 (2,4%)
Não	139	Média±Desvio- Padrão	7,0±3,1	10,5±4,2	6,1±4,5	3,7±3,1	9,6±5,6
		>2Z Score n (%)	6 (4,3%)	1 (0,7%)	5 (3,6%)	3 (2,2%)	4 (2,9%)
	760	Teste t	t=0,278; g=758 p=0,781	t=0,293; g=758 p=0,770	t=1,276; g=758 p=0,202	t=0,761; g=758 p=0,447	t=0,705; g=758 p=0,481
		Qui-Quadrado (χ^2)	0,005(1); p=0,945	1,186(1); p=0,276	0,051(1); p=0,822	1,116(1); p=0,291	0,100(1); p=0,752

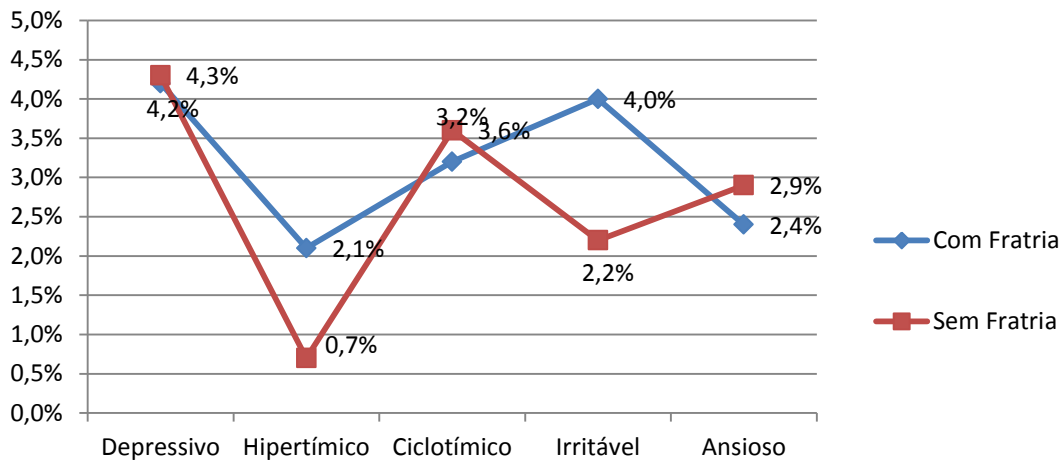


Gráfico 10 – Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z) por existência de fratria

Como se pode observar pelo mesmo Quadro, pela aplicação do Teste *t* para a igualdade de médias, não foram observadas evidências estatisticamente significativas que nos permitem afirmar que os resultados médios não padronizados dos vários temperamentos são diferentes entre quem tem e quem não tem irmãos.

Na aplicação dos valores padronizados a cada temperamento não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos com pontuações acima ou abaixo de 2 desvios-padrão da pontuação média (2Z Score) não sendo possível afirmar um temperamento dominante (Quadro 11; Gráfico 10).

No estudo dos resultados médios não padronizados dos diversos temperamentos considerando a existência de uma relação de namoro (Quadro 12) podemos observar os resultados médios mais elevados para o temperamento depressivo ($M=7,2$; $DP=2,9$), ciclotímico ($M=7,4$; $DP=4,6$), hipertímico ($M=10,6$; $DP=4,0$), irritável ($M=4,1$; $DP=3,2$) e ansioso ($M=9,8$; $DP=5,2$) entre os inquiridos que têm uma relação de namoro ($n=458$).

Quadro 12 – Resultados médios não padronizados dos temperamentos afetivos segundo a existência de uma relação de namoro e percentagem de valores padronizados (Z-score)

Relação de Namoro/ Temperamento	N		Temp. Estáveis		Temp. Instáveis		
			Depressivo	Hipertímico	Ciclotímico	Irritável	Ansioso
Sim	458	Média±Desvio-Padrão	7,0±2,9	10,5±4,2	5,9±4,1	3,7±3,0	9,8±5,4
		>2Z Score n (%)	16 (3,5%)	8 (1,7%)	9 (2,0%)	15 (3,3%)	15 (3,3%)
Não	302	Média±Desvio-Padrão	7,2±2,9	10,6±4,0	7,4±4,6	4,1±3,2	9,8±5,2
		>2Z Score n (%)	16 (5,3%)	6 (2,0%)	16 (5,3%)	13 (4,3%)	4 (1,3%)
	760	Teste t	t=-0,801; gl=758 p=0,426	t=-0,129; gl=758 p=0,897	t=-4,674; gl=758 p=0,000**	t=-1,196; gl=758 p=0,046*	t=0,004; gl=758 p=0,997
		Qui-Quadrado (χ^2)	1,469(1); p=0,225	0,058(1); p=0,810	6,355(1); p=0,012**	0,544(1); p=0,461	2,841(1); p=0,092

* Correlação significativa ao nível $p \leq 0,05$ e ** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

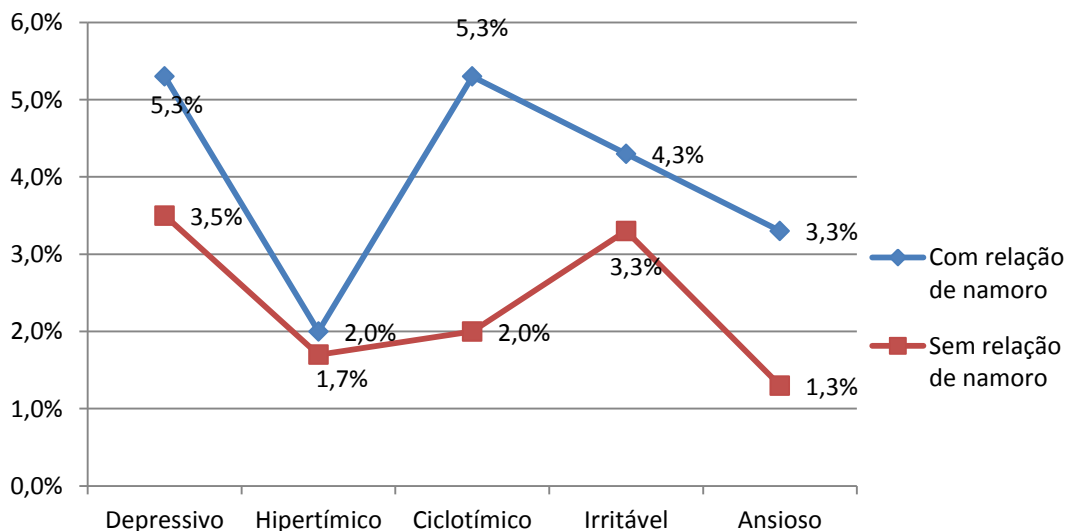


Gráfico 11 – Percentagem de indivíduos com pontuações médias dos temperamentos acima de 2 desvios-padrão (>2Z) por existência de relação de namoro

Como se pode observar pelo Quadro 12, pela aplicação do Teste *t* para a igualdade de médias, foram observadas evidências estatisticamente significativas que nos permitem afirmar que os resultados médios não padronizados do temperamento ciclotímico e irritável diferem entre quem tem ou não uma relação de namoro.

Da aplicação dos valores padronizados a cada temperamento verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre indivíduos com pontuações acima ou abaixo de 2 desvios-padrão da pontuação média (2Z Score) resultando o temperamento ciclotímico como dominante entre os que não têm uma relação de namoro. Entre os que têm uma relação de namoro não é possível encontrar um temperamento dominante (Quadro 12; Gráfico 11).

Em síntese no estudo do temperamento foram encontrados os seguintes resultados:

- Existem correlações estatisticamente significativas entre todos os pares de temperamentos com correlações negativas entre o temperamento hipertímico e os temperamentos depressivo, ciclotímico e ansioso;

- O temperamento com valores médios não padronizados mais elevados para a totalidade da população foi o temperamento hipertímico seguido do temperamento ansioso e do depressivo;

- O temperamento dominante para a totalidade da população é o temperamento depressivo (4,2% de indivíduos com pontuações acima de 2 desvios-padrão);

- O temperamento dominante no género masculino é o hipertímico não sendo possível apontar um temperamento dominante para o género feminino já que não foi encontrada uma diferença significativa entre indivíduos com pontuações acima ou baixo de 2 desvios-padrão em nenhum dos temperamentos;

- Existe uma correlação positiva entre a idade e o temperamento ciclotímico;

- Não é possível afirmar a dominância de um temperamento quando consideramos *o(s) progenitor(es) com quem coabita* ou *a existência de fratria*;

- O temperamento ciclotímico é dominante entre os que não têm uma *relação de namoro* não sendo possível apontar um temperamento dominante entre os que têm uma relação de namoro já que não foi encontrada uma diferença significativa entre indivíduos com pontuações acima ou baixo de 2 desvios-padrão em nenhum dos temperamentos.

1.4. Relações entre variáveis

1.4.1. Fatores de vinculação na relação com a mãe e temperamento afetivo

Na análise dos valores de correlação entre os temperamentos e os fatores de vinculação na relação com a mãe (Quadro 13) verificamos relações estatisticamente significativas entre os fatores IEI e ASD e todos os temperamentos e entre o fator QLE e os temperamentos ciclotímico e irritável (temperamentos instáveis), relações essas, expressas por correlações de nível ínfimo e fraco. Foram encontradas relações positivas entre os fatores IEI e ASD e o temperamento depressivo (estável) e ciclotímico, irritável e ansioso (instáveis) e os fatores IEI e ASD, e relações em sentido inverso entre o temperamento hipertímico (estável) e os fatores IEI e ASD e entre o ciclotímico e o irritável (instáveis) e o fator QLE.

Quadro 13 – Valores de correlação entre fatores de vinculação na relação com a mãe e temperamento afetivo

Temperamento/Fatores		Inibição da exploração e individualidade	Qualidade do laço emocional	Ansiedade de separação e dependência
Temp. Estáveis	Depressivo	0,222**	0,027	0,246**
	Hipertímico	-0,094**	0,061	-0,074*
Temp. Instáveis	Ciclotímico	0,359**	-0,075*	0,164**
	Irritável	0,341**	-0,116**	0,089*
	Ansioso	0,260**	0,067	0,350**

* Correlação significativa ao nível $p \leq 0,05$ e ** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

Quadro 14 – Relação entre padrões de vinculação na relação com a mãe e temperamentos estáveis e instáveis

Temperamento/ Padrões de Vinculação		Padrão de Vinculação à Mãe				Total (N)	Qui- Quadrado (χ^2)
		Seguro (N)	Preocupado (N)	Desinvestido (N)	Amedrontado (N)		
Temperamentos Estáveis	Temperamento Dominante Depressivo (Z Score > 2DP)	9(28,1%)	3(9,4%)	16(50%)	4(12,5%)	32	12,244(3); $p=0,007**$
	Temperamento Dominante Hipertímico (Z Score > 2DP)	4(28,6%)	5(35,7%)	2(14,3%)	3(21,4%)	14	2,982(3); $p=0,394$
Temperamentos Instáveis	Temperamento Dominante Ciclotímico (Z Score > 2DP)	5(20%)	3(12%)	11(44%)	6(24%)	25	11,901(3); $p=0,008**$
	Temperamento Dominante Irritável (Z Score > 2DP)	9(32,1%)	1(3,6%)	12(42,9%)	6(21,4%)	28	12,663(3); $p=0,005**$
	Temperamento Dominante Ansioso (Z Score > 2DP)	7 (36,8%)	2 (10,5%)	9 (47,4%)	1 (5,3%)	19	6,008(3); $p=0,111$

O modelo de regressão linear simples (MRLS) permitiu-nos observar o contributo dos fatores de vinculação na relação com a mãe para a variância de cada temperamento.

Assim podemos afirmar que, no caso do temperamento depressivo o fator IEI contribui para 4,4% ($R^2=0,44$) da variância e o fator ASD para 6% ($R^2=0,60$) da variância.

Para o temperamento hipertímico esses valores são de: IEI – 0,9% ($R^2=0,09$).

Para o temperamento ciclotímico esses valores são de: IEI – 12,9% ($R^2=0,129$) e ASD – 2,1% ($R^2=0,021$).

Para o temperamento irritável esses valores são de: IEI – 11,6% ($R^2=0,116$) e ASD – 0,5% (0,05).

Para o temperamento ansioso esses valores são de IEI – 5,8% ($R^2=0,058$) e ASD – 12,3% ($R^2=0,123$).

No estudo da associação entre padrões de vinculação na relação com a mãe e temperamento afetivo podemos observar frequências mais elevadas de indivíduos com temperamentos estáveis dominantes ($Z \text{ Score} > 2DP$) entre os indivíduos com padrão de vinculação *desinvestido* para o temperamento depressivo e entre os indivíduos com padrão de vinculação *preocupado* para o temperamento hipertímico.

Essa associação é estatisticamente significativa entre o temperamento depressivo e o padrão *desinvestido*.

Podemos ainda, observar, frequências mais elevadas de indivíduos com temperamentos instáveis (ciclotímico e irritável) dominantes ($Z \text{ Score} > 2DP$) entre os indivíduos com padrão de vinculação *desinvestido*, sendo essa associação estatisticamente significativa (Quadro 14).

1.4.2. Fatores de vinculação na relação com o pai e temperamento afetivo

Na análise dos valores de correlação entre os temperamentos e os fatores de vinculação ao pai (Quadro 15) verificámos relações estatisticamente significativas entre o fator IEI e todos os temperamentos (relação inversa entre o fator IEI e o hipertímico), entre o fator QLE e os temperamentos ciclotímico e

irritável (relação inversa) e o temperamento hipertímico e entre o fator ASD e os temperamentos depressivo, ciclotímico e ansioso.

Quadro 15 – Valores de correlação entre fatores de vinculação na relação com o pai e temperamento afetivo

Temperamento/Fatores		Inibição da exploração e individualidade	Qualidade do laço emocional	Ansiedade de separação e dependência
Temp. Estáveis	Depressivo	0,199**	-0,035	0,166**
	Hipertímico	-0,082*	0,102**	-0,008
Temp. Instáveis	Ciclotímico	0,294**	-0,084*	0,114**
	Irritável	0,283**	-0,113**	0,052
	Ansioso	0,249**	-0,015	0,262**

* Correlação significativa ao nível $p \leq 0,05$ e ** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

Quadro 16 - Relação entre padrões de vinculação na relação com o pai e temperamentos estáveis e instáveis

Temperamento/ Padrões de Vinculação		Padrão de Vinculação ao Pai				Total (N)	Qui-Quadrado (χ^2)
		Seguro (N)	Preocupado (N)	Desinvestido (N)	Amedrontado (N)		
Temperamentos Estáveis	Temperamento Dominante Depressivo (Z Score > 2DP)	6(18,8%)	5(15,6%)	15(46,9%)	6(18,8%)	32	13,421(3); $p=0,004^{**}$
	Temperamento Dominante Hipertímico (Z Score > 2DP)	5(35,7%)	1(7,1%)	4(28,6%)	4(28,6%)	14	0,279(3); $p=0,964$
Temperamentos Instáveis	Temperamento Dominante Ciclotímico (Z Score > 2DP)	5(20%)	4(16%)	9(36%)	7(28%)	25	4,847(3); $p=0,183$
	Temperamento Dominante Irritável (Z Score > 2DP)	9(32,1%)	2(7,1%)	11(39,3%)	6(21,4%)	28	4,077(3); $p=0,253$
	Temperamento Dominante Ansioso (Z Score > 2DP)	5(26,3%)	4(21,1%)	8(42,1%)	2(10,5%)	19	9,652(3); $p=0,022^{**}$

O modelo de regressão linear simples (MRLS) permitiu-nos observar o contributo dos fatores de vinculação na relação com o pai para a variância de cada temperamento.

Assim podemos afirmar que, no caso do temperamento depressivo o fator IEI contribui para 4% ($R^2=0,040$) da variância, o fator QLE para 1,7% ($R^2=0,017$) da variância e o fator ASD para 2,7% ($R^2=0,027$).

Para o temperamento hipertímico esses valores são de: IEI – 1% ($R^2=0,010$) e ASD - 1% ($R^2=0,010$).

Para o temperamento ciclotímico esses valores são de: IEI – 8,7% ($R^2=0,087$), QLE – 1,4% ($R^2=0,014$) e ASD – 1,2% ($R^2=0,012$).

Para o temperamento irritável esses valores são de: IEI – 8% ($R^2=0,080$).

Para o temperamento ansioso esses valores são de IEI – 2,9% ($R^2=0,029$), QLE – 6,2% ($R^2=0,062$) e ASD – 6,9% ($R^2=0,069$).

No estudo da associação entre padrões de vinculação na relação com o pai e temperamento afetivo podemos observar frequências mais elevadas de indivíduos com temperamentos instáveis dominantes ($Z \text{ Score} > 2DP$) entre os indivíduos com padrão de vinculação *desinvestido*.

No que se refere aos temperamentos estáveis, a frequência mais elevada de indivíduos com temperamento hipertímico encontra-se entre os indivíduos com padrão de vinculação *seguro* e a frequência mais elevada de indivíduos com temperamento depressivo entre os indivíduos com padrão de vinculação *desinvestido*.

Essa associação é estatisticamente significativa entre os temperamentos depressivo e ansioso e o padrão *desinvestido* (Quadro 16).

1.4.3. Fatores de vinculação amorosa e temperamento afetivo

Na análise dos valores de correlação entre os temperamentos e os fatores de vinculação amorosa (Quadro 17) verificámos relações estatisticamente significativas entre os fatores *dependência* e *ambivalência* e todos os temperamentos, entre o fator *confiança* e os temperamentos

depressivo, ciclotímico, irritável e ansioso e entre o fator *evitamento* e os temperamentos ciclotímico e irritável, relações essas expressas por correlações de nível ínfimo e fraco revelando relações positivas e negativas.

Quadro 17 – Valores de correlação entre fatores de vinculação ao par amoroso e temperamento afetivo

Temperamento/Fatores		Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
Temp. Estáveis	Depressivo	-0,073*	0,303**	-0,024	0,206**
	Hipertímico	0,003	-0,146**	0,030	-0,101**
Temp. Instáveis	Ciclotímico	-0,171**	0,168**	0,119**	0,345**
	Irritável	-0,195**	0,139**	0,118**	0,345**
	Ansioso	-0,091*	0,339**	-0,058	0,265**

* Correlação significativa ao nível $p \leq 0,05$ e ** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

Quadro 18 - Relação entre padrões de vinculação amorosa e temperamentos estáveis e instáveis

Temperamento/ Padrões de Vinculação		Padrão de Vinculação Amorosa				Total (N)	Qui-Quadrado (χ^2)
		Seguro (N)	Preocupado (N)	Desinvestido (N)	Amedrontado (N)		
Temperamentos Estáveis	Temperamento Dominante Depressivo (Z Score > 2DP)	1(3,1%)	2(6,3%)	8(25%)	21(65,6%)	32	25,040(3); $p=0,000$**
	Temperamento Dominante Hipertímico (Z Score > 2DP)	6(24%)	7(28%)	3(12%)	9(36%)	25	9,068(3); $p=0,028$*
Temperamento Instáveis	Temperamento Dominante Ciclotímico (Z Score > 2DP)	4(28,6%)	1(7,1%)	5(35,7%)	4(28,6)	14	0,489(3); $p=0,921$
	Temperamento Dominante Irritável (Z Score > 2DP)	6(24%)	7(28%)	3(12%)	9(36%)	25	9,068(3); $p=0,028$*
	Temperamento Dominante Ansioso (Z Score > 2DP)	0(0%)	6(31,6%)	4(21,1%)	9(47,4%)	19	13,652(3); $p=0,003$**

O modelo de regressão linear simples (MRLS) permitiu-nos observar o contributo dos fatores de vinculação ao par amoroso para a variância de cada temperamento.

Assim podemos afirmar que, no caso do temperamento depressivo o fator *dependência* contribui para 9,2% ($R^2=0,092$) da variância e o fator *ambivalência* para 3,3% ($R^2=0,033$).

Para o temperamento hipertímico esses valores são de: *dependência* – 2,1% ($R^2=0,021$) e *ambivalência* – 0,8% ($R^2=0,008$).

Para o temperamento ciclotímico esses valores são de: *dependência* – 2% ($R^2=0,020$) e *ambivalência* – 11,9% ($R^2=0,119$).

Para o temperamento irritável esses valores são de: *dependência* – 1,2% ($R^2=0,012$) e *ambivalência* – 11,9% ($R^2=0,119$).

Para o temperamento ansioso esses valores são de: *dependência* – 11,5% ($R^2=0,115$), *evitamento* – 0,8% ($R^2=0,008$) e *ambivalência* – 5,7% ($R^2=0,057$).

No estudo da associação entre padrões de vinculação amorosa e temperamento afetivo podemos observar frequências mais elevadas de indivíduos com temperamentos estáveis (depressivo e hipertímico) dominantes ($Z \text{ Score} > 2DP$) entre os indivíduos com padrão de vinculação *amedrontado* sendo essa associação estatisticamente significativa.

Podemos ainda observar frequências mais elevadas de indivíduos com temperamentos ciclotímico dominante ($Z \text{ Score} > 2DP$) entre os indivíduos com padrão de vinculação *desinvestido* e frequências mais elevadas de indivíduos com temperamento irritável e ansioso dominante ($Z \text{ Score} > 2DP$) entre os indivíduos com padrão de vinculação *amedrontado*, sendo esta associação estatisticamente significativa no caso do temperamento ansioso (Quadro 18).

Em síntese verifica-se no que se refere à relação entre os fatores de vinculação e os temperamentos afetivos:

- O fator de vinculação na relação com a mãe que mais contribui para a variância dos temperamentos é o fator IEI com maior contributo para a variância do temperamento ciclotímico (12,9%) e do temperamento irritável (11,6%);

- O fator de vinculação na relação com o pai que mais contribui para a variância dos temperamentos é o fator IEI com maior contributo para a variância do temperamento ciclotímico (8,7%) e do temperamento irritável (8%);
- O fator de vinculação ao par amoroso que mais contribui para a variância dos temperamentos é o fator *dependência* com maior contributo para a variância do ansioso (11,5%) e depressivo (9,2%);
- Na vinculação na relação com a mãe, o temperamento depressivo (estável) e os temperamentos instáveis (ciclotímico, irritável e ansioso) revelaram-se dominantes entre o padrão *desinvestido* e o hipertímico (estável) entre os *preocupados*;
- Na vinculação na relação com o pai, o temperamento depressivo (estável) e os temperamentos instáveis (ciclotímico, irritável e ansioso) revelaram-se dominantes entre o padrão *desinvestido* e o hipertímico (estável) entre os *seguros*;
- Na vinculação ao par amoroso, os temperamentos estáveis (depressivo e hipertímico) e os temperamentos irritável e ansioso (instáveis) revelaram-se dominantes entre o padrão *amedrontado* e o temperamento ciclotímico entre o padrão *desinvestido*.

2. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Discutiremos, neste capítulo, os dados marcantes a que os nossos resultados nos conduziram.

Ao longo do percurso desta investigação fomos construindo o nosso conhecimento inspirado na fundamentação teórica que sustentámos nas variadíssimas fontes que consultámos.

Neste Capítulo faremos um exercício de análise crítica sobre os resultados encontrados e o seu confronto com a atualidade assim como sobre a adequação das opções metodológicas que estruturam este estudo.

Seguiremos o critério de apresentar esta síntese pela sua ordem de apresentação no Capítulo anterior e tendo como referência os objetivos que delineámos.

Reportar-nos-emos ainda à atualidade e pertinência do estudo.

Optámos, neste estudo, por recolher dados junto de uma população de estudantes de 1º Ciclo, do Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem.

Porque somos enfermeiros e educadores em enfermagem acreditámos poder contribuir para um melhor conhecimento da dimensão afetiva dos nossos estudantes.

O tamanho da amostra, na nossa opinião, é satisfatório. Os padrões encontrados nas características gerais são similares a variados estudos realizados no âmbito da formação ou da profissão de enfermagem.

Os participantes são maioritariamente do género feminino (83,3%), com uma média de idades de 21,3 anos, estão enquadrados num ambiente familiar com pai e mãe (74,5%), 81,7% têm irmãos e 61,1% têm uma relação de namoro.

Apresenta-se como um dado marcante a feminização dos participantes, tendência aliás já encontrada em vários estudos desenvolvidos no âmbito do ensino superior em Portugal (Grácio, 1997; Balsa, Simões, Nunes, Carmo, & Campos, 2001; Martins, Mauritti & Costa, 2005) e também em estudos de âmbito europeu (OCDE, 2009), o que deixa por adivinhar uma realidade mais

fiável relativamente à população masculina. Refira-se ainda que esta é também uma realidade fortemente associada à área da formação inicial de enfermagem.

Na escolha dos instrumentos de avaliação podemos também afirmar que a escolha se revelou adequada ao objetivo do estudo.

Na avaliação da vinculação parental, o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM, Versão IV (Matos & Costa, 2001a) aplicado de duas formas: uma relativa à Mãe e outra relativa ao Pai revelou valores de consistência interna (*Alpha de Cronbach - α*) bastante aceitáveis. Relativamente à versão relativa à mãe, o fator *inibição da exploração e individualidade* apresentou um $\alpha=0,85$, o fator *qualidade do laço emocional* um $\alpha=0,90$, o fator *ansiedade de separação e dependência* um $\alpha= 0,83$, para um $\alpha=0,81$ para a escala total. Na versão relativa ao pai o fator *inibição da exploração e individualidade* apresentou um $\alpha=0,85$, o fator *qualidade do laço emocional* um $\alpha=0,95$, o fator *ansiedade de separação e dependência* um $\alpha= 0,87$.

A avaliação da vinculação amorosa com recurso ao Questionário de Vinculação Amorosa – QVA, Versão III (Matos & Costa, 2001b) revelou valores de consistência interna entre $\alpha=0,85$ e $\alpha=0,91$ para os fatores.

Na avaliação do temperamento afetivo, a escala TEMPS-A, validação para a população portuguesa (Akiskal & Akiskal, 2005ab; Figueira et al., 2008) revelou, em geral, uma boa consistência interna com um Alpha (α) de Cronbach de 0,87 para a escala total e um α de Cronbach para os vários temperamentos de $\alpha=0,63$ (depressivo), $\alpha=0,82$ (ciclotímico), $\alpha=0,76$ (hipertímico), $\alpha=0,75$ (irritável) e $\alpha=0,84$ (ansioso).

A validação desta escala para a população portuguesa (Figueira et al., 2008) bem como a nossa segurança na sua aplicação, fruto da nossa participação em aplicações prévias com outros grupos (Cordeiro, Claudino & Arriaga, 2008; Figueira et al., 2009) permitiu-nos confiança nos dados obtidos.

Os estudos conhecidos têm adotado a mesma técnica de autoaplicação deste instrumento de colheita de dados.

No estudo dos fatores de vinculação, os resultados indicaram diferenças de género relativas a alguns fatores, nomeadamente a obtenção de resultados

mais elevados das adolescentes se comparadas aos rapazes no que concerne à *qualidade do laço emocional* e à *ansiedade de separação e dependência* na relação com ambos os pais, resultados corroborados noutros estudos (Rocha, 2008). Não existe este efeito de género quando se trata do fator *inibição da exploração e individualidade*.

As raparigas obtiveram resultados mais elevados de *inibição de exploração e individualidade* com a mãe que com o pai contrariando um pouco a realidade cultural: no contexto português a imagem do pai protetor das filhas sobretudo ao nível das relações com pares é um modelo fortemente enraizado, pelo que a pressão na adolescência do desenvolvimento da identidade através do par sejam praticamente impossíveis de explorar com uma figura paterna superprotegendo-a.

Sugere-se que as raparigas investem mais a relação com as mães que com os pais, embora mais dependentes das mães; também em comparação com os rapazes. Parece existir evidência de que a *qualidade do laço emocional* nas raparigas é mais robusta relativamente a ambos os elementos parentais, e por consequência os níveis de *ansiedade de separação e dependência* encontrados foram também mais elevados.

Nos rapazes, os resultados indicaram relações com laços emocionais próximos com ambos os pais, e, surpreendentemente, referiram sem diferenças comparativamente às raparigas, a mesma inibição parental da exploração e da individualidade, não se podendo encaixar aqui a mesma justificação cultural referida para o género feminino.

Se os pais portugueses detivessem práticas educativas não orientadas para a autonomia que se refletissem posteriormente na segurança dos filhos adultos (Allen & Hauser, 1996), então a transferência de vinculação dos pais aos pares poderia ser mais precoce nos adolescentes portugueses, sobretudo para as raparigas, porque a robustez superior do laço com as mães por comparação ao dos filhos parece ser replicado em diversos estudos (Berman & Spearling, 1991; Matos, 2002; Neves, Soares & Silva, 1999; van Wel, 2002), fazendo supor que a vinculação das mães às suas filhas pode ter uma função protetora relativamente ao estatuto feminino nas sociedades ocidentais.

Muito interessantes as variações em sentido inverso entre a idade e os fatores da vinculação (nomeadamente *ansiedade de separação e dependência*) indicando subtilmente o caminho da autonomia adolescente.

Embora o impacto seja difícil de medir no âmbito deste estudo é importante olhar para a inconstância de alguns fatores nomeadamente do fator ASD sugerindo uma influência diferencial da composição do agregado familiar.

Não parece que a existência de irmãos seja determinante na qualidade e fatores de vinculação embora se possam notar alguns resultados interessantes. Quem têm irmãos parece estar mais inibido perante o pai. A repartição de autoridade do pai enquanto figura paternal não é repartida mas antes concentrada o que pode justificar este resultado.

Na relação entre os fatores de vinculação à mãe ao pai e a relação de namoro a *qualidade do laço emocional* tende a ser igual para ambos os pais entre os que namoram e não namoram. Apenas se observaram diferenças no fator ASD na vinculação com a mãe. O laço emocional será mesmo o último fator de vinculação aos pais que encontrará substituto na vinculação amorosa.

As raparigas revelaram maiores níveis de *confiança e ambivalência* nas relações amorosas que os rapazes e estes, um maior grau de *evitamento e dependência*. Estes resultados exigem um robusto corpo teórico que indica que as perceções das relações românticas na adolescência são diferenciadas por género e, que esta diferenciação é mais positiva e investida por parte das raparigas (Shulman & Scharf, 2000; Taradash, Connolly, Pepler, Craig, & Costa, 2001) pensando que estas diferenças têm diversos fundamentos.

Desde logo os papéis sociais que vão sendo atribuídos induzem as raparigas a serem prestadoras de cuidados e a responderem à vulnerabilidade dos outros com maior disponibilidade que os rapazes. Os últimos, por seu turno, são encaminhados para atividades onde a dominação física é visível. Algumas teorias sugerem que é justamente a sobrevivência da espécie que induz esta “aculturação” na medida em que atribui às mulheres o papel de cuidar da prole ao nível mais imediato e mais íntimo e, aos homens um papel de proteção física. Posteriormente e já na adolescência as relações de proximidade entre pares rapazes do mesmo género são objeto de comportamentos de segregação homofóbica, enquanto as relações íntimas das raparigas são apoiadas. Obviamente que estes comportamentos sociais vão

sendo traduzidos de tal modo que as relações dos adolescentes são visivelmente mais diádicas entre raparigas e mais grupais entre rapazes (Markovits, Benenson, & Dolenzky, 2001), o que provavelmente terá um correlato posterior nas relações amorosas.

Não seria expectável a relação entre a idade e os factores de vinculação amorosa, já que teoricamente não é a idade mas antes a duração da relação íntima que promove a variância na vinculação amorosa. Poderíamos especular que a idade influencia essa duração, já que as relações amorosas começam a introduzir-se na realidade relacional tipicamente no início da adolescência e após processos de interação que passam por sequências de relações típicas com pares do mesmo género, grupos alargados de pares mistos e possibilidade de relação amorosa dentro destes últimos grupos.

Em todo o caso seria a duração das relações e não a idade o fator de variância. O modelo de Hazan refere um limite de dois anos como condição à existência de uma relação de vinculação romântica, pelo que a ausência de resultados em função da idade estão de acordo com a teoria (Hazan & Zeifman, 1994, 1999).

No estudos da vinculação à mãe segundo o modelo dos padrões descritos atrás padrões de vinculação, os adolescentes *seguros* apresentam valores de *inibição da exploração e individualidade* baixos (embora mais elevados que os *preocupados*), de *qualidade do laço emocional* altos (significativamente mais altos que *preocupados*, *desinvestidos* e *amedrontados*) e, valores médios no fator *ansiedade de separação e dependência* mais elevados que nos outros padrões. Os valores de *qualidade do laço emocional* estão de acordo com o esperado para um padrão *seguro*. Também no que diz respeito ao fator *qualidade do laço emocional* foram os adolescentes *seguros* que obtiveram as médias mais elevadas, sendo um tipo de relato esperado já que traduz a idealização relacional que tendem a manifestar.

Também os adolescentes classificados como *preocupados* obtiveram médias significativamente diferentes de todos os outros. Desta feita, e tal como teoricamente aguardado, as médias obtidas no fator *inibição da exploração e individualidade* foram as mais baixas comparativamente às dos restantes, evidenciando a qualidade de procura incessante pela companhia dos

adolescentes com outros padrões, e as necessidades elevadas de atenção e aprovação destes jovens; ou seja, o medo de que as opiniões próprias de quem tem uma imagem de si negativa sejam divergentes das do outro, de quem tem de si uma imagem positiva, podem gerar limitações à exploração e expressividade pessoais por medo justamente do aumento da rejeição e da diminuição da aprovação por parte do outro significativo. Por último, foram também os jovens *preocupados* que mais *ansiedade de separação e dependência* na relação com a mãe exibiram, dando a conhecer a dependência psicológica e a forma *pertinaz* como estes adolescentes se relacionam com as figuras de vinculação.

Os jovens *desinvestidos* obtiveram, em conjunto com os do grupo *amedrontado*, os resultados mais elevados no que diz respeito à *inibição da exploração e individualidade*.

Por último, o padrão *amedrontado*, caracteristicamente revelador de um funcionamento que expressa modelos negativos de si mesmo e do outro, deteve médias altas no fator *inibição da exploração e individualidade*, valores reveladores da ambivalência entre necessidade de contacto e representação pessoal de falta de adequação. O medo da rejeição não permite a exploração pessoal, porque justamente o sujeito se depara com uma consciência negativa de si mesmo.

Para os *amedrontados*, as médias de *qualidade do laço emocional* e de *ansiedade de separação e dependência* foram diferentes das de todos os outros padrões (sendo as mais baixas entre todas). Esta configuração confirma o modelo negativo que os *amedrontados* têm do outro, ou seja, a expressão que fazem da desvalorização do outro, num claro afastamento emocional, que não permite o que supõem ser a ingerência do outro em questões pessoais (daí a elevada média de *inibição da exploração e individualidade*). As consequências são então a baixa *qualidade do laço emocional* e o evitamento ativo na procura dos outros, pelo que a *ansiedade de separação e dependência* é igualmente baixa nos *amedrontados*.

Em relação à vinculação ao pai segundo os padrões de vinculação, os adolescentes *seguros* obtiveram as médias mais baixas no fator *inibição da exploração e individualidade*. No que diz respeito à *qualidade do laço emocional*, os *seguros* têm uma média significativamente superior a

preocupados, amedrontados e desinvestidos na relação com o pai, em linha com o esperado teoricamente. Quando observadas as diferenças de médias para a *ansiedade de separação e dependência* na relação com o pai, os adolescentes com padrão *seguro* obtiveram médias mais elevadas que *preocupados* (que obtiveram neste fator as médias mais baixas), *desinvestidos* e *amedrontados*.

Os jovens *preocupados* obtiveram as médias mais baixas nos fatores *qualidade do laço emocional* e *ansiedade de separação e dependência*. A média obtida para a *qualidade do laço emocional* pode representar o conceito elaborado que realizam das relações interpessoais, e os valores de *ansiedade de separação e dependência*, a dependência nos outros para a valorização pessoal, manifestando paralelamente um posicionamento negativo perante o *self*.

Os jovens *desinvestidos* evidenciaram diferenças relevantes para com *seguros* e *preocupados* nos graus de *inibição da exploração e individualidade*, detendo porém uma média significativamente inferior à dos *amedrontados*. Estes resultados parecem refletir o evitamento interpessoal resultante da imagem negativa do outro. Quanto à *qualidade do laço emocional* as médias foram mais baixas que as de *seguros* e *amedrontados*, porém mais elevadas que as de *preocupados* comparativamente aos restantes grupos, como aliás é teoricamente esperado. É também provável que os *desinvestidos* relatem deter níveis baixos de *ansiedade de separação e dependência*, refletindo a imagem negativa dos outros enquanto figuras das quais é necessário manter distanciamento.

No último grupo encontram-se os jovens *amedrontados* com os índices baixos de *inibição da exploração e individualidade*, valores de *qualidade do laço emocional* superiores a *desinvestidos* e *preocupados*, com valores de *ansiedade de separação e dependência* superiores ao grupo *preocupado* e inferiores a *seguros* e *desinvestidos*. Estas características parecem traduzir as descrições teóricas de insegurança e vulnerabilidade, medo da rejeição e solidão e, alta dependência emocional, típicas dos padrões negativos ao nível dos modelos internos de si e dos outros.

Em relação à vinculação amorosa, o grupo dos jovens *seguros* obteve no fator *confiança* médias elevadas (só excedida pelos adolescentes

desinvestidos). No fator *dependência* obteve os valores mais baixos e no fator *evitamento* colheu valores moderados e igualmente diversos significativamente dos restantes conjuntos (excedidos apenas pela média dos *preocupados*) e apresentou valores baixos, estatisticamente diversos dos jovens *preocupados* (estes com média superior), *desinvestidos* e *amedrontados* (média inferior aos seguros, como é aguardado igualmente em termos teóricos) no fator *ambivalência*.

Os jovens *preocupados* apresentam os valores elevados de *ambivalência* e *evitamento* (de facto os mais elevados) e médias baixas no que concerne à *confiança* e *dependência* (os mais baixos). Este delineamento parece evidenciar a importância crucial que o grupo *preocupado* dá às relações de cariz amoroso, fundando os seus relacionamentos na necessidade de cuidar de alguém e de se sentir desejado. A idealização continua presente tanto na intensidade de *confiança* e *dependência* no outro, quer na incerteza sobre o seu papel amoroso que os resultados elevados em *ambivalência* parecem traduzir. O discurso idealista e irrealista relaciona-se com a primazia dada ao par amoroso, neste caso representada pelo nível mais baixo de defensibilidade. A falta de opção pela intimidade e proximidade, que caracterizam as relações amorosas do grupo *desinvestido*, parecem observar-se de forma contraditória através dos resultados altos (os mais altos) obtidos na *confiança* onde não diferem dos outros padrões. É também característico deste grupo um menor compromisso emocional que o do seu par amoroso. Desta especificidade fazem eco a média mais baixa entre todas nos fatores *evitamento* e *ambivalência*. Quanto à *ambivalência*, os resultados são os mais baixos, evidenciando que o papel do par amoroso é desvalorizado.

Por último, nos jovens *amedrontados* encontra-se a configuração esperada baseada nos conceitos negativos do *self* e do outro. Este grupo apresenta-se hesitante, passivo e dependente, tal como indicam as médias baixas em *confiança*, moderadas a altas de *dependência* (apenas menor que a dos *desinvestidos*), com um *evitamento* inferior significativamente ao dos sujeitos *seguros* e *desinvestidos* e, com um grau de *ambivalência* superior a de todos os outros padrões de vinculação excetuando os *preocupados*.

No estudo dos temperamentos afetivos, a correlação entre os vários temperamentos evidencia correlações ligeiras a moderadas mas

estatisticamente significativas entre todos os pares de temperamentos. As correlações mais fortes foram encontradas entre o temperamento depressivo e o temperamento ansioso ($r=0,577$; $p<0,01$), entre o ciclotímico e irritável ($r=0,577$; $p<0,01$) e entre o ansioso e ciclotímico ($r=0,559$; $p<0,01$). Verificaram-se correlações negativas entre o temperamento depressivo e hipertímico ($r=-0,455$; $p<0,01$), entre o hipertímico e ciclotímico ($r=-0,155$; $p<0,01$) e entre o ansioso e hipertímico ($r=-0,293$; $p<0,01$).

Dos vários resultados ressaltam os que indicam que o temperamento depressivo tem características ansiosas e o temperamento ansioso características depressivas e características ciclotímicas mas que cada um mantém a sua individualidade, não fosse o temperamento uma característica individual, mas não mutuamente exclusiva. Podemos justificar diferenças significativas entre temperamentos com claros pontos de contacto do ponto de vista psicopatológico.

Num estudo envolvendo estudantes do ensino superior (Figueira et al., 2009), os estudantes de enfermagem revelaram tendência semelhante sugerindo um padrão temperamental independente de outros fatores mas a carecer de outros estudos.

Verificámos que os resultados obtidos para os diferentes temperamentos diferem entre géneros de forma estatisticamente significativa com exceção dos valores obtidos para o temperamento irritável (instável) sugerindo que as características atribuídas ao temperamento irritável são transversais a ambos os géneros.

Existirão assim características temperamentais mais atribuíveis a um género que a outro. Os temperamentos ciclotímico, depressivo e ansioso serão mais característicos do género feminino e os temperamentos irritável e hipertímico do género masculino, o que tem sido corroborado por outros estudos.

Considerando um modelo de estabilidade/instabilidade, estes resultados sugerem uma tendência do género feminino divergente do género masculino. Existem características próprias de género que aparentemente parecem estar na origem desta tendência já que resultados semelhantes têm sido encontrados em vários estudos e populações de origens sociais, culturais e geográficas diversas.

Refira-se que relativamente ao estudo dos temperamentos afetivos tomando como referência o(s) progenitor(es) com quem os inquiridos coabitam, sendo um dado original nos estudos consultados sobre temperamento, não foram encontradas fontes de comparação com outros estudos. No entanto, pelos resultados encontrados não foram mostrados valores que evidenciem subsidiariedade ou complementaridade entre a componente ambiental, familiares com quem os inquiridos coabitam, e os temperamentos afetivos.

Tal como anteriormente, no caso do agregado familiar, podemos entender a fratria ou ausência desta como uma componente ambiental ficando igualmente por esclarecer a relação que pode ter com o temperamento. Os resultados sugerem, neste estudo a ausência dessa relação.

No estudo do temperamento afetivo considerando a existência de uma relação de namoro e sendo a relação de namoro uma relação de natureza afetiva seria de esperar uma subsidiariedade clara entre o temperamento e a existência de uma relação de namoro, tal como se verifica.

No entanto parece-nos que nesta fase de desenvolvimento o namoro estaria mais ligado a questões de género que a questões de natureza temperamental, o que não é de todo possível afirmar neste estudo.

No estudo da relação entre os temperamentos e a vinculação à mãe, evidenciamos a relação com significado estatístico entre os temperamentos irritável e ciclotímico (temperamentos instáveis) e todos os fatores da vinculação à mãe com realce para a relação negativa com o fator *qualidade do laço emocional* (QLE) mostrando uma relação de sentido inverso. Tais resultados, entre outros, sugerem uma desvalorização do fator QLE para os indivíduos com temperamento irritável, o mesmo acontecendo com o mesmo fator e o temperamento ciclotímico. Evidencia-se ainda o peso conjunto dos fatores *inibição da exploração e individualidade* (IEI) e *ansiedade de separação e dependência* (ASD) (este menor) na variância dos valores de todos os temperamentos, exceto no hipertímico, sugerindo que a perceção de restrições à expressão da individualidade própria por parte da figura materna e ainda a valorização de experiências de ansiedade e de medo da separação da figura de vinculação reveladoras de uma relação de dependência da figura materna, embora em menor grau, são fatores moderadores do temperamento e eventualmente moderados pelo temperamento.

No que se refere aos padrões de vinculação na relação com a mãe, foram encontradas associações estatisticamente significativas entre o temperamento depressivo (estável) e o padrão *desinvestido* e entre este padrão e os temperamentos instáveis (ciclotímico e irritável).

No estudo da relação entre os temperamentos e a vinculação ao pai, evidenciamos a relação com significado estatístico entre o temperamento ciclotímico e todos os fatores da vinculação ao pai com realce para a relação negativa com o fator QLE mostrando uma relação de sentido inverso. Tais resultados, entre outros, sugerem uma desvalorização do fator QLE para os indivíduos com temperamento ciclotímico (instável), o mesmo acontecendo com o mesmo fator e o temperamento irritável (temperamento instável). Evidencia-se ainda o peso do fator IEI na variância dos valores dos temperamentos depressivo, ciclotímico, irritável e ansioso sugerindo que a percepção de restrições à expressão da individualidade própria por parte da figura paterna é fator moderador do temperamento e eventualmente moderado pelo temperamento, independentemente das suas características de estabilidade.

Em relação aos padrões de vinculação na relação com o pai foram encontradas associações estatisticamente significativas entre os temperamentos depressivo (estável) e ansioso (instável) e o padrão *desinvestido*.

No estudo da relação entre os temperamentos e a vinculação amorosa, evidencia-se o peso dos fatores *dependência* e *ambivalência* na variância dos valores de todos os temperamentos sugerindo que os fatores associados à proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e medo da perda bem como o grau de dúvida relativamente ao papel que o indivíduo desempenha nas suas relações amorosas são fatores moderadores dos temperamentos e eventualmente moderados por estes. Evidenciamos ainda a relação com significado estatístico entre o temperamento ciclotímico e o temperamento irritável (temperamentos instáveis) e todos os fatores da vinculação ao par amoroso com realce para a relação negativa entre o temperamento ciclotímico e o fator *confiança* mostrando uma relação de sentido inverso. Tais resultados, entre outros, sugerem uma desvalorização do

fator *confiança* para os indivíduos com temperamento ciclotímico (, o mesmo acontecendo com o mesmo fator e os restantes temperamentos.

Relativamente aos padrões de vinculação amorosa foram encontradas associações estatisticamente significativas entre o temperamento depressivo e hipertímico (estáveis) e ansioso (instável) e o padrão *amedrontado* e entre este padrão e o temperamento irritável (instável).

CONCLUSÕES

Tomando como ponto de partida as hipóteses que enunciámos cumpre evidenciar os resultados mais importantes deste estudo.

Assim, fica evidente a falta de resultados que tornem evidentes que padrões de vinculação seguros se correlacionam positivamente com temperamentos estáveis.

Os resultados evidenciam antes associações significativas entre os temperamentos instáveis e o padrão desinvestido quando estudamos a vinculação parental (pai e mãe) sugerindo que indivíduos com autorrepresentação positiva e modelos negativos dos outros têm como dominantes temperamentos instáveis. São indivíduos com relacionamentos pessoais pobres em termos de proximidade emocional, intimidade e expressividade. Na vinculação na relação com a mãe, o temperamento depressivo (estável) e os temperamentos instáveis (ciclotímico, irritável e ansioso) revelaram-se dominantes entre o padrão *desinvestido* e o hipertímico (estável) entre os *preocupados*.

Na vinculação na relação com o pai, o temperamento depressivo (estável) e os temperamentos instáveis (ciclotímico, irritável e ansioso) revelaram-se dominantes entre o padrão *desinvestido* e o hipertímico (estável) entre os *seguros*.

No que se refere à vinculação amorosa os resultados evidenciaram associações significativas quer entre temperamentos estáveis ou instáveis e o padrão preocupado sugerindo uma associação pouco clara entre temperamentos (do ponto de vista da sua estabilidade) e os indivíduos com padrão preocupado caracterizados por serem habitualmente indivíduos dependentes dos outros com baixa autoconfiança e com elevados graus de ansiedade. São indivíduos muito exigentes nos seus relacionamentos com relações caracterizadas por ciúme e possessividade como modelos de si próprios negativos e modelos positivos dos outros.

O balanço do presente estudo é condicionado por algumas limitações das quais realçamos a dificuldade na determinação de um sentido de causalidade entre dois constructos como a vinculação e o temperamento. Tal facto é tão mais evidente nas correlações de sentido positivo pelo que se nos sugere que há entre os dois constructos fatores de moderação mútua difíceis de conceptualizar.

Tais factos não comprometem, no nosso entendimento a utilidade do estudo efetuado.

O temperamento influencia os tipos de experiências em que nos envolvemos e como reagimos instintivamente a elas. Assim, é claro que o temperamento e o carácter se influenciam e interagem e nem sempre é fácil diferenciar o que provém do carácter e o que provém do temperamento.

Se quisermos este estudo encerra duas utilidades maiores: um levantamento de dados sobre o temperamento afetivo de uma população jovem adulta, no caso estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem, área profissional da saúde que pela sua especificidade incorpora na sua prática comportamentos instintivos na relação com os seus interlocutores e um exercício não menos importante de levantamento dos padrões de vinculação parental e amorosa da mesma população.

A relação entre tipos de temperamento excessivo e padrões de vinculação revelou-se uma questão de investigação que pode clarificar determinados comportamentos observáveis, percursos e escolhas afetivas. A complexidade desta relação não se esgota no presente trabalho que não pode ser exaustivo. Foram dadas muitas respostas e muitas outras ficaram por dar certamente na explicação complexa do puzzle da relação entre temperamento e vinculação.

Verificámos que os pais são figuras determinantes na sobrevivência relacional, mas que as relações amorosas podem ser vistas não apenas como formas adaptativas de colmatar inseguranças de vinculação, mas numa relação direta com a estabilidade ou instabilidade dos padrões temperamentais.

Ficou por esclarecer qual o papel da estabilidade do temperamento das figuras parentais nos padrões de vinculação dos filhos. Seriam interessantes estudos familiares e longitudinais para avaliar a estabilidade, quer dos temperamentos que do tipo de vinculação

Verificámos ainda que o estudo do temperamento é campo fértil para a investigação da relação com outros constructos que contribuem para a formação da personalidade e que exercem um papel adaptativo, como é o caso da vinculação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M.D.S. (1967). *Infancy in Uganda. Infant care and the growth of love*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Ainsworth, M.D.S. (1969). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M.D.S. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C. M. Parkers & J. Stevenson-Hinde (Eds), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York: Basic Books.
- Ainsworth, M.D.S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M.D.S. (1991). Attachments across the life-span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 792-812.
- Ainsworth, M.D.S. (1994). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkers; J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London: Tavistock/ Routledge.
- Ainsworth, M.D.S., & Bowlby, J. (1991). An etiological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Ainsworth, M.D.S., Blehar, M.C, Walters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Akiskal, H.S. (1985). Anxiety: definition, relationship to depression, and proposal for an integrative model. In A. Tuma e J. Maser (Eds.), *Anxiety and the Anxiety Disorders* (pp. 787-797). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Akiskal, H.S. (1994). Dysthymic and cyclothymic depressions: therapeutic considerations. *Journal of Clinical Psychiatry*, 55, 46-52.
- Akiskal, H.S., & Akiskal, K.K. (2005a). TEMPS: Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego. *Journal of Affective Disorders*, 85 (1-2). Special Issue.
- Akiskal, K.K. & Akiskal, H.S. (2005b). The theoretical underpinnings of affective temperaments: implications for evolutionary foundations of bipolar disorder and human nature. *Journal of Affective Disorders*, 85, 231-239.
- Akiskal, H.S. & Mallya, G. (1987). Criteria for the “soft” bipolar spectrum: treatment implications. *Psychopharmacol. Bull.* 23, 68-73.
- Akiskal, H.S., Placidi, G.F., Signoretta, S., Liguori, A., Gervasi, R., Maremmani, I., Mallya, G., & Puzantian, V.R. (1998). TEMPS-I: delineating the most discriminant traits of cyclothymic, depressive, irritable and hyperthymic temperaments in a nonpatient population. *Journal of Affective Disorders*, 51, 7–19.

- Akiskal, H.S., Akiskal, K.K., Haykal, R., Manning, J.S., & Connor, P. (2005a). TEMPS-A: progress towards validation of a self-rated clinical version of the temperament evaluation of the Memphis, Pisa, Paris, and San Diego Autoquestionnaire. *Journal of Affective Disorders, 85*, 3–16.
- Akiskal, K.K. Savino, M., & Akiskal, H.S. (2005b). TEMPS: Temperaments profiles in physicians, lawyers, managers, industrialists, architects, journalists, and artist: a study in psychiatric outpatients. *Journal of Affective Disorders, 85*, 201-206.
- Allen, J.P., & Hauser, S.T. (1996). Autonomy and Relatedness in Adolescent Family Interactions as Predictors of Young Adults' States of Mind Regarding Attachment. *Development and Psychopathology, 8*, 793-809.
- Allen, J.P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 319-335). New York: Guilford Press.
- Allport, G.W. (1961). *Pattern and growth in personality*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- American Psychiatric Association (1968). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. American Psychiatric Association: Washington, DC.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationships to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 16*, 427-454.
- Bailey, E., Repinski, D. J., & Zook, J. M. (2002, June). *Relationships features and strength of influence from mothers and fathers: Adolescents' grade and gender differences*. Artigo no Annual Meeting of the American Psychological Society. New Orleans, LA.
- Balsa, C. M., Simões, J. V., Nunes, P. B., Carmo, R. E., & Campos, R. O. (1997). *O perfil sócio-económico dos estudantes do ensino superior*. Lisboa: CNASES/CEOS.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships, 7*, 147-178.
- Bartholomew, K. (1996). *Peer Attachment Interview*. (Manuscrito não publicado).
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 226-244.
- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: Guilford Press.
- Bartholomew, K., & Thompson, J. M. (1995). The application of attachment theory to counseling psychology. *The Counseling Psychologist, 23*, 3, 484-490.
- Bastos, M., & Costa, M. E. (2005). A influência da vinculação nos sentimentos de solidão nos jovens. *Psicologia, 18*, 33-56.

- Bennion, L., & Adams, G. (1986). A revision of the extended version of the Objective Measure of Ego Identity Status: An identity instrument for use with late adolescents. *Journal of Adolescent Research, 1*, 183-198.
- Benoit, D., & Parker, K. C. (1994). Stability and transmission of attachment across three generations. *Child Development, 65*, 1444-1456.
- Berman, W. H., & Sperling, M. B. (1991). Parental attachment and emotional distress in the transition to college. *Journal of Youth and Adolescence, 20*, 427-441.
- Berman, W. H., & Sperling, M. B. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in Adults: Clinical and development perspectives* (pp. 3-28). NY/London: The Guilford Press.
- Berndt, T. J. (1999). Friends' influence on children's adjustment to school. In W. A. Collins & B. Laursen (Eds.), *The Minnesota Symposia on Child Psychology: Vol. 30. Relationships as Developmental Contexts* (pp. 85-107). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Berndt, T. J. (2004). Children's friendships: Shifts over a half-century in perspectives on their development and their effects. *Merrill Palmer Quarterly, 50*, 206-223.
- Blöink, R., Brieger, P., Akiskal, H.S., & Marneros, A. (2005). Factorial structure and internal consistency of the German TEMPS-A scale: validation against the NEO-FFI questionnaire. *Journal of Affective Disorders 85*, 77-83.
- Borkowska A, Rybakowski J.K., Drózdź W., Bieliński M., Kosmowska M., Rajewska-Rager A., Buciński A., Akiskal K.K., Akiskal H.S. (2010). Polish validation of the TEMPS-A: the profile of affective temperaments in a college student population. *Journal of Affective Disorders, 123*, 36-41.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds: Aetiology and psychopathology in the light of attachment theory. *British Journal of Psychiatry, 130*, 201-210.
- Bowlby, J. (1978a). *Attachment and Loss, Vol.1. Attachment*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1978b). *Attachment and Loss, Vol. 2. Separation, anxiety and anger*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss. Vol. 3. Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1984a) *Psicologia e Pedagogia – Apego: volume I*. São Paulo: Martins e Fontes Editora.
- Bowlby, J. (1984b) *Psicologia e Pedagogia – Separação, angústia e raiva: volume II*. São Paulo: Martins e Fontes Editora.
- Bowlby, J. (1988). Development psychiatry comes age. *American Journal of Psychiatry, 145*, 1-10.

- Bretherton, I. (1991). The roots and growing points of attachment theory. In CM. Parkes, J.S. Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 9-32). London e New York: Routledge.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Development Psychology*, 28, 759-775.
- Bretherton, I. (1996). Internal working models of attachment relationships as related to resilient coping. In G. G. Noam & K. W. Fisher (Eds.), *Development and Vulnerability in Close Relationships* (pp. 3-27). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Brieger, P., Roettig, S., Ehrt, U., Wenzel, A., Bloink, R., Marneros, A., (2003). TEMPS-a scale in 'mixed' and 'pure' manic episodes: new data and methodological considerations on the relevance of joint anxious depressive temperament traits. *Journal of Affective Disorders*. 73, 99–104.
- Bryman, A., & Cramer, D. (2003). *Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS para windows*. Oeiras: Celta.
- Buist, L. K., Dekovic, M., Meeus, W., & Van Aken, M. A. G. (2004). Developmental patterns in adolescent attachment to mother, father and sibling. *Journal of Adolescence*, 27, 251-266.
- Byrne, B. (2000). Relationships between anxiety, fear, self-esteem and coping strategies. *Adolescence*, 26, 316-322.
- Calkins, S. D., & Fox, N. A. (1992). The relations among infant temperament, security of attachment, and behavioral inhibition at twenty-four months. *Child Development*, 63, 1456-1472.
- Canavarro, M.C., Dias, P., & Lima, V.S. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: Uma Revisão Crítica a Propósito da Aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa, *Psicologia*, 20 (1), 155-186.
- Carlivati, J. (2001). *Adolescent attachment, peer relationships, and school success: Predictor, mediator, and moderator relations*. Tese não publicada, University of Virginia, Charlottesville.
- Cassidy, J. (1999). The nature of child's ties. In J. Cassidy, J. & Shaver, P.R. (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Chalmers, D., & Lawrence, J. A. (1993). Investigating the effects of planning aids on adults' and adolescents' organisation of a complex task. *International Journal of Behavioral Development*, 16, 191 -214.
- Chess, S. & Thomas, A. (1996). *Temperament: theory and practice*. New York: Brunner/Mazel, Inc.
- Chess, S., & Thomas, A. (1986). *Temperament in clinical practice*. New York: Guilford.
- Chotai, J., Jonasson, M., Hägglöf, B., & Adolfsson, R. (2005) Adolescent attachment styles and their relation to the temperament and character traits of personality in a general population. *European Psychiatry*, 20, 251-259.

- Cloninger, C. (1987). A systematic method for clinical description and classification of personality variants. A proposal. *Archives of General Psychiatry*, *44*, 573-588.
- Cloninger, C.R., Pryzbeck, T.R., Svrakic, D.M., & Wetzel, R.D. (1994). *The Temperament and Character Inventory, a Guide to its Development and use*. Missouri Center for Psychobiology of Personality. Washington University, St. Louis.
- Cloninger, C., Svrakic, D., & Przybeck, T. (1993). A psychobiological model of temperament and character. *Archives of General Psychiatry*, *50* (12), 975-990.
- Coleman, P., & Watson, A. (2000). Infant attachment as a dynamic system. *Human Development*, *43*, 295-313.
- Collin, V.L. (1996). *Human Attachment*. New York: McGraw-Hill.
- Collins, N.L., & Read, S.J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, *58*, 644-663.
- Cordeiro, R. (2007). *Adolescência... O corpo, a amizade e a intimidade*. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre.
- Cordeiro, R., Claudino, J., & Arriaga, M. (2008). Auto-apreciação pessoal e temperamento afetivo em enfermeiros de serviços de psiquiatria e saúde mental. *Millenium Revista do ISPV*, *34*, 149-163.
- Diamond, L. M., & Dubé, E. M. (2002). Friendship and attachment among heterosexual and sexualminority youths: Does the gender of your friend matter? *Journal of Youth and Adolescence*, *31*, 155-166.
- Erfurth, A., Gerlach, A.L., Hellweg, I., Boenigk, I., Michael, N., & Akiskal, H.S. (2005a). Studies on a German (Munster) version of the temperament autoquestionnaire TEMPS-A: construction and validation of the brief TEMPS-M. *Journal of Affective Disorders*, *85*, 53-69.
- Erfurth, A., Gerlach, A.L., Michael, N., Boenigk, I., Hellweg, I., Signoretta, S., Akiskal, K., & Akiskal, H.S. (2005b). Distribution and gender effects on the subscales of a German version of the temperament autoquestionnaire briefTEMPS-M in a university student population. *Journal of Affective Disorders*, *85*, 71-76.
- Eysenk, H. (1953). *The structure of human personality*. New York: Wiley.
- Eysenck, H. (1987). The definition of personality disorders and the criteria appropriate for their description. *Journal of Personality Disorders*, *11*, 211-219.
- Feeney, J.A., & Noller, P. (1996). *Adult Attachment*. London, N.D.: Sage Publications.
- Feeney, J.A., Noller, P., & Hanrahan, M. (1994). Assessing adult attachment: Developments in the conceptualization of security and insecurity. In M.B. Sperling & W.H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Theory, assesment and treatment* (pp. 128-152). New York: Guilford.

- Figueira, M.L., Caeiro, L., Ferro, A., Severino, L., Duarte, P.M., Abreu, M., Akiskal, H. S., & Akiskal, K. K. (2008). Validation of the Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego (TEMPS-A): Portuguese-Lisbon version. *Journal of Affective Disorders, 111*, 193-203.
- Figueira, M.L., Caeiro, L., Ferro, A., Cordeiro, R., Duarte, P., Akiskal, H.S., & Akiskal, K.K. (2009). Temperament in Portuguese university students as measured by TEMPS-A: implications for professional choice, *Journal of Affective Disorders, 123* (1), 30-35.
- Fonagy, P. (1997). Attachment, the development of the self, and its pathology in personality disorders. In C. Maffei, J. Derksen, & H. Groen (Eds.), *Treatment of personality disorders*. New York: Plenum Press.
- Fonagy, P. (1999a, May). *Transgenerational consistencies of attachment: a new theory*. Artigo apresentado ao Developmental and Psychoanalytic Discussion Group, American Psychoanalytic Association Meeting, Washington DC.
- Fonagy, P. (1999b). Psychoanalytic theory from the viewpoint of attachment theory and research. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 595–624). NY: The Guilford Press.
- Fonagy, P. (1999c, May). *Pathological attachments and therapeutic action*. Artigo apresentado ao Developmental and Psychoanalytic Discussion Group, American Psychoanalytic Association Meeting, Washington, DC.
- Fonagy, P. (1999d). Male perpetrators of violence against women: an attachment theory perspective. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies, 1*, 7-27.
- Fonagy, P., Steele, H., & Steele, M. (1991). Maternal representations of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development, 62*, 891-905.
- Fonagy, P., Target, M., Gergely, G., Allen, J., & Bateman, A. (2003). The developmental roots of borderline personality disorder in early attachment relationships: a theory and some evidence. *Psychoanalytic Inquiry, 23*, 412-460.
- Fox, N., Kimmerly, N., & Schafer, W. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child development, 62*, 210-225.
- Freeman, H. S., & Newland, L. A. (2002). Romantic partners, best friends, mothers and fathers: Links between adolescents social worlds. *Resources in Education*. University of South Dakota, South Dakota.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1985). *Adult Attachment Interview*. Department of Psychology, University of California, Berkeley. Manuscrito não publicado.
- Geuzaine, C, Debry, M., & Liesens, V. (2000). Separation from parents in late adolescence : The same for boys and girls ? *Journal of Youth and Adolescence, 29*, 79-91.
- Giordano, P. C. (2003). Relationships in adolescence. *Annual Review of Sociology, 29*, 257-281.

- Gnaulati, E., & Heine, B. J. (2001). Separation-individualization in late adolescence: An investigation of gender and ethnic differences. *The Journal of Psychology, 135*, 59-70.
- Gonda, X., Rihmer, Z., Zsombok, T., Bagdy, G., Akiskal, K.K., Akiskal, H.S. (2006). The 5HTTLPR polymorphism of the serotonin transporter gene is associated with affective temperaments as measured by TEMPS-A. *Journal of Affective Disorders, 91*, 125–131.
- Grabill, C., & Kerns, K. (2000). Attachment style and intimacy in friendship. *Personal Relationships, 7*, 363-378.
- Grácio, S. (1997). *Dinâmicas da escolarização e das oportunidades individuais*. Lisboa: EDUCA – Formação.
- Gray, J.A. (1972). The psychophysiological basis of introversion-extraversion: a modification of Eysenck's theory. In VD Nebylitsyn & JA Gray (Eds.), *The biological basis of individual behavior*. New York: Academic.
- Gray, J.A. (1981). A critique of Eysenck's theory of personality. In HJ Eysenck (Ed.), *A model for personality*, Berlin: Springer
- Gray, J.A. (1982). *Neuropsychological Theory of Anxiety: An investigation of the septal-hippocampal system*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994a). Metaphysics of measurement: The case of adult attachment. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships, Vol. 5: Attachment processes in adulthood* (pp.17-52). London: Jessica Kingsley.
- Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994b). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*(3), 430-445.
- Hall, C. S., Lindzey, G., & Campbell, J. B. (2000). *Theories of Personality*. (4th ed.) Porto Alegre: Artmed.
- Hantouche, E.G. & Akiskal, H.S. (1997). Outils dévaluation clinique des tempéraments affectifs. *Encéphale, 23* (sp.1), 27-34.
- Harlow, H. F. (1953). Mice, monkeys, men, and motives. *Psychological review, 60*, 23-35.
- Harter, S. (1990). Development differences in the nature of self-representations: Implications for the understanding, assessment, and treatment of maladaptive behavior. Special Issue: Sefhood processes and emotional disorders. *Cognitive Therapy and Research, 14*,113-142.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychology Inquiry, 5*, 1-22.

- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew and D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (pp. 151-178). London: Jessica Kingsley.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 336-354). NY: The Guilford Press.
- Hesse, E. (1999). The adult attachment interview: Historical and current perspectives. In Jude Cassidy & Phillip R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 395-433). NY: The Guilford Press.
- Jimenez, P. A., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18, 2.
- Karam, E.G., Mneimneh, Z., Salamoun, M., Akiskal, K.K., & Akiskal, H.S. (2005). Psychometric properties of the Lebanese–Arabic TEMPS-A: a national epidemiologic study. *Journal of Affective Disorders*. 87, 169–183.
- Karam, E.G., Mneimneh, Z.N., Salamoun, M.M., Akiskal, H.S., Akiskal, K.K. (2007). Suitability of the TEMPS-A for population-based studies: case of administration and stability of affective temperaments in its Lebanese version. *Journal of Affective Disorders*. 98, 45–53.
- Klages, L. (1929). *The science of character*. London: George Allen & Unwin Ltd.
- Klohnen, E. C., Weller, J. A., Luo, S., & Choe, M. (2005). Organization and Predictive Power of General and Relationship-Specific Attachment Models: One for All, and All for One? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 1665-1682.
- Kobak, R., & Duemmler, S. (1994). Attachment and conversation: Toward a discourse analysis of adolescent and security. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.). *Advances in Personal Relationships, vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp.12-49). London: Jessica Kingsley.
- Kobak, R., & Esposito, A. (2002). Levels of processing in parent-child relationships: Implications for clinical assessment and treatment. In Leslie Atkinson (Eds.), *Attachment and psychopathology*. NY: Cambridge University Press.
- Kobak, R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development*, 59, 135-146.
- Kraepelin, E. (1913/1919). *Dementia praecox and paraphrenia* (trad. Barclay, R.M) Edimburg: E.S. Livingstone.
- Kraepelin E. (1921) *Manic-Depressive Insanity and Paranoia*. Edinburgh: E&S.
- Kretschmer, E. (1925). *Physique and character: An investigation of the nature of constitution and of the theory of temperament*. New York: Harcourt-Brace.
- Kretschmer, E. (1936). *Physique and character; an investigation of the nature of constitution and of the theory of temperament*. London: Kegan, Paul, Trench, Trubner and Co. Ltd.

- Lara D.R. (2006). *O modelo de medo e raiva para transtornos do humor, do comportamento e da personalidade*. Porto Alegre: Revolução de Idéias.
- Lara, D.R., & Akiskal, H.S. (2006). Toward an integrative model of the spectrum of mood, behavioral and personality disorders based on fear and anger traits: II. Implications for neurobiology, genetics and psychopharmacological treatment. *Journal of Affective Disorders*, *94*, 89–103.
- Lopez, F. G., & Brennam, K. A. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organizations: Toward an attachment theoretical perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology*, *47*, 283-300.
- Lopez, F.G. (1995). Contemporary attachment theory: Na introduction with implications for counseling psychology. *The Counseling Psychologist*, *23*, 395-415.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Monographs of the Society for Research in Child Development*, *50*, (1-2, Serial Nr. 209), 66-104.
- Mangelsdorf, S. & Frosch, C. (1999). Attachment and Temperament: One construct or two? In H. Reese (Ed.). *Advances in Child Development and Behavior* (pp. 181-220). New York: Academic Press.
- Maremmani, I., Akiskal, H.S., Signoretta, S., Liguori, G., Perugi, G. & Cloninger, R., (2005). The relationship of Kraepelian affective temperaments (as measured by TEMPS-I) to the tridimensional personality questionnaire (TPQ). *Journal of Affective Disorders*, *85*, 17–27.
- Margolese, S. K., Markiewicz, D., & Doyle, A. B. (2005). Attachment to parents, best friend, and romantic partner: Predicting different pathways to depression in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *34*, 637–650.
- Markovits, H., Benenson, J., & Dolenzky, E. (2001). Evidence that children and adolescents have internal working models of peer interactions that are gender differentiated. *Child development*, *72*, 879-886.
- Martins, S. C., Mauritti, R., & Costa, A. F. (2005). *Condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal*. Lisboa: DGES/MCTES.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P.M., & Costa, M.E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, *12*, 45-54.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001a). *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe: Versão III*. Documento cedido pelas autoras.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001b). *Questionário de Vinculação Amorosa: Versão para investigação III – Forma J*. Documento cedido pelas autoras.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, *20*, 97-126.

- Matos, P. M., Almeida, H.M., & Costa, M.E. (1997). O questionário de vinculação ao pai e à mãe: desenvolvimento e estudos de validação (não publicado).
- Matos, P. M., Almeida, H. M., & Costa, M. E. (1998, June). *Dimensions of attachment to mother and to father in portuguese adolescents*. Poster apresentado no VI Biennial Congress of the European Association for Research on Adolescence, Budapest, Hungary.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico Y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Matos, P. M., Barbosa, S., Almeida, H.M. & Costa, M. (1999). The Parental Attachment and Identity in Portuguese Late Adolescents. *Journal of Adolescence*, 22, 6, 805-818.
- Matsumoto, S., Akiyama, T., Tsuda, H., Miyake, Y., Kawamura, Y., Akiskal, K.K., Akiskal, H.S., (2005). Reliability and validity of the TEMPS-A in a Japanese non-clinical population: application to unipolar and bipolar depressives. *Journal of Affective Disorders*, 85, 85–92.
- Mikulincer, M. & Florian, V. (1999). The associations between spouses' self-reports of attachment styles and representations of family dynamics. *Family Process*, 38, 69-83.
- Mikulincer, M. (1995). Attachment style and the mental representation of the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 1203-1215.
- Monteiro, L. (2008). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: a especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Tese de Doutoramento apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada/ Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Moretti, M. M., & Higgins, E. T. (1990). The development of self-system vulnerabilities: Social and cognitive factors in development psychopathology. In R. J. Sternberg & J. J. Kolligian (Eds.), *Competence considered* (pp. 286-314). New Haven, CT: Yale University Press.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental. *Psicologia*, XXII(1), 127-152.
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência – I.P.P.A.. In Simões, M. R., Gonçalves, M. & Almeida, L. S. (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal*, (Vol. 2, pp. 37-48). Braga: APPORT.
- OCDE (2009). *Education at a glance*. Paris.
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, L. B. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 32, 1-10.
- Parkes, C.M., & Stevenson-Hinde, J. (1982). *The place of attachment in human behavior*. New York: Basic Books, Inc. Publishers.

- Paterson, J. E., Field, J., & Prior, J. (1994). Adolescent's perception of their attachment relationships with their mothers, fathers and friends. *Journal of Youth and Adolescence*, 23, 5, 579-600.
- Perugi, G., Toni, C., Maremmani, I., Tusini, G., Ramacciotti, S., Madia, A., Fornaro, M., Akiskal, H.S. (2010). The influence of affective temperaments and psychopathological traits on the definition of bipolar disorder subtypes: A study on Bipolar I Italian National sample. *Journal of Affective Disorders*. doi:10.1016/j.jad.2009.12.027
- Pickering, A.D., & Gray, J.A. (1999). The neuroscience of personality. In L. Pervin & O. John (Eds.), *Handbook of Personality*. (pp.277-299). New York: Guilford Press.
- Pipp, S., Shaver, P., Jennings, S., Lamborn, S., & Fischer, K. W. (1985). Adolescents' theories about the development of their relationships with parents. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 991-1001.
- Placidi, G.F., Maremmani, I., Signoretta, S., Liguori, A., Akiskal, H.S. (1998a). A prospective study of stability and change over 2 years of affective temperaments in 14–18 year-old Italian high school students. *Journal of Affective Disorders*, 51, 199-208.
- Placidi, G.F., Signoretta, S., Liguori, A., Gervasi, R., Maremmani, I., Akiskal, H.S., (1998b). The semi-structured affective temperament interview (TEMPS-I). Reliability and psychometric properties in 1010 14–26-years-old students. *Journal of Affective Disorders*, 47, 1–10.
- Rajecki, D., Hoffman, H., Ratner, A., Harlow, H., Ainsworth, M. & Bowlby, J. (1979). *As ligações infantis*. Amadora: Livraria Bertrand.
- Rice, K.G. (1990). Attachment in adolescence: a narrative and meta-analytic review. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, 5, 511-537.
- Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Rozsa, S., Rihmer, Z., Gonda, X., Szili, I., Rihmer, A., Ko, N., Nemeth, A., Pestality, P., Bagdy, G., Alhassoon, O., Akiskal, K.K., & Akiskal, H.S. (2008). A study of affective temperaments in Hungary: internal consistency and concurrent validity of the TEMPS-A against the TCI and NEO-PI-R. *Journal of Affective Disorders*, 106, 45–53.
- Ryan, R. M., Deci, E. L., & Grolnick, W. S. (1995). Autonomy, relatedness, and the self: Their relation to development and psychopathology, *Vol. 1: Theory and methods*. *Wiley series on personality processes*. New York: Wiley.
- Ryan, R.M., & Lynch, J.H. (1989). Emotional autonomy versus detachment: Revisiting the vicissitudes of adolescence and young adulthood. *Child Development*, 60, 340-356.
- Schneider, K. (1958). *Psychopathic personalities*. Charles C. Thomas, Springfield. IL.

- Sheldon, W.H. (1943). *Varieties of temperament*. New York: Harper.
- Shulman, S., & Scharf, M. (2000). Adolescent romantic behaviours and perceptions: Age-and-gender related differences, and links with family and peer relationships. *Journal of Research on Adolescence*, 10, 99-118.
- Shulman, S., Levy-Shiff, R., Kedem, P., & Alon, E. (1997). Intimate relationships among adolescent romantic partners and same-sex friends: Individual and systemic perspectives. *New Directions for Child Development*, 78, 37-51.
- Signoretta, S., Marenmani, I., Liguori, A., Perugi, G., & Akiskal, H.S. (2005). Affective temperament traits measured by TEMPS-I and emotional-behavioral problems in clinically-well children, adolescents, and young adults. *Journal of Affective Disorders*, 85, 169-180.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 971-980.
- Smetana, J. G., Metzger, A., & Campione-Barr, N. (2004, March). *Conflict and cohesion in African American adolescents' relationships with parents: A five-year longitudinal study*. Artigo apresentado na 8th Biennial Conference of the Society for Research on Adolescence, Baltimore, MD.
- Smetana, J. G., Metzger, A., Gettman, D. C., & Campione-Barr, N. (2006). Disclosure and secrecy in adolescent-parent relationships. *Child-Development*, 77, 201-217.
- Soares, I. (1996). *Representação da Vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Universidade do Minho.
- Soares, I. (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento*. Braga: Psiquilíbrios.
- Sperling, M. B. & Berman, W. H. (1994). *Attachment in adults. Clinical and developmental perspectives*. New York: The Guilford Press.
- Sroufe, L. A. & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Sroufe, L.A. (1985). Attachment classification from the perspective of infant-caregiver relationships and infant temperament. *Child Development*, 56, 1-14.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachment classifications of mothers, fathers, and their infants. *Child Development*, 67, 541-555.
- Taradash, A., Connolly, J. A., Pepler, D., Craig, W., & Costa, M. (2001). The interpersonal context of romantic autonomy in adolescence. *Journal of Adolescence*, 24, 365-377.
- Vahip, S., Kesebir, S., Alkan, M., Yazic, O., Akiskal, K. & Akiskal, H.S. (2005). Affective temperaments in clinically-well subjects in Turkey: initial psychometric data on the TEMPS-A. *Journal of Affective Disorders*, 85, 113-125.

- van Wel, F. (1994). 'I count my parents among my best friends': Youths' bond with parents and friends in the Netherlands. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 835–843.
- Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (1999). "Attachment and Temperament: Redundant, Independent, and Interacting Influences on Interpersonal Adaptation and Personality Development?" In Cassidy, J., & Shaver, P. (Eds.). *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. New York: Guilford Press.
- Vázquez, G.H., Nasetta, S., Mercado, B., Romero, E., Tifner, S., del L., Ramon, M., Garelli, V., Bonifacio, A., Akiskal, K.K., & Akiskal, H.S. (2007). Validation of the TEMPS-A Buenos-Aires: Spanish psychometric validation of affective temperaments in a population study of Argentina. *Journal of Affective Disorders*, 100, 23–29.
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.). *The place of attachment in human behavior* (pp. 171-184). New York: Basic Books.
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C M. Parkes, J. Hinde & P. Marris (Eds), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London, N.Y.: Routledge.
- West, M. L., & Sheldon-Keller, A. E. (1994). *Patterns of Relating. An Adult Attachment Perspective*. New York: The Guilford Press.
- Wilkinson, R. B. & Sarandrea, A. M. (2005, September). Age and sex differences in the influence of attachment relationships on adolescent psychological health. Artigo apresentado na 40th Australian Psychological Society Annual Conference, Melbourne, Australia.
- Wilkinson, R. B. (2006). Age and sex differences in the influence of attachment relationships on adolescent psychological health. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 23, 87-104.
- Zinbarg, R. & Revelle, W. (1989). Personality and conditioning: A test of four models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 301-314.

ANEXOS

ANEXO I

Instrumento de colheita de dados

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MEDICINA



DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DA SAÚDE
DESENVOLVIMENTO HUMANO E SOCIAL

VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO AFETIVO EM JOVENS ADULTOS

Doutorando
Raul Alberto Carrilho Cordeiro

Instrumento de Colheita de Dados

2008

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente Instrumento de Colheita de Dados serve de suporte à recolha de dados para a elaboração de um estudo intitulado “**Vinculação e temperamento afetivo em jovens adultos**”.

Este estudo é da autoria de Raul Alberto Carrilho Cordeiro, Licenciado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica e Mestre em Saúde Escolar, Professor Adjunto da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Portalegre e está integrado no Projecto de Obtenção do Grau de Doutor em Ciências e Tecnologia da Saúde – Desenvolvimento Humano e Social, pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

A aplicação deste Instrumento de Colheita de Dados está devidamente autorizada pelo órgão máximo desta Instituição.

Os questionários apresentados estão devidamente testados e validados para a população portuguesa, são anónimos e confidenciais – **não escreva o seu nome em nenhum local do questionário**.

A recolha de dados é composta por **8** questionários de preenchimento fácil e cuja duração está estimada em **cerca de 45 minutos**, recomendando-se que **responda a todas as questões** sem exceção.

Contamos com a sua sinceridade no preenchimento, agradecendo desde já a colaboração.

Se concorda com a resposta a este Instrumento de Colheita de Dados assinale uma cruz na quadrícula abaixo:

Concordo

Antes de iniciar as respostas aos Questionários propriamente ditos solicitamos que nos indique alguns dados de caracterização:

Sexo:

Masculino

Feminino

Data de Nascimento: ___/___/___ (DD/MM/AAAA)

Escola/Escola Superior/ Universidade _____

Ano/Curso que frequenta _____

Com quem vive actualmente? Pai Mãe Ambos Se não descreva a sua situação

Tem irmãos? Sim Quantos? ____

Não

Estado Civil:

Solteiro Casado Divorciado Viúvo União de Facto

Tem Namorado(a)?

Sim Há quanto tempo? ____ Anos ____ Meses

Não

O Investigador

Raul Alberto Carrilho Cordeiro

PARTE 1
INSTRUÇÕES

Neste Questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz as respostas que melhor exprimem o modo como se sente em relação a **cada um** dos seus pais. Responda em colunas separadas para o **Pai** e para a **Mãe**, tendo em conta as seis (6) alternativas que se seguem:

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Discordo moderadamente 3	Concordo moderadamente 4	Concordo 5	Concordo totalmente 6
--------------------------	---------------	-----------------------------	-----------------------------	---------------	--------------------------

1	2	PAI						MÃE					
		1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
1	Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.												
2	Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.												
3	É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.												
4	Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.												
5	Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.												
6	Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.												
7	Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.												
8	Os meus pais conhecem-me bem.												
9	Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.												
10	Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.												
11	Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.												
12	Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.												
13	Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.												
14	Em muitas coisas eu admiro os meus pais.												
15	Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.												
16	Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.												

PARTE 2

INSTRUÇÕES

Este Questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com o(a) namorado(a).

Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz ☒ a resposta que melhor exprime o modo como se sente na relação com o(a) seu (sua) namorado(a).

Se **actualmente não tem** um(a) namorado(a), mas já teve no passado, responda ao questionário considerando a relação mais duradoura.

Se **nunca** teve um(a) namorado(a), responda, **imaginado como gostaria que fosse** essa relação de namoro.

Se **nunca** teve um(a) namorado(a), **mas tem mantido relações amorosas que não considera namoro**, responda ao questionário considerando essas experiências.

Para cada frase deverá responder de acordo com as seis (6) alternativas que se seguem:

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Discordo moderadamente 3	Concordo moderadamente 4	Concordo 5	Concordo totalmente 6
--------------------------	---------------	-----------------------------	-----------------------------	---------------	--------------------------

1	O (A) meu (minha) namorado(a) respeita os meus sentimentos.
2	Fico muito nervoso(a) se não consigo encontrar a(o) minha (meu) namorada(o).
3	O apoio dela não é importante para mim. Sei que sou capaz de resolver as coisas sozinho(a).
4	Gostava de ser a pessoa mais importante para ela, mas não estou certo(a) de que assim seja.
5	A(O) minha(meu) namorada(o) compreende-me.
6	Só consigo enfrentar situações novas, se ele(a) estiver comigo.
7	É-me indiferente, quando ela(e) prefere passar o tempo com outras pessoas.
8	Às vezes sinto admiração por ele(a), outras vezes não.
9	Fico irritado(a) quando combinamos coisas juntos e ela(e) não pode estar comigo.
10	Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.
11	Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária.
12	Sei que posso contar com a(o) minha(meu) namorada(o) sempre que precisar dela(e).
13	Sinto-me posta(o) de lado, quando ele(a) decide passar o tempo com outras pessoas.
14	Discutir assuntos com ela(e) é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.
15	Quando não podemos estar juntos sinto-me abandonado(a).

1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6

42	O(A) meu(minha) namorado(a) aceita-me como eu sou.
43	Apesar de haver coisas de que não gosto no(a) meu(minha) namorado(a), no fundo eu gostaria de ser como ele(a).
44	Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o) minha(meu) namorada(o).
45	Não me preocupa se não pudermos estar juntos durante as férias.
46	Gostava que ele(a) me ligasse mais.
47	Tenho medo de ficar sozinho(a), se perder a(o) minha(meu) namorada(o).
48	As relações terminam sempre, mais vale eu não me envolver.
49	A(O) minha(meu) namorada(o) só pensa em si própria(o).
50	É fundamental para mim que ele(a) concorde com aquilo que eu penso.
51	Ela(e) é apenas mais uma das pessoas com quem estou no dia-a-dia.
52	O(A) meu(minha) namorado(a) incentiva-me a fazer coisas diferentes.

1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6
1	2	3	4	5	6

PARTE 3

INSTRUÇÕES

Coloque uma cruz ☒ na opção **V** (Verdadeiro) em todas as afirmações que são verdadeiras para si em relação **à maior parte da sua vida**.

Coloque uma cruz ☒ na opção **F** (Falso) para todas as restantes afirmações que não se aplicam a si em relação **à maior parte da sua vida**.

Se pretende anular ou modificar uma resposta assinale a primeira resposta com um círculo **O** e assinale com uma cruz ☒ a resposta que pretende que seja válida.

0	Sou uma pessoa que respira	V	F
1	Sou uma pessoa triste, infeliz.	V	F
2	As pessoas dizem-me que sou incapaz de ver o lado mais positivo das coisas.	V	F
3	Tenho sofrido muito na vida.	V	F
4	Penso que as coisas, normalmente, acabam por correr da pior maneira.	V	F
5	Desisto facilmente.	V	F
6	Tanto quanto me recordo, tenho-me sentido um falhado.	V	F
7	Sempre me culpei por coisas que para os outros não seriam muito importantes.	V	F
8	Pareço não ter tanta energia como as outras pessoas.	V	F
9	Sou o tipo de pessoa que não gosta muito de mudanças.	V	F
10	Quando estou em grupo, prefiro ouvir os outros falar.	V	F
11	Deixo-me facilmente levar pelos outros.	V	F
12	Sinto-me pouco à vontade quando conheço novas pessoas.	V	F
13	Sinto-me facilmente magoado por críticas ou rejeição.	V	F
14	Sou o tipo de pessoa com quem se pode sempre contar.	V	F
15	Coloco as necessidades dos outros acima das minhas.	V	F
16	Sou uma pessoa muito trabalhadora.	V	F
17	Preferia trabalhar para outra pessoa do que ser o patrão.	V	F
18	Para mim é natural ser arrumado e organizado.	V	F
19	Sou o tipo de pessoa que duvida de tudo.	V	F
20	O meu desejo sexual tem sido sempre fraco.	V	F
21	Normalmente necessito mais de 9 horas de sono.	V	F
22	Sinto-me frequentemente cansado sem razão.	V	F

23	Tenho mudanças bruscas de disposição e energia.	V	F
24	A minha disposição e energia estão frequentemente muito elevadas ou muito em baixo, raramente a meio termo.	V	F
25	A minha capacidade de pensar varia muito entre a rapidez e a lentidão sem razão aparente.	V	F
26	Posso gostar realmente muito de alguém e depois perder completamente o interesse.	V	F
27	Frequentemente perco as estribeiras com as pessoas e depois sinto-me culpado.	V	F
28	Frequentemente começo as coisas e depois perco o interesse antes de as terminar.	V	F
29	A minha disposição muda frequentemente sem razão.	V	F
30	Vario constantemente entre a vivacidade e a moleza.	V	F
31	Por vezes deito-me deprimido e acordo na manhã seguinte espectacularmente bem.	V	F
32	Por vezes deito-me sentindo-me formidável e acordo na manhã seguinte com o sentimento de que a vida não merece a pena ser vivida.	V	F
33	Dizem-me frequentemente que me torno pessimista acerca das coisas esquecendo-me dos tempos felizes que vivi.	V	F
34	Oscilo entre o excesso de confiança e a insegurança de mim próprio.	V	F
35	Oscilo entre o desejo de estar com os outros e o de me afastar deles.	V	F
36	Sinto intensamente todas as emoções.	V	F
37	A minha necessidade de dormir varia muito, entre poucas horas a mais de 9 horas.	V	F
38	Vivo as coisas, algumas vezes, de forma intensa e outras vezes amorfa.	V	F
39	Sou o tipo de pessoa que pode estar triste e feliz ao mesmo tempo.	V	F
40	Sonho muito com coisas que outras pessoas consideram impossível atingir.	V	F
41	Frequentemente tenho uma grande necessidade de fazer coisas chocantes.	V	F
42	Sou o tipo de pessoa que se apaixona e desapaixona facilmente.	V	F
43	Estou habitualmente bem disposto e alegre.	V	F
44	A vida é como uma festa que gozo ao máximo.	V	F
45	Gosto de contar anedotas, os outros acham que tenho sentido de humor.	V	F
46	Sou o tipo de pessoa que acredita que tudo irá correr bem.	V	F
47	Tenho uma grande confiança em mim próprio.	V	F
48	Tenho, frequentemente, excelentes ideias.	V	F
49	Estou sempre pronto para tudo.	V	F
50	Sou capaz de desempenhar muitas tarefas sem sequer me cansar.	V	F
51	Tenho o dom da palavra, consigo convencer e influenciar os outros.	V	F
52	Adoro envolver-me em novos projectos, mesmo que sejam arriscados.	V	F

53	Quando decido realizar alguma coisa, nada me consegue impedir.	V	F
54	Sinto-me completamente à vontade mesmo com pessoas que mal conheço.	V	F
55	Adoro estar com muita gente.	V	F
56	As pessoas dizem-me que, frequentemente, me meto em assuntos que não me dizem respeito.	V	F
57	Sou generoso e gasto muito dinheiro com as outras pessoas.	V	F
58	Tenho habilidades e competências em muitas áreas.	V	F
59	Sinto que tenho o direito e o privilégio para fazer o que bem me apetece.	V	F
60	Sou o tipo de pessoa que adora chafiar.	V	F
61	Quando estou em desacordo com alguém posso entrar em discussões apaixonadas.	V	F
62	O meu desejo sexual é sempre forte.	V	F
63	Normalmente consigo funcionar com menos de 6 horas de sono.	V	F
64	Sou uma pessoa rabugenta (irritável).	V	F
65	Sou, por natureza, uma pessoa insatisfeita.	V	F
66	Queixo-me muito.	V	F
67	Sou muito crítico em relação aos outros.	V	F
68	Sinto-me frequentemente no limite.	V	F
69	Sinto-me frequentemente magoado.	V	F
70	Sinto-me invadido por uma inquietação que não compreendo.	V	F
71	Sinto-me frequentemente tão zangado que só me apetece partir tudo.	V	F
72	Quando estou zangado posso envolver-me numa luta.	V	F
73	Dizem-me que me descontrolo sem razão.	V	F
74	Quando estou zangado, agrido as pessoas.	V	F
75	Gosto de brincar com as pessoas, mesmo que as conheça mal.	V	F
76	O meu humor sarcástico já me trouxe problemas.	V	F
77	Às vezes fico tão furioso que poderia magoar alguém.	V	F
78	Sou tão ciumento da minha esposa(o) / companheira(o) que não consigo suportar.	V	F
79	Sou conhecido por praguejar muito.	V	F
80	Têm-me dito que me torno violento com alguns copos.	V	F
81	Sou uma pessoa muito céptica.	V	F
82	Podia ser um revolucionário.	V	F
83	O meu desejo sexual é habitualmente tão intenso que é verdadeiramente desagradável.	V	F

84	(Só para as mulheres): Tenho ataques de raiva incontroláveis exactamente antes do meu período menstrual.	V	F
85	Tanto quanto me lembro, sempre fui uma pessoa preocupada.	V	F
86	Estou sempre a preocupar-me por tudo e por nada.	V	F
87	Preocupo-me com problemas quotidianos que os outros consideram sem importância.	V	F
88	Não consigo evitar preocupar-me.	V	F
89	Muitas pessoas têm-me dito para não me preocupar tanto.	V	F
90	Quando estou tenso, o meu pensamento bloqueia.	V	F
91	Sou incapaz de relaxar.	V	F
92	Sinto frequentemente uma revolta interior.	V	F
93	Quando estou nervoso as minhas mãos tremem com frequência.	V	F
94	Tenho frequentemente um mal-estar no estômago.	V	F
95	Quando estou nervoso, posso ter diarreia.	V	F
96	Quando estou nervoso, sinto-me frequentemente nauseado.	V	F
97	Quando estou nervoso, tenho de ir mais vezes à casa de banho.	V	F
98	Quando alguém se atrasa no regresso a casa, receio que tenha tido um acidente.	V	F
99	Tenho frequentemente medo que alguém da minha família adoça com uma doença grave.	V	F
100	Estou sempre a pensar na possibilidade que alguém me traga más notícias acerca de um familiar.	V	F
101	O meu sono não é repousante.	V	F
102	Tenho frequentemente dificuldade em adormecer.	V	F
103	Sou, por natureza, uma pessoa muito cautelosa.	V	F
104	Frequentemente acordo de noite com medo que estejam ladrões dentro de casa.	V	F
105	Tenho facilmente dores de cabeça quando estou enervado.	V	F
106	Quando estou enervado tenho uma sensação desconfortável no meu peito.	V	F
107	Sou uma pessoa insegura.	V	F
108	Mesmo pequenas alterações da rotina enervam-me muito.	V	F
109	Enquanto guio, mesmo que não tenha feito nada de errado, receio que a polícia me possa fazer parar.	V	F
110	Ruídos inesperados assustam-me facilmente.	V	F

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO
Raul Alberto Carrilho Cordeiro

ANEXO II

Parecer da Comissão Coordenadora do Conselho Científico da Faculdade de
Medicina de Lisboa



Exmo. Senhor
Dr. Raul Carrilho Cordeiro

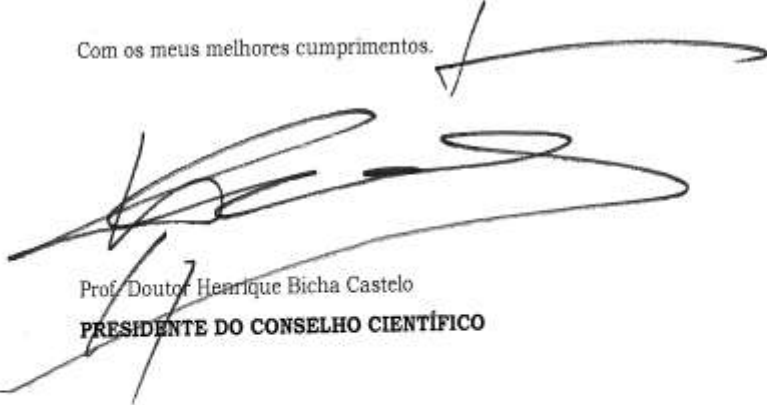
Conselho Científico

CC - 115
10 de Maio de 2006

É com prazer que lhe comunico que a Comissão Coordenadora do Conselho Científico na sua Reunião de 9 de Maio de 2006 deu o seu assentimento ao trabalho que se propõe realizar subordinado ao título "*Temperamento Afectivo e Vinculação - Um modelo de compreensão e intervenção na ansiedade e na depressão em adolescentes e jovens adultos*", sob a orientação dos Senhores Professores Doutores Maria da Purificação Horta e Emilio Guerra Salgueiro.

Gostaríamos que durante o próximo ano nos informasse de forma circunstanciada do progresso da sua investigação.

Com os meus melhores cumprimentos.



Prof. Doutor Henrique Bicha Castelo
PRESIDENTE DO CONSELHO CIENTÍFICO

ANEXO III

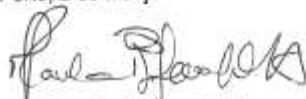
Autorizações de utilização de escalas de medida

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Por este meio declaro que autorizo o Mestre Raul Alberto Cordeiro a utilizar os instrumentos *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Paula Mena Matos & Maria Emilia Costa, 2001; versão IV) e *Questionário de Vinculação Amorosa* (Paula Mena Matos & Maria Emilia Costa, 2001; versão III) no âmbito do seu projecto de doutoramento intitulado "Temperamento afectivo e vinculação – um modelo de compreensão e intervenção na ansiedade e na depressão em adolescentes e jovens adultos", orientado pela Prof. Dra Maria da Purificação da Horta e a decorrer na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Porto, 2 de Março de 2006



Prof. Dra Paula Mena Matos

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade do Porto
Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
P-4200-392 Porto-Portugal
Telef. 351 22 6079778/05
Fax 351 22 6079727
email: pmmatos@fpce.up.pt

ANEXO IV

Pedidos de autorização de recolha de dados

**Ex.mo Sr. Director
Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias
Castelo Branco**

Raul Alberto Carrilho Cordeiro, Professor Adjunto do Quadro da Escola Superior de Saúde de Portalegre vem por este meio solicitar a V.^a Ex.^a se digne autorizar a aplicação de um Instrumento de Colheita de Dados (em anexo) relativo à recolha de dados de investigação integrada no Projecto de Estudos conducentes à obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Saúde – Estudos Avançados em Enfermagem, a decorrer na Faculdade de Medicina de Lisboa.

O Projecto de Estudos em causa intitula-se **“Temperamento Afectivo e Vinculação – Um modelo de compreensão e intervenção na ansiedade e na depressão em adolescentes e jovens adultos”** e pretende-se a recolha de dados junto de uma população que reúna as características enunciadas. Por uma questão logística optou-se por recolher os dados referentes à população de jovens adultos junto de alunos integrados no Ensino Superior nomeadamente nas Escolas do Instituto Politécnico de Portalegre e nas Escolas Superiores de Enfermagem/Saúde dos Distritos de Portalegre, Évora, Santarém, Castelo Branco e Guarda.

Mais se acrescenta que o Instrumento de Recolha de Dados em causa tem uma duração estimada de aplicação de \pm 45 minutos.

Para a Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias – Castelo Branco, solicita-se a aplicação do Questionário em questão a todos os alunos do Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem.

Por uma questão de organização da recolha de dados queira V.^a Ex.^a sugerir a metodologia que considerar mais adequada e que possa minorar a interferência com as actividades lectivas programadas.

Certo que esta solicitação merecerá de V.^a Ex.^a a melhor consideração, aguarda a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Portalegre, 14 de Janeiro de 2008

Raul Alberto Carrilho Cordeiro
(Professor Adjunto)

Contacto: Telm: 932058551

raulcordeiro@essp.pt

**Ex.ma Sra. Presidente do Conselho
Directivo
Escola Superior de Enfermagem de São
João de Deus - Évora**

Raul Alberto Carrilho Cordeiro, Professor Adjunto do Quadro da Escola Superior de Saúde de Portalegre vem por este meio solicitar a V.^a Ex.^a se digne autorizar a aplicação de um Instrumento de Colheita de Dados (em anexo) relativo à recolha de dados de investigação integrada no Projecto de Estudos conducentes à obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Saúde – Estudos Avançados em Enfermagem, a decorrer na Faculdade de Medicina de Lisboa.

O Projecto de Estudos em causa intitula-se **“Temperamento Afectivo e Vinculação – Um modelo de compreensão e intervenção na ansiedade e na depressão em adolescentes e jovens adultos”** e pretende-se a recolha de dados junto de uma população que reúna as características enunciadas. Por uma questão logística optou-se por recolher os dados referentes à população de jovens adultos junto de alunos integrados no Ensino Superior nomeadamente nas Escolas do Instituto Politécnico de Portalegre e nas Escolas Superiores de Enfermagem/Saúde dos Distritos de Portalegre, Évora, Santarém, Castelo Branco e Guarda.

Mais se acrescenta que o Instrumento de Recolha de Dados em causa tem uma duração estimada de aplicação de \pm 45 minutos.

Para a Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus - Évora solicita-se a aplicação do Questionário em questão a todos os alunos do Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem.

Por uma questão de organização da recolha de dados queira V.^a Ex.^a sugerir a metodologia que considerar mais adequada e que possa minorar a interferência com as actividades lectivas programadas.

Certo que esta solicitação merecerá de V.^a Ex.^a a melhor consideração, aguarda a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Portalegre, 14 de Janeiro de 2008

Raul Alberto Carrilho Cordeiro
(Professor Adjunto)

Contacto: Telm: 932058551

raulcordeiro@essp.pt

**Ex.ma Sra. Presidente do Conselho
Directivo
Escola Superior de Saúde de
Portalegre**

Raul Alberto Carrilho Cordeiro, Professor Adjunto do Quadro desta Escola vem por este meio solicitar a V.^a Ex.^a se digne autorizar a aplicação de um Instrumento de Colheita de Dados (em anexo) relativo à recolha de dados de investigação integrada no Projecto de Estudos conducentes à obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Saúde – Estudos Avançados em Enfermagem, a decorrer na Faculdade de Medicina de Lisboa.

O Projecto de Estudos em causa intitula-se **“Temperamento Afetivo e Vinculação – Um modelo de compreensão e intervenção na ansiedade e na depressão em adolescentes e jovens adultos”** e pretende-se a recolha de dados junto de uma população que reúna as características enunciadas. Por uma questão logística optou-se por recolher os dados referentes à população de jovens adultos junto de alunos integrados no Ensino Superior nomeadamente nas Escolas do Instituto Politécnico de Portalegre e nas Escolas Superiores de Enfermagem/Saúde dos Distritos de Portalegre, Évora, Santarém, Castelo Branco e Guarda.

Mais se acrescenta que o Instrumento de Recolha de Dados em causa tem uma duração estimada de aplicação de ± 45 minutos.

Para a Escola Superior de Saúde de Portalegre pretende-se a aplicação do Questionário em questão a todos os alunos do Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem.

Certo que esta solicitação merecerá de V.^a Ex.^a a melhor consideração, aguarda a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Portalegre, 14 de Janeiro de 2008

Raul Alberto Carrilho Cordeiro
(Professor Adjunto)

**Ex.mo Presidente do Conselho Directivo
Escola Superior de Saúde de Beja**

Raul Alberto Carrilho Cordeiro, Professor Adjunto do Quadro da Escola Superior de Saúde de Portalegre vem por este meio solicitar a V.^a Ex.^a se digne autorizar a aplicação de um Instrumento de Colheita de Dados (em anexo) relativo à recolha de dados de investigação integrada no Projecto de Estudos conducentes à obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Saúde – Estudos Avançados em Enfermagem, a decorrer na Faculdade de Medicina de Lisboa.

O Projecto de Estudos em causa intitula-se **“Temperamento Afectivo e Vinculação – Um modelo de compreensão e intervenção na ansiedade e na depressão em adolescentes e jovens adultos”** e pretende-se a recolha de dados junto de uma população que reúna as características enunciadas. Por uma questão logística optou-se por recolher os dados referentes à população de jovens adultos junto de alunos integrados no Ensino Superior nomeadamente nas Escolas do Instituto Politécnico de Portalegre e nas Escolas Superiores de Enfermagem/Saúde dos Distritos de Portalegre, Évora, Santarém, Castelo Branco, Guarda e Beja.

Mais se acrescenta que o Instrumento de Recolha de Dados em causa tem uma duração estimada de aplicação de ± 45 minutos.

Para a Escola Superior de Enfermagem de Santarém, solicita-se a aplicação do Questionário em questão a todos os alunos do Curso Superior de Licenciatura em Enfermagem.

Por uma questão de organização da recolha de dados queira V.^a Ex.^a sugerir a metodologia que considerar mais adequada e que possa minorar a interferência com as actividades lectivas programadas.

Certo que esta solicitação merecerá de V.^a Ex.^a a melhor consideração, aguarda a sua resposta.

Com melhores cumprimentos,

Portalegre, 14 de Janeiro de 2008

Raul Alberto Carrilho Cordeiro
(Professor Adjunto)

Contacto: Telm: 932058551

raulcordeiro@essp.pt

ANEXO V
Quadros de resultados

Quadro I – Resultados médios dos fatores de vinculação à mãe por gênero

Fatores	Mãe				Teste <i>t</i>
	Masculino		Feminino		
	M	DP	M	DP	
Inibição da exploração e individualidade	29,6	9,4	28,4	9,8	$t=1,193$; $g/=758$ $p=0,233$
Qualidade do laço emocional	53,3	7,5	55,0	5,8	$t=-2,850$; $g/=758$ $p=0,004^{**}$
Ansiedade de separação e dependência	37,0	8,6	39,3	9,2	$t=-2,527$; $g/=758$ $p=0,012^{**}$
N	127		633		760

** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

Quadro II – Resultados médios dos fatores de vinculação ao pai por gênero

Fatores	Pai				Teste <i>t</i>
	Masculino		Feminino		
	M	DP	M	DP	
Inibição da exploração e individualidade	28,6	10,4	27,5	9,5	$t=1,220$; $g/=758$ $p=0,223$
Qualidade do laço emocional	49,6	11,4	51,5	9,5	$t=-2,073$; $g/=758$ $p=0,038^*$
Ansiedade de separação e dependência	34,4	9,5	36,9	10,0	$t=-2,544$; $g/=758$ $p=0,011^*$
N	127		633		760

* Correlação significativa ao nível $p \leq 0,05$

Quadro III – Resultados médios dos fatores de vinculação à mãe por progenitor(es) com quem coabita

Fatores	Progenitores com quem coabita								<i>Eta</i> ²
	Pai		Mãe		Pai e Mãe		Outros Familiares		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Inibição da exploração e individualidade	27,6	5,9	30,3	9,4	28,3	9,8	29,0	9,9	$\eta^2=0,104$
Qualidade do laço emocional	52,3	6,5	55,2	5,3	54,8	6,3	54,2	5,7	$\eta^2=0,052$
Ansiedade de separação e dependência	31,5	11,1	39,7	9,2	39,1	9,1	38,2	9,1	$\eta^2=0,123$
N	15		104		566		75		760

Quadro IV – Resultados médios dos fatores de vinculação ao pai por progenitor(es) com quem coabita

Fatores	Progenitores com quem coabita								Eta ²
	Pai		Mãe		Pai e Mãe		Outros Familiares		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Inibição da exploração e individualidade	29,9	9,6	25,8	8,2	27,9	9,9	27,9	9,5	$\eta^2=0,151$
Qualidade do laço emocional	47,9	10,3	45,2	14,6	52,5	8,2	50,8	10,1	$\eta^2=0,122$
Ansiedade de separação e dependência	31,7	11,2	32,2	11,6	37,4	9,3	36,1	10,2	$\eta^2=0,146$
N	15		104		566		75		760

Quadro V – Resultados médios dos fatores de vinculação à mãe segundo a existência de fratria

Fatores	Fratia				Teste t
	Sim		Não		
	M	DP	M	DP	
Inibição da exploração e individualidade	28,6	9,5	28,6	10,8	$t=0,012$; $g=188,8$ $p=0,991$
Qualidade do laço emocional	54,6	6,1	55,3	6,1	$t=-1,238$; $g=758$ $p=0,216$
Ansiedade de separação e dependência	38,7	9,1	39,9	9,7	$t=-1,372$; $g=758$ $p=0,171$
N	621		139		760

Quadro VI – Resultados médios dos fatores de vinculação ao pai segundo a existência de fratria

Fatores	Fratia				Teste t
	Sim		Não		
	M	DP	M	DP	
Inibição da exploração e individualidade	27,8	9,3	27,1	11,0	$t=0,720$; $g=184,6$ $p=0,473$
Qualidade do laço emocional	50,9	9,9	52,5	9,5	$t=-1,750$; $g=758$ $p=0,81$
Ansiedade de separação e dependência	36,3	9,8	37,4	10,5	$t=-1,179$; $g=758$ $p=0,239$
N	621		139		760

Quadro VII – Resultados médios dos fatores de vinculação à mãe segundo a existência de relação de namoro

Fatores	Relação de Namoro				Teste <i>t</i>
	Sim		Não		
	M	DP	M	DP	
Inibição da exploração e individualidade	28,2	9,6	29,2	9,9	$t=-0,425$; $g/=758$ $p=0,155$
Qualidade do laço emocional	55,0	5,9	54,3	6,4	$t=-1,414$; $g/=758$ $p=0,158$
Ansiedade de separação e dependência	39,5	9,1	38,0	9,3	$t=2,122$; $g/=758$ $p=0,034^*$
N	458		302		760

* Correlação significativa ao nível $p \leq 0,05$

Quadro VIII – Resultados médios dos fatores de vinculação ao pai segundo a existência de relação de namoro

Fatores	Relação de Namoro				Teste <i>t</i>
	Sim		Não		
	M	DP	M	DP	
Inibição da exploração e individualidade	27,2	9,5	28,3	9,7	$t=1,638$; $g/=758$ $p=0,102$
Qualidade do laço emocional	51,2	10,2	51,2	9,4	$t=0,93$; $g/=758$ $p=0,081$
Ansiedade de separação e dependência	36,9	10,0	35,7	9,9	$t=-1,179$; $g/=758$ $p=0,926$
N	458		302		760

Quadro IX – Resultados médios dos fatores de vinculação amorosa por género

Fatores	Masculino		Feminino		Teste <i>t</i>
	M	DP	M	DP	
Confiança	63,9	8,7	65,3	10,1	$t=-1,463$; $g/=758$ $p=0,144$
Dependência	46,2	11,3	45,6	11,0	$t=0,628$; $g/=758$ $p=0,530$
Evitamento	34,1	10,1	30,7	9,8	$t=3,515$; $g/=758$ $p=0,000^{**}$
Ambivalência	37,4	11,2	37,2	11,4	$t=0,130$; $g/=758$ $p=0,897$
N	127		633		760

** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

Quadro X – Resultados médios dos fatores de vinculação amorosa segundo a existência de fratria

Fatores	Fratria				Teste <i>t</i>
	Sim		Não		
	M	DP	M	DP	
Confiança	65,1	9,7	65,2	10,8	$t=-0,095$; $g/758$ $p=0,924$
Dependência	45,7	11,1	45,8	10,6	$t=-0,105$; $g/758$ $p=0,917$
Evitamento	31,6	10,0	29,8	9,9	$t=1,904$; $g/758$ $p=0,057$
Ambivalência	37,5	11,2	36,1	11,6	$t=1,336$; $g/758$ $p=0,182$
N	621		139		760

Quadro XI – Resultados médios dos fatores de vinculação amorosa segundo a existência de relação de namoro

Dimensão	Relação de Namoro				Teste <i>t</i>
	Sim		Não		
	M	DP	M	DP	
Confiança	67,7	8,8	61,2	10,2	$t=9,050$; $g/575,2$ $p=0,000^{**}$
Dependência	48,0	10,5	42,1	10,9	$t=7,530$; $g/758$ $p=0,000^{**}$
Evitamento	28,1	9,2	36,1	9,2	$t=-11,721$; $g/758$ $p=0,000^{**}$
Ambivalência	34,3	10,7	41,8	10,7	$t=-9,490$; $g/758$ $p=0,000^{**}$
N	458		302		760

** Correlação significativa ao nível $p \leq 0,01$

ANEXO VI
Publicações

Publicações

- Claudino, J., **Cordeiro, R.**, Arriaga, M. (2006). Depressão e suporte social em, adolescentes e jovens adultos, um estudo realizado junto de adolescentes pré-universitários. *Millenium*, 32, 185-196.
- Cordeiro, R.**, Claudino, J., & Arriaga, M. (2008). Auto-apreciação pessoal e temperamento afetivo em enfermeiros de serviços de psiquiatria e saúde mental. *Millenium*, 34, 149-163.
- Figueira, M.L., Caeiro, L., Ferro, A., **Cordeiro, R.**, Duarte, P., Akiskal, H.S., & Akiskal, K.K. (2009). Temperament in Portuguese university students as measured by TEMPS-A: implications for professional choice. *Journal of Affective Disorders*, 123 (1), 30-35.

DEPRESSÃO E SUPORTE SOCIAL EM ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS

Um estudo realizado junto de adolescentes pré-universitários

¹Claudino, João; ²Cordeiro, Raul; ³Arriaga, Miguel

Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Saúde de Portalegre

¹ Professor Adjunto, Licenciado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica, Mestre em Ecologia Humana

² Assistente, Licenciado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica, Mestre em Saúde Escolar

³ Assistente, Licenciado em Psicologia Clínica e do Aconselhamento, Pós-Graduação em Selecção de Recursos Humanos

RESUMO

O objectivo é analisar, através de um estudo quantitativo, descritivo e transversal, a relação entre a satisfação com o suporte social e os índices de depressão em adolescentes e jovens adultos.

Através de questionário de aplicação directa um total de $n=262$ alunos, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 16 e os 21 anos de idade, matriculados no 12º ano de Escolaridade das duas Escolas Secundárias da rede do Ministério da Educação, situadas na cidade de Portalegre, Portugal, no ano lectivo 2004/2005.

Foram utilizados, como instrumentos de medida, a Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS) (Ribeiro, 1999) e o Inventário de Depressão de Beck (BDI) (Gorenstein & Andrade, 1996).

Os resultados obtidos indicam que o suporte social influencia, de uma forma estatisticamente significativa o índice de depressão em adolescentes e jovens adultos.

INTRODUÇÃO

A adolescência deve ser encarada como uma etapa crucial, sem limites rígidos, do processo de crescimento e desenvolvimento, que se foi delineando através do tempo. É um período extremamente relevante para a construção do indivíduo, quer a nível físico quer a nível psicossocial.

Nesta fase, ocorrem mudanças que têm um papel fundamental na explicação da adolescência como um período de crise, caracterizado por uma ambivalência de sentimentos e transformações na saúde mental do indivíduo, podendo induzir perturbações do humor. Desta forma, a adolescência é muitas vezes considerada como um período naturalmente depressivo, devido à correspondência que existe entre as alterações de humor e esta fase de desenvolvimento.

As diversas perturbações, que podem surgir na adolescência, devem-se por um lado ao abandono da protecção infantil, proporcionada pelos pais e outras figuras de referência do mundo dos adultos, e por outro à necessidade cada vez maior de estabelecer metas e traçar projectos utilizando só os seus próprios instrumentos. Finalmente devem-se ainda à construção de uma imagem de si próprio consistente e sólida que resista aos desafios que se avizinham.

Na sua procura de identidade, o adolescente busca também a sua individualidade, através de novos grupos de referência que não somente o familiar, nomeadamente o grupo de amigos. São estes que passam a transferir os valores, atitudes e comportamentos que o jovem adopta como orientadores das suas experiências e escolhas.

A maioria das jovens que estão inseridos num determinado grupo de amigos, com os quais estabelecem uma relação de proximidade e de apoio mútuo, podem apresentar uma menor probabilidade de desenvolver depressão relativamente às pessoas que não têm suporte social por parte dos membros do seu grupo.

Para minimizar o risco de depressão é necessária a existência de suportes sociais como a família, o grupo de amigos e a escola, que são de valor significativo para o adolescente. Suporte social, segundo Sarason citado por Ribeiro (1999, 547), define-se como *existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós*.

O adolescente como ser exigente que é, e como ser que utiliza as suas capacidades, para sobressair na sociedade e no ambiente que o rodeia, deve ser estimulado, para que as suas capacidades sejam empregues de forma benéfica.

Para além dos factores genéticos é importante não descurar os factores culturais e os estereótipos sociais que cada indivíduo tem nas suas representações profundas e pessoais.

Foram definidos como objectivos deste estudo: Compreender a relação entre a satisfação com o suporte social e os índices de depressão em adolescentes e jovens adultos; avaliar a percepção dos adolescentes e jovens adultos sobre o suporte social; identificar os valores dos índices de depressão nos adolescentes e jovens adultos; identificar qual a relação entre suporte social e os índices de depressão em adolescentes e jovens adultos.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi efectuado um estudo do tipo descritivo, transversal, quantitativo, uma vez que se pretendeu descrever a relação existente entre variáveis em estudo, num total de $n=262$ alunos, matriculados no 12º Ano de Escolaridade, no ano lectivo 2004/2005, em duas Escolas Secundárias do Ministério da Educação, da cidade de Portalegre, Portugal, que foi inquirido através de um Questionário de aplicação directa aos alunos em sala de aula.

No Questionário, foram introduzidos como instrumentos de medida: a Escala de Satisfação com o Suporte Social (Ribeiro, 1999) e o Inventário de Depressão de Beck (Gorenstein & Andrade, 1996).

As dimensões ou factores geradas empiricamente para medir o Suporte Social foram: Satisfação com a Amizade, Intimidade, Satisfação com a família e Actividades Sociais cada uma delas com cinco (5) opções de resposta - **A** (Concordo totalmente), **B** (Concordo na maior parte), **C** (Não concordo nem discordo), **D** (Discordo na maior parte) e **E** (Discordo totalmente) - e expressa numa escala de 1 a 5.

A aplicação do Inventário de Depressão de Beck, definida como uma medida de auto-avaliação da depressão, é uma escala ordinal que consiste em 21 itens, incluindo sintomas e atitudes cuja intensidade varia de 0 a 3.

Segundo a bibliografia consultada (Gorestein & Andrade 1996), para amostras não diagnosticadas, como ponto de corte para detectar a depressão considera-se o valor 20. Foram assim considerados com o diagnóstico clínico de depressão, os indivíduos que apresentassem valores de resposta iguais ou superiores a 20.

Após a recolha de dados feita através dos questionários foi necessário fazer a síntese dos mesmos utilizando procedimentos estatísticos.

O tratamento estatístico de dados foi efectuado através do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)[®], versão 11.0 para Windows[®].

No tratamento de dados, para além dos dados de estatística descritiva (moda, média, frequência e percentagem), recorreremos, ainda, ao Coeficiente de Correlação de *Pearson* (*r*) e ao Teste *t* para relacionar variáveis independentes.

RESULTADOS

O nosso estudo foi realizado numa população de $N=370$ alunos matriculados no 12º ano de Escolaridade, nas duas escolas secundárias da Rede do Ministério da Educação da cidade de Portalegre, tendo respondido ao questionário apresentado $n=262$ alunos, que considerámos o nosso grupo de estudo. Destes 55% ($n=144$) eram do sexo feminino e 45% ($n=118$) do sexo masculino. O grupo de estudo apresentava uma média de idade de 17,71 anos, situando-se no Grupo Etário dos 16-21 anos.

Do grupo em estudo, 63% ($n=165$), residiam no concelho de Portalegre, sendo que 85,5% ($n=224$) estavam matriculados no 12º ano pela 1ª vez.

Verificou-se que 86,6% ($n=227$) alunos estavam matriculados em Cursos de Carácter Geral, registando-se, dentro deste, 59,9% ($n=157$) dos alunos a frequentar o Agrupamento I.

Dos $n=35$ alunos matriculados em Cursos Tecnológicos regista-se a maior frequência de matrículas nos cursos de Design e de Informática (4,6%; $n=12$).

QUADRO 1

Resultados médios e desvio padrão do Índice de Depressão de Beck

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Índice de Depressão de Beck	257	,00	45,00	7,19	6,93
Valid N (listwise)	257				

Verificou-se um resultado médio do Índice de Depressão de Beck de 7,19 (Quadro 1).

QUADRO 2

Distribuição do grupo de estudo pelo Índice de Depressão de Beck (com ponto de corte =20)

		Frequency	Percent
Valid	<20	241	91,98
	> ou = 20	16	6,11
	Total	257	98,09
Missing	System	5	1,91
Total		262	100,00

Dos alunos inquiridos ($n=257$ respostas válidas), $n=241$ alunos (91,98%) apresentaram valores do Índice de Depressão de Beck inferiores a 20 enquanto que $n=16$ alunos (6,11%) apresentaram valores do Índice de Depressão de Beck superiores ou iguais a 20.

O Grupo Etário entre os 19 e os 21 anos apresentou um Índice de Depressão com valor médio mais elevado (9,69; $s=9,49$), enquanto o Grupo Etário dos 16 aos 18 anos apresentou um valor médio de 7,02 ($s=6,72$), tendo-se verificado através da aplicação do Teste t que não existia uma diferença estatisticamente significativa ($t=-1,49$; $p>0,05$) entre estas variáveis. O maior número de alunos que apresentaram um maior Índice de Depressão de Beck (superior ou igual a 20) situava-se no grupo etário entre os 19 e os 21 anos (18,8%).

Os indivíduos do sexo feminino apresentaram valores médios do Índice de Depressão (8,06; $s=7,14$) mais elevados que os do sexo masculino. Através da aplicação do Teste t verificou-se que existia uma diferença estatisticamente significativa ($t=-2,22$; $p<0,05$) entre sexos. Foi o sexo feminino que apresentou uma percentagem mais elevada de indivíduos com Índice de Depressão de Beck igual ou superior a 20 (6,4%) enquanto que o sexo masculino apresentou uma percentagem de 6%.

Os indivíduos que estavam matriculados pelo segundo ano no 12º apresentaram um valor médio (9,53; $s=7,33$) mais elevado do Índice de Depressão de Beck, tendo a aplicação da Correlação de Pearson permitido verificar que não existia uma relação estatisticamente significativa ($r=0,09$, $p>0,05$) entre estas duas variáveis. Foram os alunos matriculados pela segunda vez no 12º ano que apresentaram uma percentagem mais elevada do Índice de Depressão de Beck (igual ou superior a 20) (8,3%) relativamente aos indivíduos que tinham a primeira ou terceira matrícula.

Os indivíduos que frequentavam Cursos de Carácter Tecnológico apresentaram um valor médio mais elevado do Índice de Depressão de Beck (7,34; $s=6,80$) do que os indivíduos que

frequentavam Cursos de Carácter Geral (7,16; $s=6,97$). Através da aplicação da Correlação de Pearson verificou-se que os resultados de associação entre estas duas variáveis não eram estatisticamente significativos ($r=0,01$, $p>0,05$). Os alunos que frequentavam Cursos Tecnológicos apresentaram uma percentagem do Índice de Depressão de Beck (com ponto de corte superior ou igual a 20) mais elevado (8,6%; $n=3$), relativamente aos alunos que frequentavam o Curso de Carácter Geral (5,9%; $n=13$).

QUADRO 3

Resultados médios e Desvio-padrão do Suporte Social

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Suporte Social	257	1,43	5,00	3,79	,60
Valid N (listwise)	257				

No estudo da variável Suporte Social (Quadro 3) obtiveram-se um total de $n=257$ inquéritos válidos. Constatou-se um resultado médio de 3,79 com um desvio-padrão de $s=0,60$.

Os indivíduos do Grupo Etário entre os 16 e os 18 anos apresentaram um valor médio de Suporte Social (3,80; $s=0,58$) mais elevado do que os indivíduos do Grupo Etário entre os 19 e os 21 anos (3,74; $s=0,84$). A Correlação de Pearson permitiu verificar que os resultados de associação entre estas duas variáveis não eram estatisticamente significativos ($r=-0,02$, $p>0,05$).

Os indivíduos do sexo masculino apresentaram um valor médio de Suporte Social (3,89; $s=0,58$) mais elevado do que os indivíduos do sexo feminino (3,71; $s=0,60$). Através da aplicação do Teste t , verificou-se que existia, uma diferença estatisticamente significativa ($t=-2,46$; $p<0,05$) entre sexos.

Os indivíduos que frequentavam Cursos de Carácter Geral apresentaram um valor médio de Suporte Social (3,81; $s=0,80$) mais elevado que os indivíduos que frequentavam Cursos de Carácter Tecnológico (3,72; $s=0,56$). Através da aplicação do Teste t , verificou-se que não existia uma diferença estatisticamente significativa ($t=-0,62$; $p>0,05$) entre as duas variáveis.

Das dimensões do Suporte Social constatou-se que a dimensão Satisfação com a Amizade apresentava o valor médio mais elevado (4,12; $s=0,73$) e que a dimensão Actividades Sociais apresentava um valor médio mais baixo (3,27; $s=0,96$).

QUADRO 4

Correlação entre o Índice Depressão de Beck e o Suporte Social

		Índice de Depressão de Beck	Suporte Social
Índice de Depressão de Beck	Pearson Correlation	1	-,61**
	Sig. (2-tailed)	,	,00
	N	257	252
Suporte Social	Pearson Correlation	-,61**	1
	Sig. (2-tailed)	,00	,
	N	252	257

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

O estudo da relação da relação entre o Suporte Social e o Índice de Depressão de Beck (Quadro 4) permitiu verificar valores de correlação ($r=-0,61$; $p<0,01$) estatisticamente significativos, evoluindo ambas as variáveis em sentido inverso.

QUADRO 5

Correlação entre o Índice Depressão de Beck e as Dimensões do Suporte Social

		Índice de Depressão de Beck	Satisfação com a Amizade	Intimidade	Satisfação com a Família	Actividades Sociais
Índice de Depressão de Beck	Pearson Correlation	1	-,38**	-,49**	-,37**	-,39**
	Sig. (2-tailed)	,	,00	,00	,00	,00
	N	257	254	255	256	256
Satisfação com a Amizade	Pearson Correlation	-,38**	1	,52**	,39**	,37**
	Sig. (2-tailed)	,00	,	,00	,00	,00
	N	254	259	258	258	259
Intimidade	Pearson Correlation	-,49**	,52**	1	,32**	,27**
	Sig. (2-tailed)	,00	,00	,	,00	,00
	N	255	258	260	259	260
Satisfação com a Família	Pearson Correlation	-,37**	,39**	,32**	1	,14*
	Sig. (2-tailed)	,00	,00	,00	,	,03
	N	256	258	259	261	260
Actividades Sociais	Pearson Correlation	-,39**	,37**	,27**	,14*	1
	Sig. (2-tailed)	,00	,00	,00	,03	,
	N	256	259	260	260	261

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Segundo o Quadro 5, o valor da correlação foi sempre negativo, ou seja, ambas as variáveis evoluem em sentido inverso. Assim quanto mais elevado o valor do Índice de Depressão de Beck menor o valor dos resultados das Dimensões do Suporte Social e vice-versa, para valores de associação especialmente significativos ($p<0,01$).

Verificou-se que existia uma diferença especialmente significativa entre os resultados médios da dimensão do Suporte Social Actividades Sociais e as categorias (com ponto de corte 20) do Índice de Depressão de Beck ($t=4,20$; $p<0,01$).

Constatou-se que a categoria menor 20 do Índice de Depressão de Beck é aquela que apresentou valores médios mais elevados em todas as dimensões do Suporte Social. A dimensão do Suporte Social que apresentou valores médios mais elevados na categoria <20 do Índice de Depressão de Beck foi a dimensão Satisfação com a Amizade (4,19).

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Uma vez terminada a apresentação e análise de resultados recolhidos anteriormente, passa-se à discussão dos mesmos, na qual são englobados aspectos considerados importantes e que estão directamente associados a conteúdos referidos no enquadramento teórico e na análise dos dados.

Visto que este estudo teve como objectivo principal analisar a relação entre a satisfação com o suporte social e os valores do índice de depressão em adolescentes e jovens adultos, procurou-se, desta forma, através de um questionário, caracterizar o grupo em estudo relacionando-se todas as variáveis entre si.

Posteriormente, apresenta-se a discussão dos resultados de acordo com a relação entre as variáveis em estudo.

Com os resultados obtidos na análise descritiva verifica-se que o **Grupo Etário** entre os 19 e os 21 anos apresenta um **Índice de Depressão de Beck** com resultado médio mais elevado (9,69; $s=9,49$) que o grupo etário entre os 16 e os 18 anos (com resultado médio = 7,09; $s=6,72$). Assim, os dados recolhidos, sugerem que os jovens adultos apresentam maiores níveis de depressão, no nosso entender, devido ao facto de existir uma maior pressão exercida por parte de todo o meio envolvente. Isto porque sendo considerados jovens adultos são-lhes exigidas certas responsabilidades, e criadas algumas expectativas acerca do seu comportamento que por vezes é difícil de atingir.

Alguns jovens sentem dificuldade em interiorizar a noção de responsabilidade, indispensável à vida pessoal e social. No entanto, a maioria dos jovens adultos acedem a este sentido de responsabilidade, muitas vezes, através de reflexões intelectuais, cada vez mais usuais, e de tarefas concretas que eles próprios reivindicam (Braconnier e Marcelli, 2000).

Os jovens adultos sentem-se também pressionados para conseguirem atingir os seus próprios objectivos. A cada vez mais prolongada permanência no seio da família faz com que o

processo de transição da dependência para a autonomia se transforme não só numa etapa longa do ciclo de vida dos jovens adultos, mas também numa etapa de grande intensidade sentimental, levando, por sua vez, a uma conflitualidade relacionada com a separação física dos pais e uma possível saída de casa (Fleming, 1997).

No entanto, através da aplicação do Teste *t* verifica-se que não existe uma diferença estatisticamente significativa entre os resultados médios do **Índice de Depressão de Beck** entre grupos etários ($t = -1,49; p > 0,05$). Apesar de tudo, e usando os valores do **Índice de Depressão de Beck** (com ponto de corte = 20) por **Grupo Etário**, verifica-se que os alunos que apresentam um maior **Índice de Depressão de Beck**, situam-se tendencialmente no grupo etário entre os 19 e os 21 anos (18,8%; $n=3$).

Cruzando o **Índice de Depressão de Beck** com o **Sexo**, verifica-se que os inquiridos do sexo feminino (com resultado médio=8,06; $s=7,14$) apresentam um **Índice de Depressão de Beck** mais elevado do que os inquiridos do sexo masculino (com um resultado médio=6,15; $s=6,57$). Constatando-se através do Teste *t* com valores estatisticamente significativos entre as variáveis **Sexo** e **Índice de Depressão de Beck** ($t = -2,22; p < 0,05$). Os mesmos resultados são verificados no Quadro 17, que analisa a relação do **Índice de Depressão de Beck** (com ponto de corte =20) e o **Sexo**, uma vez que o sexo feminino apresenta um maior **Índice de Depressão de Beck** (de valor ≥ 20 ; 6,4%; $n=9$), relativamente ao sexo masculino (6%; $n=7$).

Verifica-se que as raparigas apresentam valores mais elevados do Índice de Depressão de Beck. Tal pode dever-se ao facto de serem mais susceptíveis de demonstrar os seus sentimentos, como tal sofrem mais com determinadas situações. Outra das razões pode passar pelo facto de terem tendência a ser mais obedientes, reflectindo-se na dificuldade em se tornarem autónomas. Relativamente às diferenças entre os sexos, as raparigas são mais dóceis, mais capazes de se conformar com as expectativas dos adultos, enquanto que os rapazes são mais inconformados desafiando a disciplina, a autoridade e as expectativas adultas (Fleming, 1997).

Outra das explicações que se pode considerar para compreender a assimetria do risco de depressão entre rapazes e raparigas é a influência hormonal. Sendo a puberdade uma fase decisiva, existem várias diferenças no desenvolvimento dos sistemas endócrinos femininos e masculinos, acentuando-se nas raparigas a vulnerabilidade e as perturbações afectivas (Braconnier e Marcelli, 2000).

Verifica-se ainda que são os indivíduos que estão no 2º ano de matrícula no 12º Ano que apresentam uma maior tendência para a depressão (com resultado médio=9,53; $s=7,33$). Deste modo, pensa-se que pelo facto do 12º ano ser supostamente uma etapa final neste ciclo de

estudos, seria vista como um ano com muitas responsabilidades acrescidas. Os adolescentes e jovens adultos familiarizados até agora com o ambiente escolar secundário podem sentir antecipadamente as dificuldades em se adaptarem ao mundo universitário ou de trabalho, cujas características diferem sensivelmente dos ciclos de estudos anteriores (Braconnier e Marcelli, 2000). Uma vez que estes adolescentes e jovens adultos apresentam, segundo este estudo, um maior índice de depressão no 2º ano de matrícula no 12º Ano. Outra causa apontada, podem ser as expectativas frustradas por parte destes, uma vez que poderiam não estar a contar repetir o ano e viram o seu futuro atrasar-se, juntamente com o facto de não terem correspondido à idealização que outros teriam sobre si. É importante referir a hipótese do grupo de pares ter alcançado os objectivos e ultrapassado o 12º ano enquanto que o adolescente ou jovem adulto não os acompanhou, podendo tal facto significar um conjunto de sentimentos negativos (como “abandono” ou “solidão”). Contudo, através da correlação o **Índice de Depressão de Beck** e o **Número de Anos Matriculado no 12º Ano** observa-se que os resultados não são estatisticamente significativos ($r = 0,09$; $p > 0,05$).

Em relação às variáveis **Índice de Depressão de Beck** e **Tipo de Curso que Frequentam** constata-se que os indivíduos que apresentam maior disposição para a depressão são os que frequentam **Cursos Tecnológicos** (com resultado médio de 7,34; $s=6,80$) enquanto os que frequentam **Cursos de Carácter Geral** apresentam um resultado médio de 7,16 ($s=6,97$).

No entanto, através da correlação entre o **Índice de Depressão de Beck** e o **Tipo de Curso que Frequentam**, verifica-se que os resultados obtidos não são estatisticamente significativos ($r = 0,01$, $p > 0,05$). Verifica-se ainda que os alunos dos **Cursos Tecnológicos** têm uma maior tendência para manifestar um **Índice de Depressão de Beck** (≥ 20) (8,6%; $n=3$), comparativamente com os alunos que frequentam **Cursos de Carácter Geral** (5,9%; $n=13$).

De seguida, utilizou-se a variável **Suporte Social**, relacionando-a com as variáveis de caracterização.

Verifica-se que os indivíduos do **Grupo Etário** entre os 16 e os 18 anos apresentam maior **Suporte Social** (com resultado médio=3,80; $s=0,58$) que os indivíduos do **Grupo Etário** entre os 19 e os 21 anos (com resultado médio=3,74; $s=0,84$). Uma das possíveis explicações para este facto deve-se possivelmente à etapa da vida que os jovens adultos estão a atravessar nesse momento, pois estes necessitam de concentrar-se mais na actividade escolar ou profissional que estão a desenvolver sendo-lhes exigido um maior desempenho, deixando assim um pouco de lado as relações sociais. No entanto, é importante, por outro lado, *a participação de um adolescente num grupo de jovens da mesma idade é vulgar e poderíamos dizer que absolutamente necessária* (Braconnier e Marcelli, 2000, 43).

Para além desta hipótese, os adolescentes, encontram-se mais ligados à família, pois têm menor idade e dependem mais desta, de modo que a necessidade de suporte social se torna conseqüentemente maior. É também comum que nesta fase os adolescentes se envolvam em actividades extracurriculares por terem mais tempo disponível, actividades essas que, posteriormente, por falta de disponibilidade terão de abandonar, uma vez que se torna necessário dedicar mais tempo ao estudo e ao seu futuro.

Contudo, recorrendo à correlação entre o **Suporte Social** e o **Grupo Etário**, verifica-se que os resultados não são estatisticamente significativos ($r = -0,02$; $p > 0,05$).

Em relação à variável **Suporte Social** e **Sexo** averigua-se que os indivíduos do sexo masculino têm maior suporte social (com resultado médio=3,89; $s=0,58$) do que os indivíduos do sexo feminino (com resultado médio=3,71; $s=0,60$). Pensa-se que os indivíduos do sexo masculino apresentam maior suporte social devido ao facto de participarem num maior número de actividades sociais e lúdicas, sendo-lhe dadas outras oportunidades e, de certa forma, mais liberdade. Os rapazes soltam-se mais da família, acabando por criar laços mais fortes com o seu grupo de pares, exprimindo, de certa forma, o desejo de alargar e diferenciar o seu espaço familiar; enquanto que as raparigas procuram mais rapidamente a autonomia interna, passando só mais tarde a sentir a necessidade de exteriorizar esses sentimentos, criando laços fora do círculo familiar. Através do Teste *t*, constata-se que estes resultados são estatisticamente significativos.

Constata-se que os indivíduos que frequentam os **Cursos de Carácter Geral** têm maior **Suporte Social** (com resultado médio=3,81; $s=0,60$) do que os indivíduos que frequentam os **Cursos de Carácter Tecnológico** (com resultado médio=3,72; $s=0,56$). No entanto, não se obtiveram dados suficientes para se poder analisar esta relação, visto o estudo não ter sido direccionado para se obter esta informação. Através do Teste *t*, verifica-se que não existe uma diferença estatisticamente significativa entre os resultados ($t=-0,62$; $p > 0,05$).

Relacionando o **Índice de Depressão de Beck** com o **Suporte Social**, averigua-se que quanto maior o **Índice de Depressão de Beck**, menor é o **Suporte Social**; sendo os valores obtidos para esta relação estatisticamente significativos ($r=-0,61$; $p < 0,01$).

Verifica-se que existe uma relação entre o **Índice de Depressão de Beck**, e as **Dimensões do Suporte Social**, sendo os valores estatisticamente significativos ($t=3,30$; $p < 0,01$). Estes resultados levam a pensar que quanto menor for a intimidade que o adolescente tiver com aqueles que o rodeiam, assim como quanto menor for a satisfação com a família, com a amizade e a participação nas actividades sociais, maior será a depressão sentida, uma vez que as bases para o seu bem-estar estão, de certa forma, afectadas.

Dentro das várias dimensões inseridas no **Suporte Social**, destaca-se a **Intimidade** ($r = -0,49$; $p < 0,01$). Esta foi a dimensão do suporte social que os inquiridos consideraram mais importante, uma vez que é uma dimensão muito pessoal que necessita de ser satisfeita, reflectindo a especificidade das relações intrapessoais e interpessoais.

No que se refere aos resultados médios entre **Dimensões do Suporte Social** e **Índice de Depressão de Beck** (com ponto de corte=20) a dimensão **Satisfação** com a **Amizade** apresenta um resultado médio superior na categoria < 20 , ou seja, aqueles que não apresentam depressão são os que estão mais satisfeitos e que dão maior relevância a esta dimensão. Sendo assim, existe uma diferença especialmente significativa entre os resultados médios da dimensão do Suporte Social Satisfação com a Amizade e as categorias (com ponto de corte =20) do Índice de Depressão de Beck.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Braconnier, Alain; Marcelli, Daniel (2000). *As mil faces da adolescência-confrontações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fleming, Manuela (1993). *Adolescência e Autonomia – O Desenvolvimento Psicológico e a Relação com os Pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gorenstein, C.; Andrade, L. (1996). Validation of a portuguese version of the Beck Depression Inventory and the State – Trait Anxiety Inventory in Brazilian Subjects. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*. 29: 453-457.
- Ribeiro, José Luís (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*. 3: XVII. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

AUTO-APRECIÇÃO PESSOAL E TEMPERAMENTO AFECTIVO EM ENFERMEIROS DE SERVIÇOS DE PSIQUIATRIA E SAÚDE MENTAL

¹CORDEIRO, RAUL; ²CLAUDINO, JOÃO; ³ARRIAGA, MIGUEL;

Colaboração

⁴OLIVEIRA, MARIA; FRAZÃO, MARLENE; MENDES, MARINA; LEÃO, ROSA; ONOFRE, SÓNIA; ENGISSA, SÓNIA; GONÇALVES, SÓNIA; SILVA, VÂNIA; VIEIRA, VERA; AZINHEIRO, VERA

RESUMO

Um estudo sobre a Auto-apreciação pessoal e o Temperamento Afectivo dos enfermeiros, é de crucial importância, pela sua influência em diversos fenómenos, nomeadamente na capacidade de desenvolver relações interpessoais, bem como na resistência a doenças psicológicas e físicas.

Um total de $N=47$ Enfermeiros de ambos os sexos, com uma idade média de 38,5 anos, que exercem funções na área de Saúde Mental e Psiquiatria em três Hospitais: Hospital Doutor José Maria Grande de Portalegre, Hospital do Espírito Santo de Évora e Hospital de Nossa Senhora do Rosário do Barreiro, foi inquirido através de um questionário de aplicação directa.

Os resultados indicam que o grupo estudado apresenta na sua maioria um Temperamento Hipertímico. Verificou-se que são os elementos do sexo feminino que apresentam maior auto-apreciação pessoal e que existe uma relação estatisticamente significativa entre a auto-apreciação pessoal e os Temperamentos Ciclotímico e Ansioso. Os mesmos resultados indicam igualmente que existe relação entre o Estado Civil e o Temperamento Irritável e entre o Tempo de Serviço e os Temperamentos Ciclotímico e Hipertímico.

INTRODUÇÃO

A investigação em Enfermagem é imprescindível para a origem do conhecimento que influenciará a prática, ou seja, é fundamental, pois fornece uma base de conhecimento científico especializado que contribui para a evolução da profissão. Tal acaba por se tornar muito importante porque antecipa e atende aos desafios propostos diariamente mantendo o papel social da actividade profissional de Enfermagem.

A área da Saúde Mental é por si só uma área sedenta de exploração por diversos factores, tais como, a importância devida atribuída a este contexto. Há relativamente pouco tempo começou a conceder-se a importância devida a esta área e por essa razão existem ainda poucos estudos.

É emergente o surgimento de um estudo relativo ao tema deste trabalho, pois e tendo em conta o papel da saúde na sociedade e dos profissionais de Enfermagem nela intervenientes, torna-se imprescindível perceber o que estes profissionais sentem acerca deles próprios. Sabemos que para ajudar os outros, temos de ajudar-nos também a nós próprios e sobretudo conhecer-nos. Um profissional de Enfermagem para cuidar dos utentes, que no fundo somos todos nós, necessita de estar bem consigo próprio não só a nível físico mas também psicológico.

Deste modo, acreditamos que este estudo possa contribuir para uma visão mais ampla acerca do tema e sobretudo perceber de que forma está esta realidade presente nos profissionais de Enfermagem e de que forma influencia a própria prática.

A AUTO-APRECIÇÃO E TEMPERAMENTO AFECTIVO EM ENFERMEIROS DE SAÚDE MELTAL E PSIQUIATRIA

O corpo é hoje um dos aspectos mais valorizados pelo indivíduo nas sociedades ocidentais. É-o de duas maneiras distintas: por um lado na dimensão aparência e, por outro, na dimensão funcionalidade (Ribeiro e Pais-Ribeiro, 2003:431). Desta forma, as dimensões supracitadas enquanto aspectos pertinentes do auto-conceito geral, apresentam-se também como aspectos importantes para o funcionamento psicológico do indivíduo, uma vez que, segundo Ribeiro e Pais-Ribeiro (2003:431) são variáveis de auto-referência e, provavelmente por esta via, tem um impacto positivo no bem-estar, na qualidade de vida e na saúde.

Tendo em conta o referido, salienta-se que o modo como o indivíduo se percebe nestas dimensões determina a forma de pensar, de agir e de se relacionar com o meio que o rodeia.

O auto-conceito tem sido consensualmente considerado como um factor fundamental para o bem-estar do indivíduo desempenhando uma função central, enquanto mediador e regulador do comportamento, percepções e expectativas pessoais. Um entendimento do auto-conceito torna possível a compreensão de cinco importantes aspectos inerentes ao comportamento humano: a identidade pessoal, a coerência, a continuidade, a consistência e a razão pela qual o indivíduo inibe ou facilita certos comportamentos.

Segundo Fitts, citado por Serra (1988:109), *o auto-conceito tem o condão de capturar e condensar motivos, necessidades, atitudes, valores e traços de personalidade. Por isso, torna-se uma variável ao mesmo tempo central e simples, relacionada com muitas outras, com que podemos lidar.*

A análise das suas relações e as repercussões de um auto-conceito pobre leva-nos a pensar que, em condições stressantes, na maioria dos casos o que é fundamental não é a própria situação mas, a pessoa que nela está envolvida bem como a sua avaliação dessa mesma situação.

Relativamente aos constituintes do auto-conceito, Vaz Serra (1988) acrescenta ainda, que este pode ser composto por várias facetas, tais como: Auto-imagem, Identidade e Auto-estima. A auto-imagem do indivíduo é importante na medida em que lhe permite atribuir significados na sua organização hierárquica. As identidades permitem uma reflexão mais que qualquer outro aspecto do auto-conceito, a nível do conteúdo e da organização social. A auto-estima é sem dúvida a que se realça mais sob o ponto de vista clínico, pois permite que o indivíduo faça a avaliação das suas qualidades ou dos seus desempenhos, virtudes ou valor moral. Esta pode ser considerada como os julgamentos que a pessoa faz acerca de si própria, permitindo assim uma autoavaliação positiva ou negativa. Sendo isto extremamente relevante para a sua identidade.

Segundo Vaz Serra (1988:109), *a auto-estima tem a ver com os aspectos avaliativos que um indivíduo elabora a seu próprio respeito, das suas qualidades ou desempenhos, sendo a parte afectiva do auto-conceito. (...) É indiscutivelmente a parte mais importante do auto-conceito.*

A formação do auto-conceito mostra a capacidade que o ser humano possui para se constituir como um objecto da sua própria observação e se abstrair dos seus comportamentos específicos diários e analogamente dos comportamentos dos outros em relação a si. Assim, a formação do auto-conceito ocorre da experiência vivenciada pelo indivíduo nos diversos contextos de vida em que age e da leitura que este faz das mesmas.

O desenvolvimento do auto-conceito vai prosseguindo ao longo da nossa vida, sendo que a diferenciação do Eu surge na adolescência e juventude, devido às inúmeras e crescentes experiências acumuladas, a aproximação da vida adulta e o aumento das responsabilidades. Isto vai implicar que progressivamente surja um auto-conceito geral culminando num sentido da identidade própria. O adulto tem a capacidade de estabelecer relações estáveis, estruturar relações com os outros, estabelecer um estilo de vida e reconhecer valores na sociedade em que o próprio se insere.

Relativamente às variáveis de auto-percepção ou de auto-referência, de acordo com Oosterwegel e Oppenheimer, citados por Ribeiro (2006), são usadas por parte dos indivíduos para fazerem julgamentos sobre si próprios. Estas duas variáveis, fazem parte do repertório da psicologia desde a sua origem. Estas podem ser entendidas de variadas formas, tais como: auto-conceito, auto-estima, auto-apreciação, auto-desenvolvimento, auto-representação, auto-regulação, auto-compreensão, entre outras.

Harter, citada por Ribeiro (2006), refere ainda que existem ainda duas formas de abordar ou compreender esta variável, isto é, é vista como um modelo global ou unidimensional (auto-estima) ou como um modelo multidimensional (auto-conceito). O primeiro tende a ser mais global e ter avaliações livres de conceito, enquanto que o segundo, é mais dependente do contexto ou de conteúdos.

O conceito de auto-apreciação pessoal contém, de acordo com alguns estudos, três componentes fundamentais, tais como, a componente afectiva, cognitiva e comportamental.

Este conceito, tem um papel relevante na forma como as pessoas encaram os seus papéis, desempenhos, motivações e também na forma como encaram as suas satisfações profissionais.

O temperamento refere-se à forma de ser emocional do indivíduo, isto é, o temperamento é um conjunto de características fisiológicas e psicológicas que distinguem uma pessoa das outras e que são a base do seu carácter. O carácter é o conjunto de reacções e hábitos de comportamento que vão sendo adquiridos ao longo da vida e que especificam o modo individual de cada pessoa (Reich, 1995). O carácter é composto das atitudes habituais de uma pessoa e do seu padrão consistente de respostas para várias situações. Incluem-se aqui as atitudes e valores conscientes, o estilo de comportamento (timidez, agressividade, etc.) e as atitudes físicas (postura, hábitos de manutenção e movimentação do corpo). Assim, carácter é a forma como a pessoa se mostra ao mundo, com o seu temperamento e a sua personalidade. É por meio do carácter que a personalidade e o temperamento do indivíduo se manifestam. Portanto, conhecer o carácter de uma pessoa significa conhecer os traços essenciais que determinam o conjunto de seus actos.

É de referir que o humor predominante ao longo da vida é uma componente do temperamento. Assim uma pessoa pode ser descrita, como tendo um temperamento calmo, exuberante, irritável, depressivo, ansioso ou sensível.

Segundo Chess e Thomas (1996), o temperamento designa características de personalidade inatas que influenciam a maneira pela qual o indivíduo reage ao ambiente e a sua progressão no desenvolvimento.

Akiskal (2005) e seus colaboradores difundiram o conceito do espectro bipolar, estendendo-o aos limites dos temperamentos. O espectro bipolar, vai de um pólo negativo para um pólo positivo e passa por um estado de equilíbrio. Assim, este varia, respectivamente, entre um estado depressivo e um estado ansioso, passando também por estados de ciclotimia, irritabilidade e hipertimia.

Assim, a classificação do temperamento, segundo Akiskal (2005) foi baseada, nos primeiros estadios dos seus estudos na seguinte tipologia:

1 – Depressivos: em que os indivíduos são preocupados, pessimistas, quietos, tímidos, indecisos e passivos. Tem uma conduta reservada, são resignados, reflexivos e com elevada tolerância para situações monótonas ou que exigem cautela.

2 – Ciclotímicos: os indivíduos alternam entre períodos de auto-confiança alta e baixa, estados apáticos e energéticos, pensamentos confusos e aguçados, humor tristonho e brincalhão, momentos introvertidos e expansivos, sonolência e pouca necessidade de sono.

3 - Irritáveis: manifestação de irritabilidade como característica marcante e constante. Os indivíduos são ameaçadores, desconfiados, combativos e destrutivos.

4 – Hipertímicos: os indivíduos são dinâmicos, desejam estímulos e sensações de prazer, tem tendência para a impulsividade, curiosidade, extravagância e desorganização. Pretendem reacções afectivas rápidas e intensas, e possuem inquietação, tédio e irritabilidade.

Contudo, houve a necessidade de incluir o temperamento ansioso, uma vez que cada vez que este fora introduzido, notara-se alguma sobreposição entre preocupação e depressão. Foi neste contexto, com a dificuldade de objectivar as respostas, que o temperamento ansioso foi incluído. Deste modo, podemos referir o temperamento ansioso como uma disposição de personalidade exagerada em direcção à preocupação. Caracteriza-se por um humor ansioso, com sensações desagradáveis de ansiedade manifestando-se por tremores, sudorese ou taquicardia, sempre com reacções ansiosas em situações específicas (provas, trabalho, entrevistas, situações sociais, entre outros).

Assim, podemos ver a importância do temperamento e, como este pode afectar a maneira de ser e estar da pessoa, assumindo-se como um pilar importante na afectividade.

Desta forma, podemos definir temperamento afectivo como as características próprias do indivíduo que influenciam o modo como cada pessoa se relaciona com os outros, com o ambiente e com o seu próprio desenvolvimento.

Para o presente estudo foram definidos os seguintes objectivos:

- Avaliar a Auto-apreciação Pessoal e Temperamento Afectivo em Enfermeiros
- Esclarecer o significado de Auto-conceito e Auto-apreciação;

- Analisar as relações entre o Auto-conceito/Auto-apreciação e o Temperamento Afectivo em Enfermeiros.

MATERIAIS E MÉTODOS

Através de um estudo de cariz descritivo e transversal foi considerada uma população-alvo do constituída por $N=75$ Enfermeiros que exercem funções na Área da Saúde Mental e Psiquiatria em três hospitais: Barreiro, Évora e Portalegre. Responderam ao Questionário um total de $n= 47$ indivíduos que considerámos como o nosso Grupo de Estudo.

Variáveis de Estudo

Sexo; Idade; Estado Civil; Tipo de Horário de Trabalho; Categoria Profissional; Habilitações Profissionais em Enfermagem; Tempo de Serviço; Anos de Experiência em Serviços de Psiquiatria e Saúde Mental; Temperamento Afectivo; Auto-Apreciação Pessoal.

Instrumentos de medida

Parte I – consiste na caracterização da população alvo.

Parte II – consiste na aplicação da escala **TEMPS-A (Escala de Temperamento de Memphis, Pisa, Paris e San Diego)** (Akiskal, 2005) aplicada na versão traduzida para a língua portuguesa (Figueira, M; Severino, L., 1999).

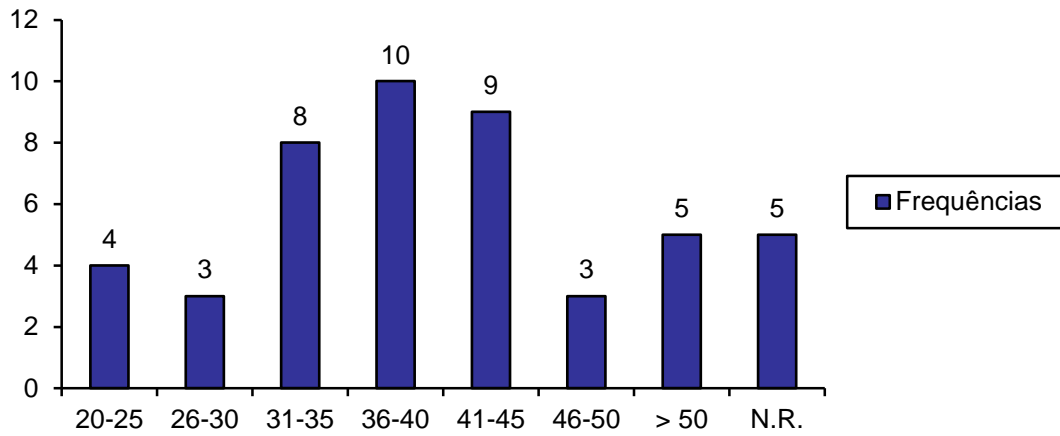
Esta escala é uma medida de autoavaliação, que permite avaliar os cinco Temperamentos (Depressivo, Ciclotímico, Irritável, Hipertímico e Ansioso). A utilização desta escala tem como finalidade identificar qual a tendência que cada indivíduo tem para um determinado temperamento.

Parte III – consiste na aplicação da **Escala de Auto-Apreciação Pessoal** (Ribeiro, 2006). Esta escala permite uma apreciação global referente ao sentimento geral que o indivíduo tem acerca de si próprio.

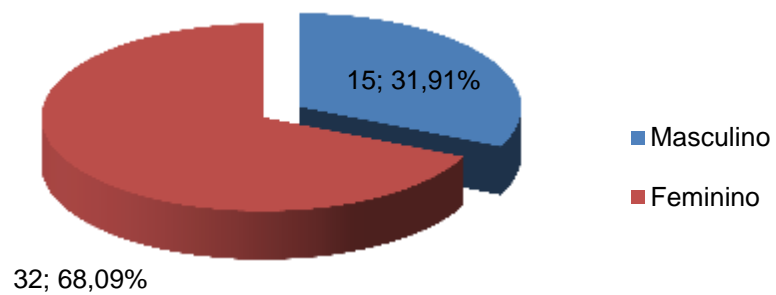
RESULTADOS

CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE ESTUDO

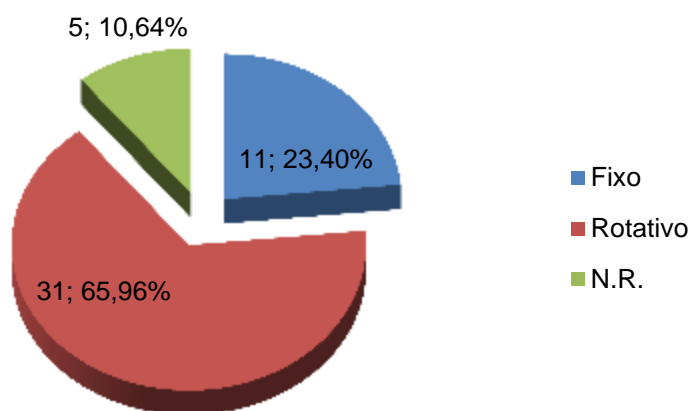
QUADRO 1
DISTRIBUIÇÃO POR GRUPO ETÁRIO



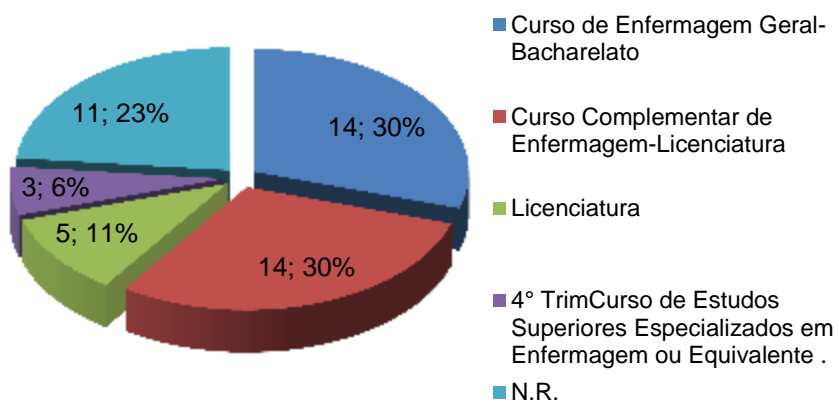
QUADRO 2
DISTRIBUIÇÃO POR SEXO



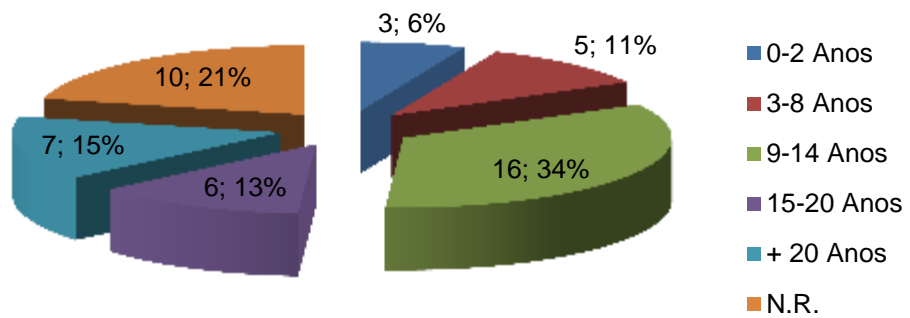
QUADRO 3
DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO O TIPO DE HORÁRIO DE TRABALHO



QUADRO 4
DISTRIBUIÇÃO POR HABILITAÇÕES PROFISSIONAIS

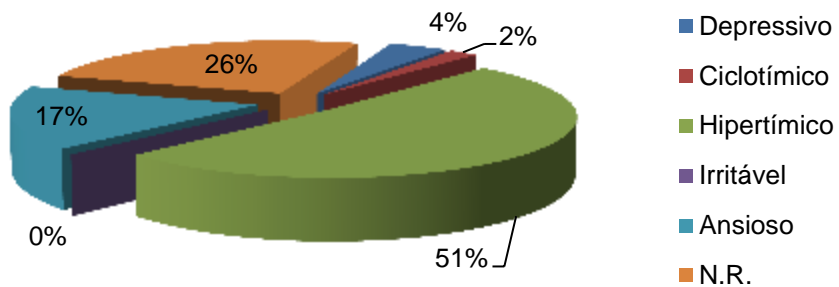


QUADRO 5
DISTRIBUIÇÃO SEGUNDO OS ANOS DE EXPERIÊNCIA EM SAÚDE MENTAL E
PSIQUIATRIA

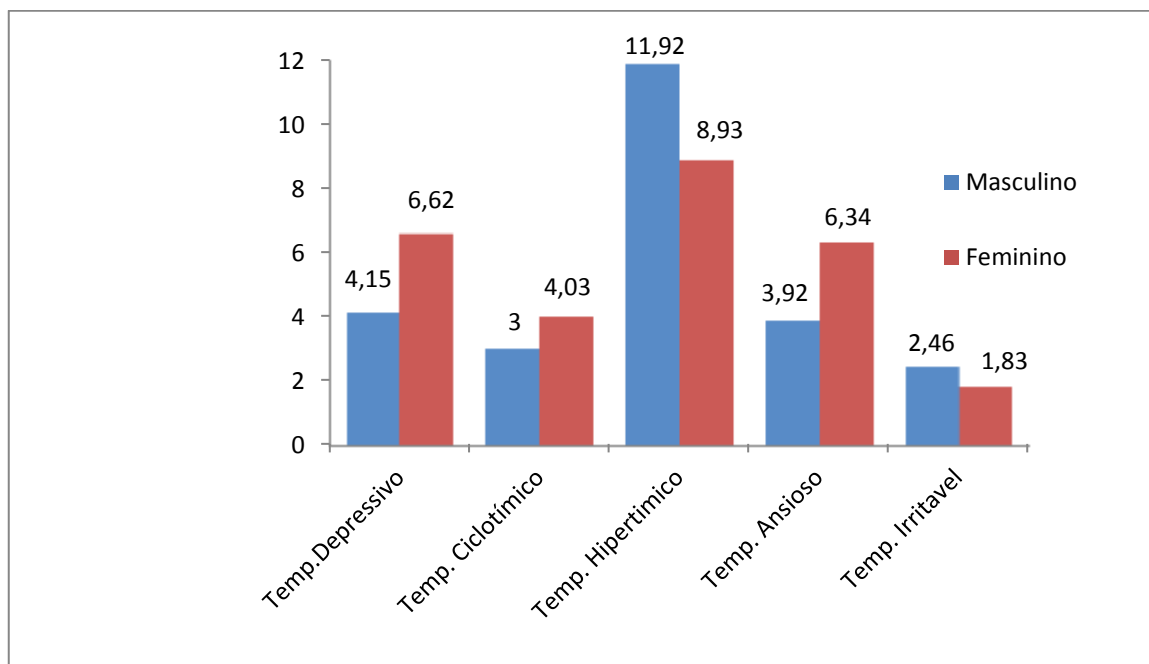


VARIAVEIS EM ESTUDO

QUADRO 6
FREQUÊNCIAS MÉDIAS DOS TEMPERAMENTOS



QUADRO 7
VALORES MÉDIOS DOS TEMPERAMENTO SEGUNDO O SEXO



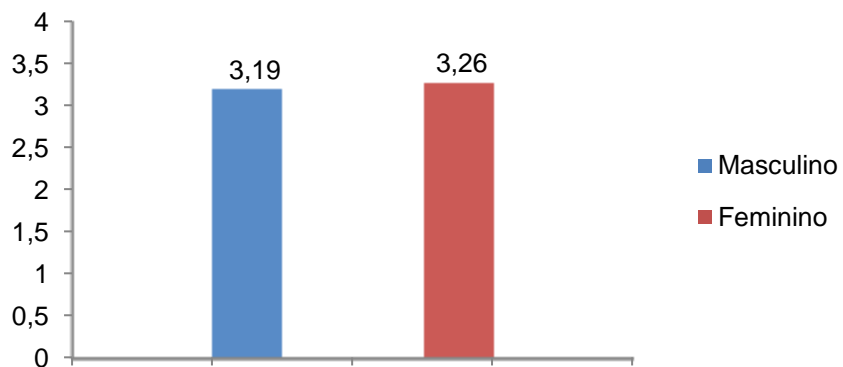
QUADRO 8
RELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO E OS TEMPERAMENTOS AFECTIVOS

	Temperamento Depressivo	Temperamento Ciclotímico	Temperamento Hipertímico	Temperamento Irritável	Temperamento Ansioso
Sexo	$\chi^2 = 9,09$ (10) $p > 0,05$	$\chi^2 = 5,39$ (10) $p > 0,05$	$\chi^2 = 15,00$ (16) $p > 0,05$	$\chi^2 = 13,57$ (7) $p > 0,05$	$\chi^2 = 13,57$ (16) $p > 0,05$
Idade	$r_s = -0,29$ $p > 0,05$	$r_s = -0,29$ $p > 0,05$	$r_s = 0,26$ $p > 0,05$	$r_s = -0,14$ $p > 0,05$	$r_s = -0,27$ $p > 0,05$
Estado Civil	$\chi^2 = 41,81$ (40) $p > 0,05$	$\chi^2 = 35,38$ (40) $p > 0,05$	$\chi^2 = 48,74$ (64) $p > 0,05$	$\chi^2 = 56,70$ (28) $p < 0,01$ (0,001)**	$\chi^2 = 49,02$ (60) $p > 0,05$
Tipo de Trabalho	$\chi^2 = 11,78$ (10) $p > 0,05$	$\chi^2 = 7,51$ (10) $p > 0,05$	$\chi^2 = 11,16$ (16) $p > 0,05$	$\chi^2 = 7,09$ (7) $p > 0,05$	$\chi^2 = 16,26$ (15) $p > 0,05$
Categoria Profissional	$\chi^2 = 29,22$ (30) $p > 0,05$	$\chi^2 = 34,53$ (30) $p > 0,05$	$\chi^2 = 62,53$ (48) $p > 0,05$	$\chi^2 = 30,14$ (21) $p > 0,05$	$\chi^2 = 53,74$ (45) $p > 0,05$
Habilitações Profissionais	$\chi^2 = 22,07$ (30) $p > 0,05$	$\chi^2 = 37,95$ (27) $p > 0,05$	$\chi^2 = 36,47$ (45) $p > 0,05$	$\chi^2 = 20,86$ (21) $p > 0,05$	$\chi^2 = 50,46$ (39) $p > 0,05$
Tempo de Serviço	$r_s = -0,30$ $p > 0,05$	$r_s = -0,32$ $p < 0,05$ (0,048) *	$r_s = 0,36$ $p < 0,05$ (0,03) *	$r_s = -0,04$ $p > 0,05$	$r_s = -0,23$ $p > 0,05$
Anos de Experiência em Serviços de Psiquiatria e Saúde Mental	$r_s = -0,20$ $p > 0,05$	$r_s = -0,15$ $p > 0,05$	$r_s = 0,26$ $p > 0,05$	$r_s = 0,11$ $p > 0,05$	$r_s = -0,06$ $p > 0,05$

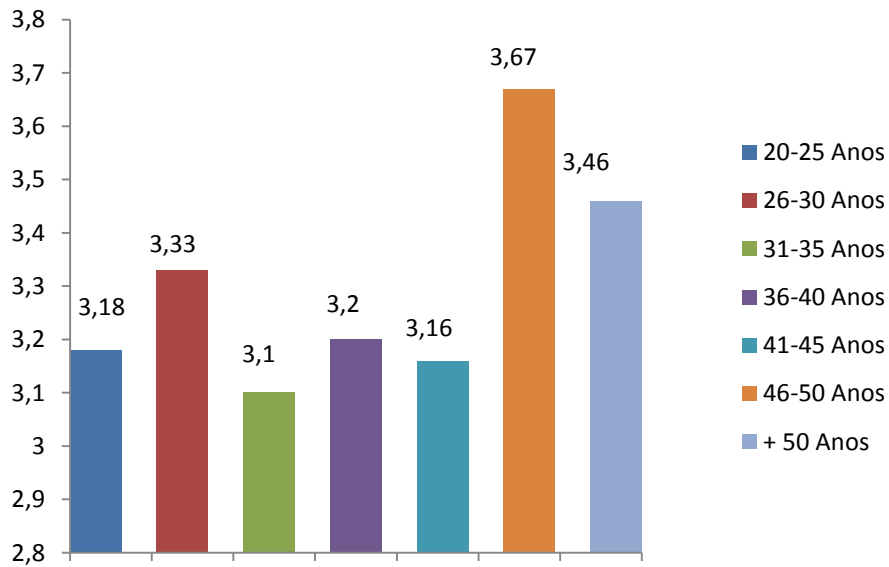
QUADRO 9
RELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO E A AUTO-APRECIÇÃO PESSOAL

	Auto-apreciação pessoal
Sexo	$\chi^2= 14,21 (12)$ $p > 0,05$
Idade	$r_s= 0,23$ $p > 0,05$
Estado Civil	$\chi^2=33,69 (38)$ $p > 0,05$
Tipo de Trabalho	$\chi^2=6,97 (12)$ $p > 0,05$
Categoria Profissional	$r_s= 0,13$ $p > 0,05$
Habilitações Profissionais	$r_s= 0,09$ $p > 0,05$
Tempo de Serviço	$r_s= 0,12$ $p > 0,05$
Anos de Experiência em Serviços de Psiquiatria e Saúde Mental	$r_s= 0,02$ $p > 0,05$

QUADRO 10
VALORES DE AUTO-APRECIÇÃO PESSOAL SEGUNDO O SEXO



QUADRO 11
VALORES DE AUTO-APRECIÇÃO PESSOAL SEGUNDO A IDADE



QUADRO 12
RELAÇÃO ENTRE OS TEMPERAMENTOS AFECTIVOS E AUTO-APRECIÇÃO PESSOAL

	Auto-apreciação pessoal
Temperamento Depressivo	$\chi^2= 126,97 (120)$ $p>0,05$
Temperamento Ciclotímico	$\chi^2= 146,78 (120)$ $p<0,05 (0,0499)$
Temperamento Hipertímico	$\chi^2= 161,31 (180)$ $p>0,05$
Temperamento Irritável	$\chi^2= 86,00 (84)$ $p>0,05$
Temperamento Ansioso	$\chi^2= 221,03 (180)$ $p<0,05 (0,02)$

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O grupo de estudo apresenta-se distribuído de uma forma equilibrada em termos de **Idade**, sendo constituído por indivíduos de idades compreendidas entre os 22 anos, idade esta em que geralmente se inicia a actividade profissional e os 58 anos, que é próxima da idade de reforma ($MD=38,5$ anos). O **Grupo Etário** que apresenta uma maior percentagem encontra-se compreendido entre 36 e 40 anos de idade (21,28%), seguido do grupo etário compreendido entre os 41 e 45 anos de idade (19,15%).

Relativamente ao **Sexo**, verifica-se que o sexo feminino (68,09%) prevalece sobre o sexo masculino (31,91%), o que se verifica na maior parte dos estudos realizados na área da Enfermagem.

No que diz respeito à **Categoria Profissional**, verifica-se a existência de uma pequena percentagem de Enfermeiros Especialistas (4,26%), e uma grande percentagem de Enfermeiros Graduados (63,83%).

A diminuída percentagem de Enfermeiros Especialistas na população pode dever-se ao facto da oferta de cursos de especialização na área de Saúde Mental e Psiquiatria ser actualmente reduzida.

Em relação, ao **Temperamento Afectivo**, 51,08% dos indivíduos que fazem parte da população em estudo apresentam Temperamento Hipertímico. Estas características poderão estar relacionadas com as próprias exigências da profissão nesta área de Saúde Mental e Psiquiatria, ou seja, com a postura que lhes é imposta pelos utentes/família ou até mesmo pela própria sociedade.

Ainda, no grupo estudado, 17,02% dos indivíduos apresentam Temperamento Ansioso. Estas características poderão estar relacionadas com o stress inerente às situações com que os enfermeiros de Saúde Mental e Psiquiatria se deparam no seu local de trabalho.

No que diz respeito aos resultados médios do **Índice de Auto-Apreciação Pessoal**, verifica-se que a média é de 3,23 ($s = 0,48$), revelando, deste modo, nos indivíduos um Índice de Auto-Apreciação Pessoal favorável, ou seja, uma Auto-Apreciação elevada. Tal facto pode ser sustentado pelo conceito adiantado por Gecas (1982) segundo o qual o desenvolvimento do auto-conceito, como constructo fundamental da personalidade, é influenciado por vários factores, tais como o aspecto físico, nível de inteligência, emoções, padrões culturais, escola, família e *status* social.

Desta forma, pela nossa análise, os enfermeiros poderão, de acordo com o seu estatuto social e nível de inteligência, ter uma auto-estima mais elevada. Concorda-se com a ideia do autor

supracitado já que, o nível de inteligência e estatuto social podem mutuamente elevar os níveis de auto-estima nos enfermeiros.

Seguindo a mesma linha pensamento de os enfermeiros apresentam atitudes e comportamentos como a motivação, grande dinamismo, curiosidade, entre outros, características estas do temperamento hipertímico. Deste modo, considera-se que estas características estão intimamente relacionadas com níveis de auto-estima elevados, influenciando, assim, o auto-conceito dos enfermeiros.

Verifica-se que a relação entre a Auto-apreciação e os Temperamentos Ciclotímico e Ansioso é estatisticamente significativa.

No que diz respeito aos temperamentos depressivo, ciclotímico e ansioso o sexo feminino apresenta uma média mais elevada que o sexo masculino, ou seja, as mulheres têm maior tendência para exibir estes tipos de temperamentos. Valente (2002:164), refere que *a pressão cultural maior sobre o sexo feminino pode levá-lo a uma maior dependência em relação às percepções e expectativas dos outros significativos. Este facto pode originar menor auto-conceito ao nível da maturidade psicológica, do que no sexo masculino.*

Constata-se ainda, que o sexo feminino apresenta uma média mais elevada no que diz respeito à Auto-apreciação Pessoal. Estes resultados estão em discordância com Veiga, citado por Valente (2002:164), que refere *existirem médias mais baixas do auto-conceito no sexo feminino em que este apresentava menor satisfação- felicidade, menos confiança nas suas capacidades, menores resultados no estatuto intelectual (...).*

Os resultados do nosso estudo estão também em discordância com os encontrados por Flaherty, citado por Valente (2002:158), pois *estes autores assinalam diferenças específicas no auto-conceito que vão ao encontro dos estereótipos sexuais tradicionais.* Da mesma forma Harter, citada por Valente (2002:158), refere *resultados em que os sujeitos do sexo masculino apresentam um conceito de aparência física e competências superior ao do sexo feminino, enquanto que nas dimensões sociais do auto-conceito existem divergências.* As diferenças no auto-conceito entre indivíduos do sexo feminino e masculino, segundo Valente (2002:158), são atribuídas à *percepção diferencial que ambos os sexos têm das suas capacidades, ou seja, os indivíduos do sexo feminino tendem a avaliar menos positivamente as suas capacidades.*

CONCLUSÃO

O grupo estudado tem idades compreendidas entre os 22 e os 58 anos de idade ($MD=38,5$), sendo 31,91% do sexo masculino e 68,09% do sexo feminino, com 4,3% de Enfermeiros Especialistas.

Em relação, ao temperamento afectivo pode-se afirmar que 51% dos indivíduos apresentam Temperamento Hipertímico.

Este temperamento apresenta determinadas características nomeadamente: grande dinamismo, curiosidade, extravagância, desorganização, impulsividade, ambição por relações afectivas rápidas e intensas, inquietação, tédio e irritabilidade. Estas características poderão estar relacionadas com as próprias exigências da profissão na área de Saúde Mental e Psiquiatria, No que diz respeito aos resultados médios do Índice de Auto-Apreciação Pessoal, verifica-se que a média é de 3,23 ($s=0,48$), revelando um Índice de Auto-Apreciação Pessoal elevado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKISKAL, H. (2005). TEMPS: Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego. **Journal of Affective Disorders** (85).
- CHESS, S.; THOMAS, A. (1996) **Temperament: Theory and Practice**. In: Temperament – Theory and Practice, Chess, S.; Thomas, A. (Orgs.): Brunner/Mazel, Publishers: New York.
- GECAS, V. (1982). The self-concept. **Annual Reviews of Sociology**, 8, 1-33.
- RIBEIRO, J.L.P. (2006). **Desenvolvimento de uma escala de Auto-apreciação pessoal**. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, disponível em <http://www.fpce.up.pt>, acedido a 26-04-2006 às 12:06.
- RIBEIRO, J.L.P.; RIBEIRO, L. (2003). Estudo de validação de uma escala de auto-conceito físico para homens jovens adultos. **Análise Psicológica**, 4(XXI): Lisboa.
- REICH, W. **Análise do carácter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- VAZ SERRA, Adriano. (1988). O Auto-Conceito. **Análise Psicológica**, 2(VI): Lisboa.
- VALENTE, Irene (2002). **Autoconceito em Estudantes de Enfermagem**. 1ª ed. Editora Quarteto: Coimbra.



Contents lists available at ScienceDirect

Journal of Affective Disorders

journal homepage: www.elsevier.com/locate/jad

Research report

Temperament in Portuguese university students as measured by TEMPS-A: Implications for professional choice

M. Luisa Figueira^{a,*}, Lara Caeiro^b, Ana Ferro^a, Raul Cordeiro^c, Pedro M. Duarte^d, Hagop S. Akiskal^e, Kareen K. Akiskal^f

^a Department of Psychiatry, Faculty of Medicine, University of Lisbon, Santa Maria Hospital, Lisbon, Portugal

^b Institute of Molecular Medicine, Faculty of Medicine, University of Lisbon, Portugal

^c Superior Health School of Portalegre, Portugal

^d Manic Depressive Association, Lisbon, Portugal

^e International Mood Centre, University of California at San Diego, La Jolla, CA, USA

^f International Mood Center, La Jolla, CA, USA

ARTICLE INFO

Article history:

Received 22 June 2009

Received in revised form 8 October 2009

Accepted 8 October 2009

Available online xxx

Keywords:

Temperament

TEMPS-A

Portugal University students, physicians, nurses and engineers

ABSTRACT

Background: The structure of temperament displays subaffective traits as attributes of adaptive value. There are few studies on how different professions compare on temperaments. Our aim was to examine the relationship between the choices of Portuguese students in their fields of study, and their respective temperaments.

Methods: The sample included 1386 students from six different universities (law, engineering, arts, medicine, psychology, and nursing), of both genders (67% female), and ages between 17 and 58 ($X \pm SD = 21 \pm 3.4$).

Results: Law and art students presented a cyclothymic or irritable temperament. Engineering students presented a hyperthymic temperament. Psychology and nursing students presented predominantly depressive and anxious temperaments. Medicine students were least extreme in temperament scores or frequencies.

Limitations: Nursing students came largely from one university located in a Portuguese city (northeast from Lisbon) which could be a potential limitation to be confirmed.

Conclusions: Distinct temperamental profiles of students enrolled in different professional fields could be identified in our sample taking into account the presence or absence of excessive temperaments. Future physicians did not present a predominant temperament, future lawyers and artists presented predominantly a cyclothymic or irritable temperament, future engineers presented a hyperthymic temperament and, future psychologists and nurses presented predominantly depressive and anxious temperaments.

© 2009 Elsevier B.V. All rights reserved.

1. Introduction

The structure of temperament as reported by Akiskal and Akiskal (2005) shows subaffective traits as "positive" attributes of adaptive value, providing a description of patients

and reporting their vulnerabilities and personal assets, which is important in the readjustment during the recovery process. This approach was pioneered by Mackinnon (1965) and Barron (1972), and has been subsequently extended to art students and the study of temperament in different professional domains. For instance, in a sample of psychiatric outpatients, Akiskal et al (2005a) reported that physicians were most dysthymic, managers were predominantly hyperthymic but not cyclothymic, industrialists were mostly hyperthymic, journalists presented either a cyclothymic or

* Corresponding author. Department of Psychiatry, University of Lisbon, Hospital de Santa Maria, Av. Prof. Egas Moniz, 164B-028 Lisbon, Portugal. Tel.: +351 217805029; fax: +351 217805625.

E-mail address: cmessa@me.com (M.L. Figueira).

hyperthymic temperament, architects were as cyclothymic as dysthymic but not hyperthymic, and artists were predominantly cyclothymic.

With this background, our objective was to find out which temperaments were related to the professions chosen by Portuguese university students.

2. Methods

2.1. Measures

The TEMPS-A (Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego-Autoquestionnaire) is a 110-item temperament scale in 5 dimensions (sub-scales: depressive, cyclothymic, hyperthymic, irritable and anxious). It is a "yes" or "no" type self-report questionnaire developed by Akiskal and collaborators (Akiskal and Akiskal, 2005; Akiskal et al., 2005b) in 12 languages and validated in the Portuguese population by Figueira and collaborators (2008).

The Portuguese-Lisbon validation study upheld 5 factors presenting a good to moderate internal consistency coefficient ($\alpha=0.67$ to 0.83) and with a mildly higher scores of hyperthymic and anxious sub-scales. Subjects scoring above the 22 score (the cut-point) were considered to have an excessive temperament, that is scoring ≥ 13 points in the depressive sub-scale, ≥ 16 points for the cyclothymic, ≥ 20 for the hyperthymic, ≥ 12 for the irritable and ≥ 19 for the anxious (Figueira et al., 2008).

2.2. Subjects

We included 1386 university students from Portugal, in six different universities: Law ($n=196$), Engineering ($n=263$), Arts ($n=114$), Psychology ($n=349$), Medicine ($n=235$), and Nursing ($n=229$). Subjects were of both genders with a mean age of 21 years old ($SD=3.4$, Median = 20). We did not screen subjects for psychiatric or family history of a psychiatric disorder.

2.3. Statistics

The total score of TEMPS and of each subscale was the result of the sum of all "true" answers, and missing values were considered as "absent", scored zero.

Correlations among the five subscales were performed using the Pearson's bivariate correlation.

One-Sample Kolmogorov-Smirnov Test was used to evaluate the distribution for each sub-scale and for the total 110-scale.

ANOVA test (F) was used to compare a) ages, and b) means scores in each sub-scale among the six groups of university students. Comparison of means among the 5 subscales, in each university group, was performed using the paired t -test (t).

Chi-square (χ^2) was used to compare frequencies 1) in the sample of students, and 2) of subjects scoring higher or above the 22 scores/cut-points, among the six university groups, in each subscale.

The overall analysis was performed using the SPSS 16 with a maximum two-tailed p -value of 0.05.

3. Results

3.1. Comparisons among the six university groups

3.1.1. Demographic characteristics by temperament in the six groups

In five groups, excluding engineering, there were more females than males ($\chi^2=284$, $p<0.001$), which reflects the gender ratio of students in the university population in Portugal. The comparison between genders in temperament distribution will be the subject of a subsequent analysis.

There were differences in mean age ($F=18.59$, $p<0.001$) between the six university groups (Mean \pm SD: Law: 20.8 ± 4.7 ; Engineering: 22.1 ± 4 ; Arts: 19.7 ± 1.8 ; Psychology: 21.4 ± 3.7 ; Medicine: 19.7 ± 1.8 ; Nursing: 21 ± 1.8). Students from medicine and arts were younger than students from the remaining groups and students from engineering were older than the students from the other 5 groups.

3.1.2. Correlation among the 5 sub-scales

One-Sample Kolmogorov-Smirnov Test for each sub-scale (p -value <0.000) and for the total scale (p -value <0.001) scores suggested that the data did not follow a specific distribution.

Scales were mostly correlated with each other (Pearson's correlations: Depressive-Cyclothymic = 0.46; Depressive Hyperthymic = -0.40 ; Depressive-Irritable = 0.28; Depressive-Anxious = 0.59; Cyclothymic-Hyperthymic = -0.11 ; Cyclothymic-Irritable = 0.53; Cyclothymic-Anxious = 0.52; Hyperthymic-Anxious = -0.26 ; Irritable-Anxious = 0.41); only subscales of the hyperthymic and irritable were uncorrelated.

3.1.3. Comparisons of means among the 6 university groups (Table 1)

Using the ANOVA test to compare the means among of the six university groups, the results revealed that for the depressive temperament subjects from engineering had the lowest mean scores. For the cyclothymic temperament, subjects from law and arts groups had the highest mean scores. For the hyperthymic temperament, subjects from the engineering group had the highest mean scores and subjects from medicine had the lowest mean scores. For the irritable temperament, subjects from law and arts groups had the highest mean scores. For the anxious temperament, subjects from law and nursing groups had the highest mean scores. For the total score in the TEMPS, the medicine group had the lowest scale scores and the law group had the highest means scale scores (Table 1).

3.1.4. Comparisons of frequencies among the 6 university groups (Table 1, Fig. 1)

The comparison of the frequencies of subjects presenting scores higher than the 22 scores/cut-point among the 6 university groups presented statistical significances such as: 1) nursing was the group with the highest frequency on depressive ($\chi^2=1.27$, $p<0.01$), cyclothymic ($\chi^2=82.4$, $p<0.01$), irritable ($\chi^2=85.2$, $p<0.01$) and anxious ($\chi^2=1.83$, $p<0.01$) temperaments. Nevertheless, for the depressive and cyclothymic temperament law group presented high frequencies, and for the irritable temperament law group also presented a high

Table 1
Description of each sub-scale of the TEMPS in the 6 groups of students: 1) Means \pm SD, 2) Median, minimum and maximum, 3) number of subjects scoring above the cut-point of ZZ-score.

		Depressive	Cyclothymic	Hyperthymic	Irritable	Anxious
Law	Mean scores \pm SD	6.73 \pm 3.05	8.18 \pm 4.36	11.62 \pm 4.23	5.62 \pm 3.59	10.16 \pm 5.03
N = 196	Median (min-max)	6.00 (0-19)	8.00 (0-21)	12.00 (1-21)	5.00 (0-16)	10.00 (0-23)
	No. subjects scoring > ZZ	12	13	1	19	6
Engineer	Mean scores \pm SD	5.90 \pm 2.93	6.55 \pm 4.17	12.64 \pm 4.58	4.90 \pm 3.35	7.32 \pm 5.37
N = 263	Median (min-max)	5.00 (1-19)	6.00 (0-19)	13.00 (0-21)	4.00 (0-16)	6.00 (0-24)
	No. subjects scoring > ZZ	6	11	12	11	13
Arts	Mean scores \pm SD	6.79 \pm 2.82	8.75 \pm 4.34	10.25 \pm 3.89	5.48 \pm 3.40	8.75 \pm 4.88
N = 114	Median (min-max)	6.00 (1-15)	8.00 (0-19)	10.00 (1-21)	5.00 (0-17)	8.00 (0-21)
	No. subjects scoring > ZZ	3	6	1	4	4
Psychology	Mean scores \pm SD	6.91 \pm 3.05	6.60 \pm 4.10	11.01 \pm 4.01	4.24 \pm 2.81	8.93 \pm 4.92
N = 349	Median (min-max)	7.00 (1-21)	6.00 (0-19)	11.00 (1-20)	4.00 (0-12)	9.00 (0-24)
	No. subjects scoring > ZZ	17	12	1	2	13
Medicine	Mean scores \pm SD	6.36 \pm 2.88	6.19 \pm 4.01	9.69 \pm 4.20	4.16 \pm 3.04	7.98 \pm 4.50
N = 235	Median (min-max)	6.00 (1-18)	6.00 (0-18)	10.00 (1-19)	4.00 (0-14)	7.00 (0-21)
	No. subjects scoring > ZZ	7	5	0	6	6
Nursing	Mean scores \pm SD	7.47 \pm 3.03	7.47 \pm 4.49	10.11 \pm 4.38	4.24 \pm 3.56	10.42 \pm 5.29
N = 229	Median (min-max)	7.00 (0-15)	7.00 (0-19)	10.00 (1-20)	3.00 (0-18)	10.00 (0-26)
	No. subjects scoring > ZZ	57	46	2	40	69
ANOVA (F)		7.87*	10.40*	15.98*	8.20*	135.3*
Chi-square		127.2*	82.38*	30.81*	85.20*	183.3*

ZZ: Z-value used as the cut-point; ANOVA (F): comparison of means among the 6 university groups; Chi-square: comparison of the number subjects scoring above or higher the cut-point, among the 6 university groups. *p-value \leq 0.001.

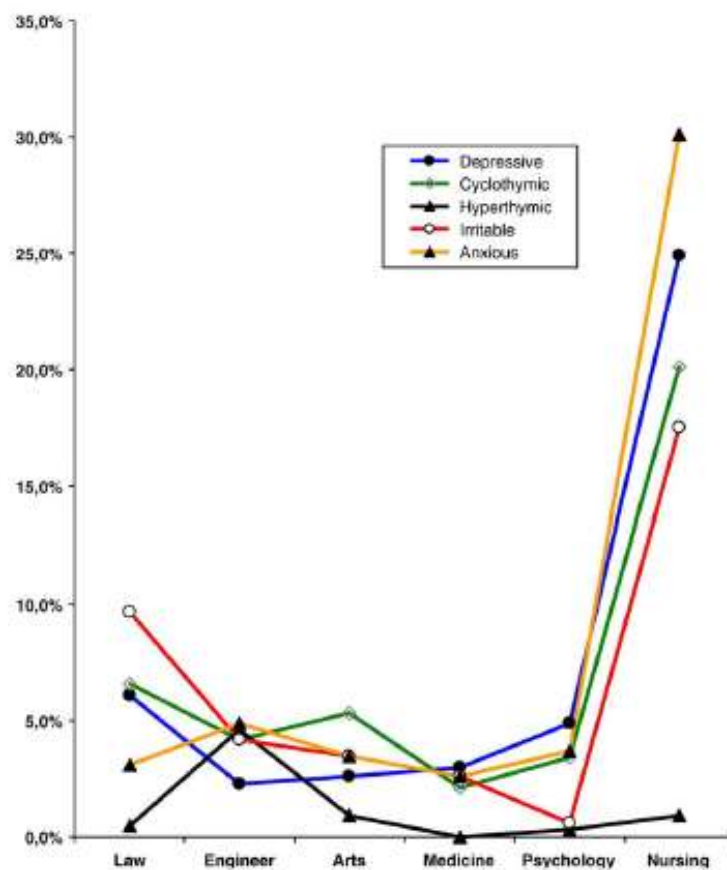


Fig. 1. Percentages of students presenting scores above the ZZ/cut-point score, in each of the 6 groups of students.

Please cite this article as: Figueira, M.L., et al. Temperament in Portuguese university students as measured by TEMPS-A: Implications for professional choice. J. Affect. Disord. (2009), doi:10.1016/j.jad.2009.10.005

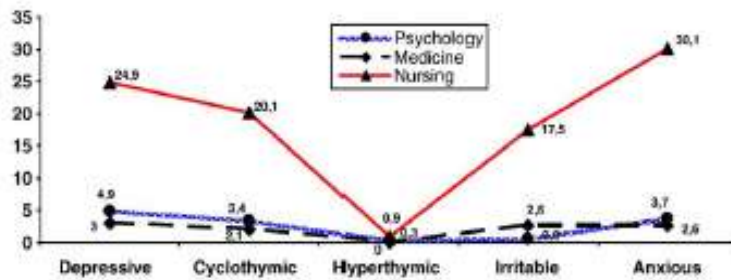


Fig. 2. Percentages of students presenting scores above the 22 cut-point score, in 3 health related university students (psychology, medicine and nursing).

frequency and psychology group had the lowest frequencies. As for the anxious temperament there were no major differences. 2) Engineering was the group with the highest frequency on hyperthymic temperament ($\chi^2 = 30.81$, $p < 0.001$; Table 1, Fig. 1).

3.2. Temperament in health related university students (psychology, medicine, and nursing)

3.2.1. Comparisons of frequencies (Fig. 2)

Using the cut-point of scores above the 22 scores, the nursing group presented the highest frequency of depressive ($\chi^2 = 79.8$, $p \leq 0.01$), cyclothymic ($\chi^2 = 68.2$, $p \leq 0.01$), irritable ($\chi^2 = 77.7$, $p \leq 0.01$), and anxious ($\chi^2 = 1.23$, $p \leq 0.01$) temperament, and the medicine group the lowest frequency. For the hyperthymic temperament there was no statistical differences between the health related groups ($\chi^2 = 2.52$, $p \leq 0.28$; Fig. 2).

3.2.2. Comparisons of means in each of the 3 health related groups (psychology, medicine, and nursing) (Table 2)

A comparison of the means in the five subscales, independently in each of the three university groups, was performed using the paired t-test. There were differences in means except in the psychology and the medicine groups between the depressive/cyclothymic subscales and in the nursing group between the depressive/cyclothymic subscales and between hyperthymic/anxious subscales (Table 2).

3.2.3. Comparison of means in each of the 5 sub-scales, among the 3 health related groups (psychology, medicine, and nursing) (Fig. 3)

Using the ANOVA test, we observed differences in means in the depressive ($F = 8.02$, $p < 0.01$), cyclothymic ($F = 5.67$, $p < 0.01$), hyperthymic ($F = 7.67$, $p < 0.01$) and anxious ($F = 14.65$, $p < 0.01$) subscales. For the depressive, cyclothymic and anxious subscales, the nursing group had the highest scale scores, and for the hyperthymic subscale the psychology group had the highest scale scores (Fig. 3).

There was also a difference in means in the total scale scores among the three groups ($F = 12.43$, $p < 0.01$).

3.2.4. Correlations of scores among the 5 subscales, in each of the 3 groups (psychology, medicine, and nursing) (Table 3)

In the psychology university group, all subscales were correlated. In the medicine university group, all, but hyperthymic/cyclothymic and hyperthymic/irritable subscales, were correlated. In the nursing university group, except hyperthymic/irritable and hyperthymic/anxious subscales, the remaining scales were correlated (Table 3).

4. Discussion

There are very few studies in the literature on how different professions compare on temperaments. There are even fewer studies, which examine temperaments within the same profession divided on the basis of speciality. One such study was that of Christodoulou (1994) which showed that psychiatrists were intermediate between surgeons and

Table 2

Paired t-test between the 5 sub-scales of the TEMPS, in the 3 health related university students.

Faculty groups		Cyclothymic	Hyperthymic	Irritable	Anxious
Psychology	Depressive	1.57	-12.60(*)	15.17(*)	-9.97(*)
	Cyclothymic		-13.23(*)	12.78(*)	-10.11(*)
	Hyperthymic			24.57(*)	5.27(*)
	Irritable				-19.86(*)
Medicine	Depressive	0.69	-8.65(*)	9.75(*)	-6.72(*)
	Cyclothymic		-9.01(*)	9.15(*)	-6.52(*)
	Hyperthymic			17.42(*)	3.87(*)
	Irritable				-14.53(*)
Nursing	Depressive	0.02	-6.24(*)	12.82(*)	-10.74(*)
	Cyclothymic		-5.91(*)	13.45(*)	-9.32(*)
	Hyperthymic			15.97(*)	-0.60
	Irritable				-19.42(*)

* p-value < 0.01 (2-tailed).

Please cite this article as: Figueira, M.L., et al. Temperament in Portuguese university students as measured by TEMPS-A: Implications for professional choice. J. Affect. Disord. (2009), doi:10.1016/j.jad.2009.10.005

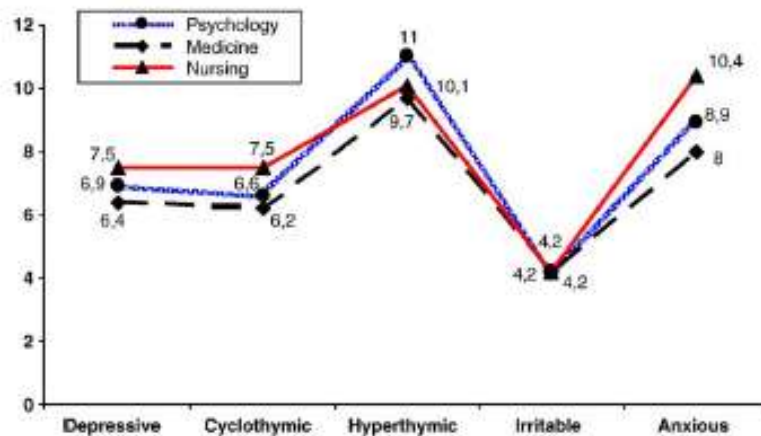


Fig. 3. Mean scores in each sub-scale, among the 3 health related university students (psychology, medicine and nursing).

internists as far as neuroticism is concerned. Our study looked at a broader question comparing six different professional domains.

In order to examine the relationship between the various choices of Portuguese students in their fields of study, and their respective temperaments, we studied 1386 students of both genders from six universities (Law, Engineering, Arts, Psychology, Medicine, and Nursing).

Nursing was the group with the highest frequencies of 22 scores in depressive, cyclothymic, irritable and anxious subscales. A possible explanation was that nursing students came from a city in the northeast part of the country, while the majority of the students, came from other universities in Lisbon. Even if there is an absence of research comparing geographical location and temperament in the same country, this is a potential limitation that could be addressed in future studies with a different nursing student population from Lisbon.

The statistical analysis showed that: 1) Depressive temperament was less excessive in engineering students and was most frequent in law, psychology and nursing groups. 2) Cyclothymic temperament was most excessive in law, arts and nursing students. 3) Hyperthymic temperament was mildly frequent in engineering students and being almost inexistent in the remaining groups. 4) Irritable temperament was most extreme in the law, arts and nursing

group. 5) Anxious temperament was most extreme in law, psychology and nursing groups.

The analysis supported what was previously reported, that hyperthymic subscale was uncorrelated with the irritable subscale for the sample of the 6 groups and for each of the 3-health groups. The remaining correlations between the other subscales were mild or moderate. This observation had been previously reported for the Portuguese population [Figueira et al., 2008]. The independence of the hyperthymic temperament from the irritable temperament was also reported for the Italian (Pompili et al., 2008) and German populations (Blöink et al., 2005).

It would be interesting to study a sample with active professionals and compare with students, because some of these will not be working in what they have been studying for and because those with extreme temperament could give-up their profession or study for another one. In Portugal, it is common for nursing professionals to subsequently study psychology and give up their nursing activity.

Comparing the three health related university students (psychology, medicine and nursing), nursing students presented excessive scores the highest frequencies in the depressive, cyclothymic and anxious sub-scales.

In conclusion, future lawyers and artists presented a cyclothymic or irritable temperament. Future engineers presented a

Table 3

Correlations between the 5 sub-scales of the TEMPS, in the 3 health related university students.

Faculty groups		Cyclothymic	Hyperthymic	Irritable	Anxious
Psychology	Depressive	.500(**)	-.478(**)	.374(**)	.633(**)
	Cyclothymic		-.182(**)	.558(**)	.557(**)
	Hyperthymic			-.113(*)	-.363(**)
	Irritable				.457(**)
Medicine	Depressive	.458(**)	-.370(**)	.317(**)	.574(**)
	Cyclothymic		-.051	.562(**)	.518(**)
	Hyperthymic			.124	-.213(**)
	Irritable				.484(**)
Nursing	Depressive	.436(**)	-.469(**)	.341(**)	.592(**)
	Cyclothymic		-.160(*)	.617(**)	.529(**)
	Hyperthymic			-.032	-.338
	Irritable				.464(**)

*p-value < 0.05 (2-tailed).

**p-value < 0.01 (2-tailed).

Please cite this article as: Figueira, M.L., et al., Temperament in Portuguese university students as measured by TEMPS-A: Implications for professional choice, *J. Affect. Disord.* (2009), doi:10.1016/j.jad.2009.10.005

hyperthymic temperament. Future psychologists and nurses presented predominantly depressive and anxious temperaments. Finally, future medical doctors did not present a predominant temperament.

Role of funding source

Nothing declared.

Conflict of interest

No conflict declared.

References

- Akiskal, H.S., Akiskal, K.K. (Eds.), 2005. TEMPS: Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego; Special Issue, *J. Affect. Disord.*, vol. 85, pp. 1–2.
- Akiskal, K.K., Savino, M., Akiskal, H.S., 2005a. TEMPS: temperaments profiles in physicians, lawyers, managers, industrialists, architects, journalists, and artist: a study in psychiatric outpatients, *J. Affect. Disord.* 85, 201–206.
- Akiskal, H.S., Akiskal, K.K., Haykal, R., Manning, J.S., Connor, P., 2005b. TEMPS-A: progress towards validation of a self-rated clinical version of the temperament evaluation of the Memphis, Pisa, Paris, and San Diego Auto-questionnaire, *J. Affect. Disord.* 85, 3–16.
- Barron, F.A., 1972. *Artists in the making*. Seminar Press, New York.
- Blink, R., Brieger, P., Akiskal, H.S., Marneros, A., 2005. Factorial structure and internal consistency of the German TEMPS-A scale: validation against the Neo-PI questionnaire, *J. Affect. Disord.* 85, 77–83.
- Christodoulou, G., 1994. Personality characteristics of psychiatric trainees. In: Christodoulou, G.N., Kontasakis, V.P. (Eds.), *Topics in preventive psychiatry*. Karger, Basel, pp. 137–142.
- Figueira, M.L., Caeiro, L., Ferro, A., Severino, I., Duarte, P.M., Abreu, M., Akiskal, H.S., Akiskal, K.K., 2008. Validation of the Temperament Evaluation of Memphis, Pisa, Paris and San Diego (TEMPS-A): Portuguese–Lisbon version, *J. Affect. Disord.* 111, 193–203.
- Mackinnon, D.W., 1965. Personality and the realization of creative potential, *Am. Psychol.* 20, 273–281.
- Pompili, M., Girardi, P., Tatarelli, R., Illiceto, P., De Pisa, E., Tondo, L., Akiskal, K.K., Akiskal, H.S., 2008. TEMPS-A (Rome): psychometric validation of affective temperaments in clinically well subjects in mid and south Italy, *J. Affect. Disord.* 107, 63–75.